

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

CAIO FELIPE GOMES VIOLIN

**A ICONOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DE SÃO BENEDITO EM ACERVO DE MUSEU**

Porto Alegre  
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



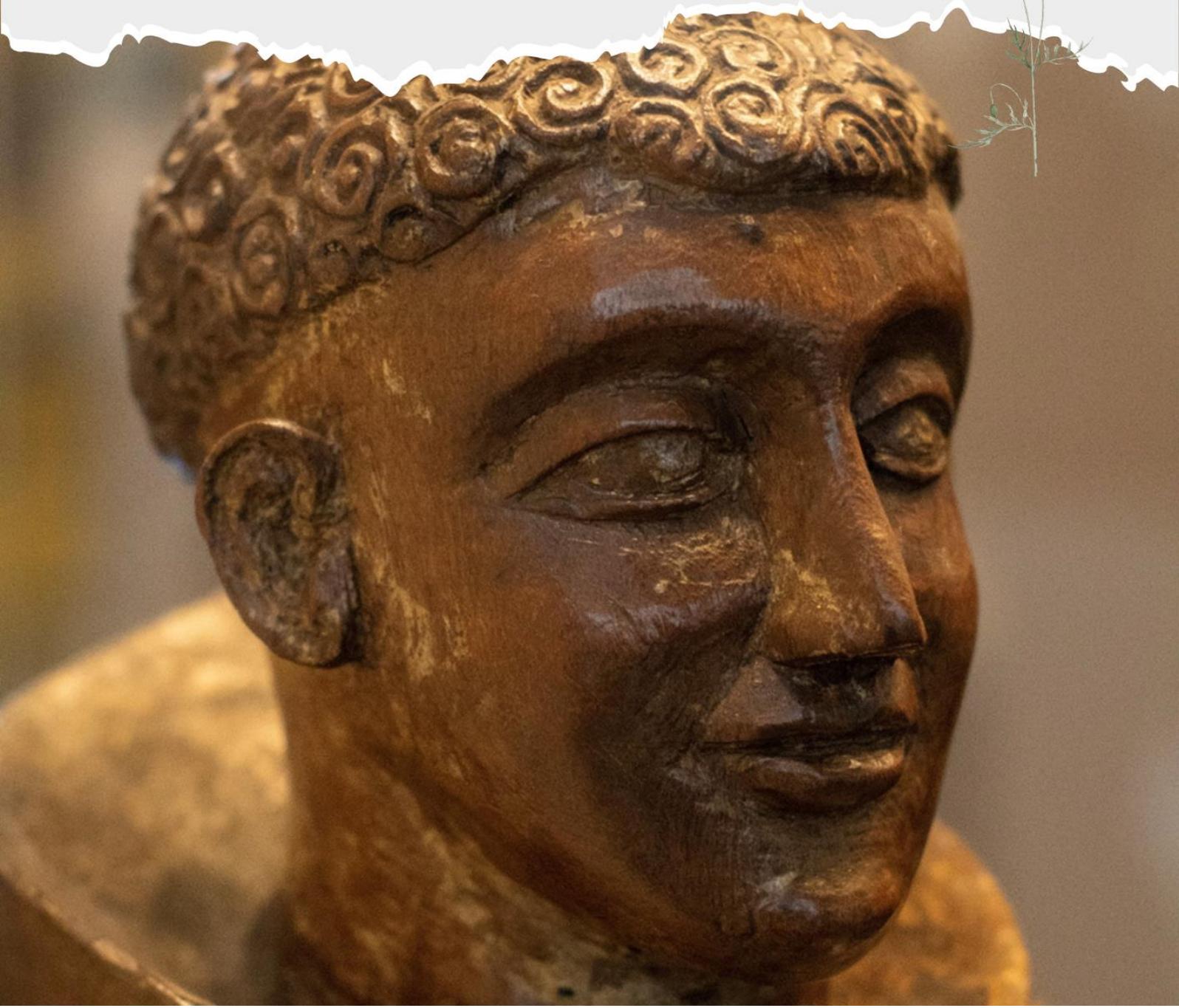
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul



ESCOLA DE  
HUMANIDADES

# A ICONOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DE SÃO BENEDITO EM ACERVO DE MUSEU

Caio Felipe Gomes Violin



ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

CAIO FELIPE GOMES VIOLIN

A ICONOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DE SÃO BENEDITO EM ACERVO DE  
MUSEU

Porto Alegre

2024

CAIO FELIPE GOMES VIOLIN

A ICONOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DE SÃO BENEDITO EM ACERVO DE  
MUSEU

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Prof. Dr. Ir. Edison Huttner

Porto Alegre

2024

## Ficha Catalográfica

V795i Violin, Caio Felipe Gomes

A iconologia na representação de São Benedito em acervo de museu / Caio Felipe Gomes Violin. – 2024.

113.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ir Edison Huttner.

1. Iconologia. 2. Representação. 3. São Benedito. 4. Museu. 5. Acervo. I. Huttner, Ir Edison. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

CAIO FELIPE GOMES VIOLIN

A ICONOLOGIA NA REPRESENTAÇÃO DE SÃO BENEDITO EM ACERVO DE  
MUSEU

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na área de concentração de História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Ir. Edison Huttner - PUCRS (Orientador)

---

Profa. Dra. Claudia Musa Fay – PUCRS

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira - FURG

Porto Alegre

2024

*À população negra, cuja história muitas vezes foi silenciada e esquecida, mas que resiste com coragem, força e dignidade. Que a memória e as contribuições inestimáveis de seus ancestrais sejam sempre reconhecidas e celebradas.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Número de Processo: 88887.611480/2021-00

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão a toda a ancestralidade negra que resistiu e persistiu antes de mim, por suas lutas que me inspiram e fortalecem.

À Capes e a todos os seus colaboradores, manifesto meu reconhecimento pela importante política pública que promove o fomento da pesquisa e da ciência no Brasil.

Quero estender meu agradecimento à minha família em especial à minha mãe, Débora Gomes, que sempre me apoiou e incentivou, aos meus colegas e amigos, em especial ao Padre Rafael Capelato, cuja excelência como historiador sempre foi uma fonte de inspiração para mim, e ao Padre André Luiz Bordignon Meira, que sempre esteve ao meu lado como um amigo leal.

Aos meus irmãos de turma da época do seminário, os Padres Jefferson, Vilmar, Cesar, e em particular ao Padre Marcelo, cujo apoio foi inestimável. Aos meus colegas durante o período do mestrado que se tornaram verdadeiros amigos, como Gisele Perna, e à minha grande amiga Nívia Romária Domingues Viçosa pelo companheirismo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ir. Edison Huttner, que soube estar presente para orientar, e aos demais professores do programa, em especial os Professores Dr. Charles Monteiro e Dra. Claudia Musa Fay, pelos ensinamentos durante as disciplinas.

Agradeço também aos meus amigos de trabalho, em especial ao grupo Quadrilha Pedagógica, à Professora Arlete de Nera de História, que além de colega, foi uma amiga inspiradora, à diretora Luciana, sempre prestativa e compreensiva, aos Professores Rose e Fabiano, verdadeiros amigos que estiveram ao meu lado, à minha primeira coordenadora, Diana, e à Lucimar. Não poderia deixar de mencionar meus colegas e amigos feitos na E. E. PEI Prof. Pedro Salvetti Netto, a diretora Rita de Cássia, a coordenadora Edilene Mascherpe e em especial as professoras Isabel Cristina e Zenaide Rocha. A colaboração e o apoio de cada uma delas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional, e sou profundamente grato por todas as experiências e aprendizados compartilhados ao longo desse tempo.

Por fim, expresso minha gratidão a Deus, cujo auxílio foi fundamental em todas as etapas deste percurso acadêmico. Como pessoa religiosa, agradeço também a São Benedito por sua intercessão e apoio nos momentos mais difíceis que enfrentei ao longo desta jornada.

Benedito, preto, filho de escravos, pobre, ei-lo nos altares!

Monsenhor Ascanio Brandão

## RESUMO

VIOLIN, Caio Felipe Gomes. **A iconologia na representação de São Benedito em acervo de museu.** 2024. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2024.

Esta dissertação de mestrado investiga a representação de São Benedito, explorando a interseção entre a iconologia e a história cultural. O estudo examina a construção imagética do santo, a partir das teorias de Erwin Panofsky e Roger Chartier, para entender como essas representações se relacionam com a identidade cultural afro-brasileira e o papel do santo na devoção popular. O trabalho está estruturado em três capítulos principais. O primeiro capítulo aborda a teoria da iconologia, detalhando os princípios e métodos desenvolvidos por Panofsky, e como esses métodos podem ser aplicados para interpretar as imagens de São Benedito. O segundo capítulo foca na gênese do santo e na construção de sua imagem, analisando o processo de canonização e a presença do negro na iconografia, com base em obras de artistas como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas. O terceiro capítulo apresenta o acervo iconográfico de São Benedito no Museu Afro Brasil, aplicando a análise crítica do método iconológico para entender a origem e o propósito das peças. A pesquisa responderá à questão de como a relação de poder influencia a iconografia de São Benedito e como as práticas culturais moldam a representação do santo. A metodologia adotada combina a história cultural com a iconologia, permitindo uma análise aprofundada das imagens e de seu impacto na construção da identidade cultural afro-brasileira. Este estudo contribui para a compreensão da importância de São Benedito nas práticas devocionais e culturais no Brasil, celebrando os 500 anos do nascimento do santo e oferecendo uma visão enriquecedora sobre a relação entre história e iconografia.

**Palavras-chave:** Iconologia; Representação; São Benedito; Museu; Acervo.

## ABSTRACT

VIOLIN, Caio Felipe Gomes. **Iconology in the Representation of Saint Benedict in Museum Collections.** 2024. 113 p. Dissertation (Master's in History) – Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, 2024.

This master's dissertation investigates the representation of Saint Benedict, exploring the intersection between iconology and cultural history. The study examines the imagery of the saint using the theories of Erwin Panofsky and Roger Chartier to understand how these representations relate to Afro-Brazilian cultural identity and the saint's role in popular devotion. The work is structured into three main chapters. The first chapter addresses iconology theory, detailing the principles and methods developed by Panofsky, and how these methods can be applied to interpret images of Saint Benedict. The second chapter focuses on the genesis of the saint and the construction of his image, analyzing the canonization process and the presence of Black figures in iconography, based on works by artists such as Jean-Baptiste Debret and Johann Moritz Rugendas. The third chapter presents the iconographic collection of Saint Benedict at the Afro-Brazil Museum, applying a critical analysis of the iconological method to understand the origin and purpose of the pieces. The research aims to answer how power relations influence the iconography of Saint Benedict and how cultural practices shape the saint's representation. The adopted methodology combines cultural history with iconology, allowing for a deep analysis of the images and their impact on the construction of Afro-Brazilian cultural identity. This study contributes to understanding the importance of Saint Benedict in devotional and cultural practices in Brazil, celebrating the 500th anniversary of the saint's birth and offering an enriching perspective on the relationship between history and iconography.

**Keywords:** Iconology; Representation; Saint Benedict; Museum; Collection.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Arte paleocristã: Maria com o menino Jesus e o profeta. Presente na Catacumba de Priscila em Roma, atribuída ao final do século II ou início do século III. ....	28
<b>Figura 2.</b> Arte paleocristã: Bom Pastor. Presente na catacumba de São Calixto em Roma, atribuído ao século III.....	30
<b>Figura 3.</b> A imagem à direita é o ícone bizantino de São João da Damasceno, ao fundo, a urna com os restos mortais, localizada na Catedral do Espírito Santo de Istambul, Turquia. À direita, os restos mortais do Santo. ....	31
<b>Figura 4.</b> Capas dos livros publicados com os cânones de Imagens Sacras.....	34
<b>Figura 5.</b> Pintura de São Benedito presente no Convento Santa Maria de Jesus em Palermo.	46
<b>Figura 6.</b> Bula em latim da publicação de canonização de São Benedito. ....	48
<b>Figura 7.</b> Altar tumulo de São Benedito na Igreja do Convento de Santa Maria de Jesus em Palermo antes do incêndio.....	58
<b>Figura 8.</b> À esquerda, imagem da capela após o incêndio, à direita, capela antes do incêndio. ....	59
<b>Figura 9.</b> À esquerda, altar tumulo antes do incêndio, à direita, recuperação dos restos mortais após o incêndio. ....	59
<b>Figura 10.</b> À esquerda, cartaz do evento da entrega da relíquia de São Benedito, à direita, os restos mortais e a procissão da comunidade que recebeu as relíquias em julho de 2024 na cidade de Palermo, Itália.....	60
<b>Figura 11.</b> Ilustração da população negra brasileira presente no livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. ....	62
<b>Figura 12.</b> Ilustração da população negra brasileira presente no livro Viagem pitoresca através do Brasil.....	63
<b>Figura 13.</b> Detalhe dos anjos da escultura de Nossa Senhora do Museu de Arte Sacra de Santos. ....	64
<b>Figura 14.</b> Vitral com a representação da população negra sendo batizada presente na Igreja de São Luiz Gonzaga.....	65
<b>Figura 15.</b> À esquerda, detalhe de São Benedito do da pintura de Consegna del cordiglio a San Francesco. Pietro Novelli. Pintura a óleo s/tela, 1635. À direita, Meio Busto de São Benedito. Anônimo. Madeira, séc. XVI. ....	66
<b>Figura 16.</b> Ilustração de São Benedito no Flor Peregrina.....	67
<b>Figura 17.</b> Esquemas dos modelos iconográficos de São Benedito. ....	68

<b>Figura 18.</b> Pesquisa na Biblioteca Carolina Maria de Jesus no Museu Afro Brasil – Emanuel Araújo. ....	72
<b>Figura 19.</b> Exposição permanente “O sagrado e Profano” do Museu Afro Brasil – Emanuel Araújo. ....	77
<b>Figura 20.</b> Selo do Jubileu de 500 anos do nascimento de São Benedito. ....	84

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1.</b> Acervo de imagens de São Benedito presente no Museu Afro Brasil .....	78
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I: A TEORIA DA ICONOLOGIA E DA REPRESENTAÇÃO.....	22
1.1.    A IMAGÉTICA DA ICONOLOGIA.....	22
1.2.    CONFIGURAÇÃO DAS IMAGENS CRISTÃS.....	27
1.3.    A REPRESENTAÇÃO DE CHARTIER.....	36
CAPÍTULO II: A GÊNESE DO SANTO E SEU PODER.....	43
2.1.    SÃO BENEDITO E A FIGURA NEGRA.....	43
2.2.    A IMAGEM DO NEGRO SANTO.....	61
CAPÍTULO III: OS ACERVOS MUSEOLÓGICOS DE SÃO BENEDITO.....	71
3.1.    O MUSEU AFRO BRASIL.....	71
3.1.1.    O ACERVO.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	85
ANEXOS:.....	88
BULA DE CANONIZAÇÃO DO BEATO BENEDITO DE S. FILAFELFIO.....	88
TRANSCRIÇÃO PARCIAL DO LIVRO “FLOR PEREGRINA”.....	96

## INTRODUÇÃO

O homem se encontra como que em um oceano de acontecimentos contraditórios e caóticos, sem uma integração articulada. Ele procura, de alguma forma, tornar este universo de acontecimentos em um todo coerente, no qual possa tentar encontrar o significado que será, de algum modo, o fator de integração dos acontecimentos contraditórios de um período indefinido, isto é, buscando um significado que atue como um fator unificador dos diversos acontecimentos ao longo do tempo.

Por isso, a história faz-se necessária, contudo, é necessário diferenciar os conceitos de objetivo e sentido. O objetivo é o destino, o fim, o propósito a ser alcançado e para o qual todo comportamento humano está voltado, nesse sentido, há objetivo na história? Depois de Agostinho, a escrita da história começou a ser documentada não apenas nos acontecimentos dos seres humanos, mas também em sua direção, de onde algo está se encaminhando, está se movendo, onde está chegando - um movimento em direção a algo que continua por vir. De outro modo o sentido busca a significação, ou interpretação, isto é, a atividade de descobrir e entender a história, desse modo, a história possui um sentido? Ou, ao invés, a história tem valor? Estas são questões que ainda desafiam a historiografia, ou seja, a prática de escrever história.

Na incansável busca de entender o objetivo e o sentido da história, há o movimento que a ciência histórica faz. Na metade do século XVII o filósofo francês Descartes, em nome do racionalismo, negou que a história tivesse caráter de ciência, uma vez que o seu procedimento seria privado de racionalidade. Para esse filósofo, conseqüentemente, a história possuía somente uma função moral na sociedade.

Em contraponto, mesmo com a gênese do método das ciências naturais, criado por Descartes, é possível observar que o homem, não teria mais oportunidade de entender ciências humanas, pois a partir daquele momento essas Ciências Humanas passariam a ser esquecidas e deixadas em segundo plano. Nessa perspectiva, o filósofo italiano Giambattista Vico (1668–1744) propõe um novo método, que poderia abordar o estudo das ciências sociais, ou da história, como elemento intrínseco ao Homem. A distinção entre ciências exatas e ciências humanas, acontece, pois, enquanto as ciências naturais generalizam (ou sejam buscam as leis gerais que regem os fenômenos naturais), as ciências humanas individualizam e são atentas aos valores (ou seja, buscam recuperar, através das fontes, as ações e eventos em suas particularidades dando-lhes significado).

O pensamento de Giambattista Vico que se desenvolve num contexto cristão busca nas ciências humanas um objetivo de relacionar a arte da filosofia (pensamento crítico) com a arte de filologia (linguagem), trazendo um sentido da origem do humano numa perspectiva de história cíclica. Sua filosofia desenvolve uma reflexão acerca da origem do homem como sujeito da história e sobre qual foi sua contribuição para a civilização. Portanto, há elementos concretos de uma história fundante pelo desenvolvimento da humanidade, tendo como característica principal a linguagem.

Na base da história como disciplina científica se afirmar com Wilhelm Dilthey (1833-1911), com Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936). Estes filósofos da escola neokantiana buscavam fundar um saber rigoroso também no interno dos conhecimentos concernentes ao mundo humano, histórico e social. Assim como Vico fez ao publicar “A Ciência Nova”, escrita originalmente entre 1725 e 1744, traduzida do italiano pelo Prof. Dr. Antônio Lazaro de Almeida Prado, em 1979. Contudo, para se entender a diferença entre natureza e história, é preciso distinguir o método (caminho) através do qual o cientista da natureza e o historiador pensam e chegam ao conhecimento.

Desse modo, no início do século XIX nasce a historiografia, entendida como disciplina científica autônoma, regida por um rigoroso empenho científico, com o aperfeiçoamento do método crítico possibilitado também pelas ciências auxiliares como a arqueologia, a paleografia, a diplomática, a numismática, a heráldica, etc. A história vai se desenvolvendo até chegar na prática da historiografia cultural que já vem sendo consolidado desde seu surgimento, desde “A formação da classe operária inglesa” de Edward Thompson até as publicações dos “Annales” de Jacques le Goff e Jean-Claude Schmitt, a história cultural torna-se um contraponto da historiografia tradicional.

A gênese da história cultural envolve a busca por novos personagens e um ressurgimento com novas referências. A elite já não é mais a protagonista da história; agora, diversos grupos e inúmeros contextos podem se transformar em atores culturais. Nessa tentativa de ressignificar a história cultural, Peter Burke no livro “O que é história cultural?” traz elementos para uma nova História Cultural, como o estudo das práticas, um exemplo disso são as práticas religiosas diferentes da teologia, ou os estudos das representações, na tentativa de construção do imaginário social, sendo um reflexo das estruturas sociais e da criação das ideias e das representações da natureza, da nação, do outro sobre a mesma realidade. Nessa perspectiva historiográfica, foram escolhidas duas teorias, a iconologia de Erwin Panofsky e a Representação de Roger Chartier.

Diferente da História Cultural, a História Eclesiástica, que pode ser confundida com a história religiosa, traz seus primeiros indícios em Eusébio de Cesaréia. Segundo o Professor Marcel Chappin em seu livro “Introdução à História da Igreja”, o historiador Eusébio, bispo de Cesaréia costuma ser chamado de o Pai da história da Igreja (história entendida aqui como historiografia), viveu na Palestina entre aproximadamente de 265 a 339 d.C., foi amigo e admirador do imperador Constantino, o Grande. Em sua principal obra, intitulada “História Eclesiástica”, o bispo busca explicar a motivação de sua iniciativa e o papel de todo historiador da Igreja depois dele, nos seguintes itens:

1. Aquilo que me encarreguei de transmitir por escrito reflete as sucessões dos Santos Apóstolos; os tempos passados desde nosso Salvador até nós, todos os grandes fatos ocorridos, e dos quais se fala na História Eclesiástica; os personagens que nela aparecem e que, com louvor, mantiveram o governo e a presidência particularmente das igrejas mais ilustres; aqueles que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os mensageiros da palavra divina; os nomes, a qualidade, a idade daqueles que, tomados pela cobiça por inovações que precipitaram em extrema desgraça, proclamaram-se autores de uma ciência mentirosa e que, sem piedade, como lobos enfurecidos, infestaram o rebanho de Cristo.
2. Reflete, também, as desgraças que se abateram sobre a nação judaica logo depois do atentado contra o Salvador, quando e em quantas e quais maneiras a doutrina divina sustentou a luta contra os pagãos; os gloriosos que por ela, nos tempos passados, enfrentaram a batalha até o derramamento do sangue e o suplício, e os mártires de nossos dias; por fim, o feliz e amigo auxílio que chegou até nós de nosso Salvador. No entanto, só posso começar meu relato a partir do início da economia de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Ungido de Deus.
3. Oh! Mas, desde já meu tema se entrega à indulgência dos benévolos leitores, sobretudo porque confesso que conseguir manter de forma perfeita e completa a promessa está acima de minhas forças. Sou eu que, neste momento, antes de todos, começo a tratar uma matéria como esta e me preparo para aventurar-me por um caminho deserto, nunca pisado por pé humano (a consciência de fazer algo novo): que Deus me guie, a Ele elevo minha prece: que o poder do Senhor me preste todo o auxílio! Excluída a possibilidade de encontrar até mesmo simples vestígios de homens que me precederam neste mesmo caminho, só poderei encontrar testemunhos exíguos de escritores que, quer de uma maneira quer de outra, nos deixaram exposições específicas a respeito da época que atravessaram. Serão eles que, de longe, nos estenderão como archotes suas vozes, que, como de uma altitude longínqua, de uma vigia, com os chamamentos, nos indicarão por onde será conveniente avançar, onde orientar o caminho de nossa história. de forma a esquivar-nos de erros e perigos.
4. E tudo o que julgar oportuno à minha tarefa, ou o extrairé aqui e acolá de suas memórias; como de jardins espirituais colherei, como se fossem flores, as citações oportunas dos escritores vetustos, procurarei compor um todo orgânico na exposição histórica, e será meu cuidado amoroso transmitir aos que vierem depois de mim, na medida em que me for possível, as sucessões se não de todos os Apóstolos, pelo menos dos mais ilustres nas igrejas que mantiveram sua importância e ainda se mostram dignas de louvor.
5. Acredito seja de suma necessidade trabalhar nesta obra, porque, pelo que sei, nenhum dos escritores eclesiásticos se preocupou em escrevê-la. Tenho confiança de que será de grande utilidade a todos que buscam com ardor ensinamentos úteis da história,
6. De resto, já antes, nos quadros de meus preceitos de minha Crônica, registrei em epitome estes acontecimentos, dos quais me proponho agora fazer a exposição mais completa possível.

7. Minha exposição começará, conforme mencionei há pouco, de um tema cuja sublimidade e poder transcende o intelecto humano: a economia e a teologia de Cristo.
8. Quem quer escrever um tratado de história eclesiástica deve reportar-se ao alto, à primeira economia de Cristo, em que o divino se manifesta mais do que possa parecer a muitos, porque é dEle que herdamos a honra de nosso nome. (Cesaréia, 2000, 29-30)

O professor Chappin (1999, p. 24) afirma que Eusébio consegue escrever com um verdadeiro programa específico para uma historiografia eclesiástica, contudo, para compreender melhor tal programa é preciso compreender como a Igreja cristã em seu específico significado eclesiológico apresenta-se a partir da Igreja Católica, ao passo que se considera como irmãs as outras igrejas cristãs. Nesse sentido, é preciso distinguir História da Igreja da História do Cristianismo e da História do Ecumenismo. A História da Igreja diz respeito seja às ações humanas e eventos (campo da história), seja ao agir de Deus (campo da Teologia – Revelação). Nesse sentido, existe uma íntima relação entre a História da Igreja e a Teologia. Pode-se definir, portanto, a História da Igreja como a história do povo de Deus, ou seja, de cristãos configurados como Igreja, guiados pela profissão da fé em Deus, no seu caminho (peregrinação) terrestre, no espaço e no tempo. Tal argumentação vem de encontro com a proposta de Eusebio, pois, ao

mostrar a continuidade e o triunfo do evangelho para encorajar os cristãos e fornecer uma prova de identidade da Igreja; há também uma grande curiosidade e vontade de reunir uma informação ampla e precisa (sem poder corresponder totalmente, é claro, às exigências da crítica atual). Eusébio apresenta seu programa explicitamente, e assim procedem também alguns outros autores da antigüidade e grande parte dos autores modernos; outros escritos, referimo-nos especialmente à Idade Média, deixam ao historiador a reconstrução da motivação subjacente. Quem viesse a estudar a série de motivações poderia encontrar elementos presentes na legislação da Santa Sé a esse respeito, os quais se impõem por si sós. A situação atual da Igreja e da Teologia pode levar a ênfases diferentes e, talvez, a um enriquecimento da motivação. E é exatamente levando em conta a situação atual da Igreja e do mundo, em especial da doutrina eclesiológica da maneira como foi formulada pelo Concílio Vaticano II, que gostaríamos de apresentar as razões pelas quais, em nossos dias, o estudo da história da Igreja no interior do currículo é necessário e relevante. Ou seja, indicaremos em nosso segundo capítulo alguns aspectos teológicos que justificam os aspectos jurídicos tratados neste primeiro capítulo. (Chappin, 1999, p. 24-26)

Evidentemente, a História da Igreja requer todo o aparato técnico e a preparação científica necessárias para se fazer uma pesquisa histórica nos arquivos eclesiásticos ou para se escrever uma obra histórica, em geral. Desse modo, na História da Igreja usam-se também todos os instrumentos metodológicos à disposição, seja que esses provenham da tradição eclesiástica, seja da tradição laica, para a busca da verdade. A história, enquanto tal, não faz distinção entre quem se professa cristão ou quem se declara laico. De outro modo,

A contribuição do estudo da história da Igreja [...] poderia ser indicada com três palavras-chave: identidade, inspiração, esperança. O estudo da história fortalece a

identidade com o passado, oferece inspiração para o presente e dá esperança para o futuro.

A identidade é fortalecida especialmente quando se descobre – e isso pode ser feito apenas por meio do estudo da história – que a fé professada em nossos dias é a dos primeiros tempos da Igreja; o crente poderá reconhecer-se nos primeiros discípulos, ou seja, naqueles que estavam em contato direto com Jesus Cristo: poderá constatar que os sacramentos celebrados em nossos dias não são uma invenção humana, e que a estrutura hierárquica é um dom do Senhor para sua Igreja.

A inspiração que virá do estudo da história da Igreja é a seguinte: poder-se-á constatar que é possível ser verdadeiros cristãos sempre e em toda a parte, em tempos de paz e de perseguição, apesar da pressão ou da proteção do Estado (a proteção é às vezes mais perigosa do que a pressão), em cada região, em cada cultura, em cada língua, em cada nação. A eucaristia pode ser celebrada nas catacumbas (o que, aliás, constitui uma exceção) e nas catedrais, nas igrejas do barroco e nas barracas dos campos de concentração. Sempre e em toda a parte, portanto também hoje!

A esperança despertada pelo estudo da história da Igreja é um prolongamento da inspiração para nossos dias. Poder-se-á constatar não apenas que é possível ser verdadeiros cristãos sempre e em toda a parte, mas também que períodos de crise podem ser superados. O conhecimento histórico ajudará a manter a modéstia diante de aparentes sucessos eclesiais, muitas vezes de caráter exterior: a queda da Igreja do absolutismo por causa da Revolução Francesa de 1789 não pode não nos levar a refletir. Entretanto, mais importante ainda é ver que a vitalidade (Chappin, 1999, p. 65)

Em outras palavras, estuda-se a História da Igreja segundo os procedimentos metodológicos científicos da disciplina histórica, em geral, mas em um horizonte de fé (ou, mais especificamente, de teologia). De fato, a fé incide no curso dos eventos. A fé abre a porta ao conhecimento específico da ação divina na Igreja e no mundo. A disposição interna de fé do historiador permeia a sua abordagem técnica e científica; a fé torna o historiador mais capacitado a reconhecer a intervenção salvífica e providencial de Deus na história humana. Nesse sentido, como objeto de pesquisa da historiografia eclesiástica foi escolhido a hagiografia e imagens de São Benedito. O histórico da

vida de São Benedito foi escrita e publicada, em 1744, pelo franciscano Frei Apolinário da Conceição. Este nascera em Lisboa, mas veio com 13 anos para o Brasil professando na Ordem dos Frades Menores de São Paulo. Posteriormente transferiu-se para o Rio de Janeiro, tendo sido, em 1740, nomeado procurador-geral e cronista de sua província. [...] Sua obra sobre São Benedito teve por título: *Flor Peregrina por Preta, ou Nova Maravilha da graça, descoberta na prodigiosa vida do Beato Benedito de S. Filadélfio. Religioso leigo da Província Reformada da Sicília, da mais estrita Observância da Religião Seráfica.* (Oliveira, 2008, p. 28)

Na busca de tentar relacionar a história cultura com a história eclesiástica ao longo da dissertação, foi percebido que as relações entre as duas são complexas, pois, ambas “tiveram cada uma no seu ritmo próprio, a sua evolução” em particular a história eclesiástica “conheceu, no último meio século, um importante desenvolvimento adquirindo, na medida em que saía das esferas confessionais e eclesiástica, uma forte legitimidade científica e universitária” (Gomes, 2008, p. 13 apud Oliveira, 2008, p. 13) em contrapartida, a “história cultural produz mil novidades, principalmente nos estudos” sobre a arte, representação e decolonialidade.

A partir da delimitação desses dois conceitos historiográficos, a pesquisa foi ganhando forma, pois, quando se iniciou o mestrado em história na PUCRS em 2021 a proposta de projeto era inicialmente voltada para o estudo de Igrejas e Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e a comunidade afro católica. Contudo, estava-se em período de pandemia e a pesquisa nos arquivos eclesiásticos seria impossibilitado. Ao longo do primeiro ano de mestrado a proposta foi amadurecendo e sob influência da disciplina de Teorias da Cultura e da Etnicidade ministrada pelo Prof. Dr. Charles Monteiro e com a orientação do Prof. Dr. Ir. Edison Huttner a proposta inicial foi sendo alterada até chegar na pesquisa que se apresenta neste trabalho de dissertação sobre a análise mais iconológica na representação de São Benedito em acervos de museus.

A pesquisa busca a partir da teoria de iconologia de Erwin Panofsky fazer uma análise do surgimento imagético de São Benedito, e entender o processo de representação desenvolvido por Roger Chartier no surgimento da devoção. A tentativa da pesquisa é responder a seguinte pergunta: Como acontece a relação de poder com o surgimento da iconografia de São Benedito? Para responder tal pergunta é necessário entender o processo iconológico, as imagens utilizadas como objeto de pesquisa é o acervo presente no Museu Afro Brasil, localizado na cidade de São Paulo.

O arco cronológico da pesquisa é bem dinâmico, pois, apropria-se de teorias desenvolvidas no século XX, como a de Panofsky e Chartier e estuda fatos ocorridos no XVII e XIX, como a canonização de São Benedito em 1807 e a propagação da devoção no Brasil a partir de 1613. A metodologia da pesquisa procura se alinhar às perspectivas da História Cultural, partindo de indagações do presente e se apoiando em fontes documentais que auxiliam na elaboração de hipóteses para a leitura das imagens de São Benedito no passado, a partir de permanências no presente, levando em consideração a história eclesiástica e análises da teoria de Panofsky e Chartier. De outro modo, a metodologia da história cultural torna-se a espinha dorsal desta pesquisa, ao ir além dos textos escritos e entra em um campo onde a história e a antropologia se encontram.

A abordagem cultural permite uma compreensão mais profunda das práticas, símbolos e representações que constituem o cotidiano das pessoas, especialmente aquelas que tradicionalmente não têm voz na história oficial. No contexto desta pesquisa, essa metodologia é aplicada para desvendar as camadas simbólicas e os significados atribuídos à figura de São Benedito pelas comunidades afro-brasileiras.

A análise iconológica de Panofsky oferece uma estrutura para interpretar as representações artísticas de São Benedito, indo além de sua superfície visual para explorar os

contextos históricos, culturais e religiosos em que foram criadas. A teoria de Chartier, por sua vez, contribui com uma leitura das práticas culturais e das maneiras como essas representações são apropriadas e ressignificadas pelas comunidades.

Assim, a combinação dessas abordagens metodológicas permite uma análise rica e complexa da iconografia de São Benedito, destacando não apenas sua importância religiosa e histórica, mas também seu papel na construção da identidade cultural afro-brasileira. Este estudo, portanto, não só celebra os 500 anos do nascimento do santo, mas também enriquece a compreensão de seu impacto duradouro nas práticas devocionais e culturais no Brasil.

A presente dissertação está dividida em principais três capítulos: 1º Capítulo: A teoria da iconologia e da representação; 2º Capítulo: A gênese do Santo e seu poder; 3º Capítulo: Os acervos museológicos de São Benedito.

O primeiro capítulo busca explorar o significado, o método e a aplicação da iconologia, a construção de imagens pelas comunidades cristãs e a teoria da representação. Ele é dividido em três subcapítulos. O primeiro, "A Imagética da Iconologia", discute os princípios e métodos de Erwin Panofsky, que trouxeram uma nova forma de entender a arte além da descrição visual. O segundo, "Configuração das Imagens Cristãs", examina como as imagens cristãs foram historicamente construídas, incluindo períodos de iconoclastia e os padrões artísticos. O terceiro, "A Representação de Chartier", analisa as contribuições de Roger Chartier na compreensão das práticas culturais de representação. Este capítulo oferece uma visão completa de como a teoria da iconologia e da representação se relaciona com a história cultural, mostrando a complexidade das imagens cristãs ao longo do tempo.

No segundo capítulo investiga a vida e a canonização de São Benedito, além das literaturas e estudos sobre ele. Também analisa a representação do negro nas obras de artistas como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, examinando como a imagem de São Benedito foi construída ao longo do tempo.

No terceiro e último capítulo, será apresentado o acervo iconográfico de São Benedito no Museu Afro Brasil. Para isso, é essencial entender como o acervo foi criado e desenvolvido, o que ajuda a compreender a origem e o propósito das peças. O capítulo aplicará a terceira etapa do método iconológico, que envolve uma análise crítica das obras.

Portanto, com base nesses três capítulos, pretende-se apresentar a pesquisa que vincula um olhar sobre a historiografia eclesiástica e a historiografia cultural, numa tentativa de não cometer anacronismo, mas perceber e compreender melhor as relações presentes de poder no qual a representação possui e como a iconologia busca dar sentido na construção

imagética diante da figura de São Benedito que foi um instrumento de catequização da comunidade Afro Brasileira.

## **CAPÍTULO I: A TEORIA DA ICONOLOGIA E DA REPRESENTAÇÃO**

Neste capítulo será explorado o significado, método e aplicação da iconologia, a construção da imagem pelas comunidades cristãs e a base teórica de representação. O capítulo está dividido em três subcapítulos que abordam aspectos fundamentais para entender a pesquisa. No primeiro, "A Imagética da Iconologia", serão discutidos os princípios e métodos desenvolvidos por Erwin Panofsky, que revolucionaram a interpretação das imagens, oferecendo uma nova forma de entender a arte além da mera descrição visual. O segundo subcapítulo, "Configuração das Imagens Cristãs", examinará o processo histórico da construção das imagens cristãs, incluindo a iconoclastia e os cânones artísticos. Por fim, "A Representação de Chartier" analisará as contribuições de Roger Chartier na compreensão das práticas culturais de representação. Este capítulo, portanto, oferece uma visão abrangente de como a teoria da iconologia e da representação se entrelaça com a história cultural, elucidando a profundidade e complexidade das construções de imagens cristãs ao longo do tempo.

### **1.1. A IMAGÉTICA DA ICONOLOGIA**

A proposta deste subcapítulo é apresentar os conceitos e a metodologia desenvolvidos por Erwin Panofsky, que servirão de base para a análise da figura de São Benedito presente nos acervos de museus. O historiador cultural Erwin Panofsky nasceu em 30 de março de 1892, em Hanôver, Alemanha, e faleceu aos 75 anos, em 14 de março de 1968, em Princeton, Estados Unidos. Sua trajetória como historiador da arte começou na Universidade de Freiburg. Ele lecionou em várias instituições prestigiosas, incluindo a Universidade de Hamburgo, na Alemanha, e as Universidades de Princeton, Harvard e Nova Iorque.

Com uma abordagem teórica que integra a análise formal da obra de arte com o estudo de seu contexto histórico e cultural, Panofsky publicou obras como "Idea: A Evolução do Conceito de Belo", "O Desenvolvimento do Discurso e dos Conceitos Científicos" e, uma de suas principais, "Significado nas Artes Visuais", na qual desenvolve os conceitos de iconografia e iconologia. A metodologia proposta por Panofsky influencia significativamente a forma como a história da arte é estudada, ampliando a análise além da estética para incluir aspectos culturais, sociais e intelectuais. Nesta pesquisa, a teoria a ser utilizada é a Iconologia.

Na concepção do conceito de iconologia, Panofsky parte da ideia de significado que em seu texto apresenta tal como o

O significado assim percebido é de natureza elementar e facilmente compreensível e passaremos a chamá-lo de significado fatural; é apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos. Ora, os objetos e fatos assim identificados produzirão, naturalmente, uma reação em mim. Pelo modo do meu conhecido executar sua ação, poderei saber se está de bom ou mau humor, ou se seus sentimentos a meu respeito são de amizade, indiferença ou hostilidade. Essas nuances psicológicas darão ao gesto de meu amigo um significado ulterior que chamaremos de expressional. Difere do fatural por ser apreendido, não por simples identificação, mas por "empatia". (Panofsky, 2004, p. 48)

O historiador argumenta que o significado fatural é fácil de entender e vem da identificação de formas e ações que já conhecemos. Isso gera uma reação em nós. Por exemplo, podemos perceber se alguém está de bom ou mau humor pelas suas ações. Esse entendimento mais profundo, chamado de significado expressional, vem da empatia, não apenas da identificação. De outro modo,

O significado assim descoberto pode denominar-se intrínseco ou conteúdo; é essencial, enquanto que os outros dois tipos de significado, o primário ou natural e o secundário ou convencional, são fenomenais. É possível defini-lo como um princípio unificador que sublinha e explica os acontecimentos visíveis e sua significação inteligível e que determina até a forma sob a qual o acontecimento visível se manifesta. Normalmente, esse significado intrínseco ou conteúdo está tão acima da esfera da vontade consciente quanto o significado expressional está abaixo dela. (Panofsky, 2004, p. 49-50)

Por isso, o significado intrínseco ou conteúdo é essencial e diferente dos significados primário (natural) e secundário (convencional), que são mais superficiais. Esse significado intrínseco age como um princípio unificador que explica os eventos visíveis e sua importância, e até determina a forma como os eventos aparecem. Geralmente, esse significado está além da vontade consciente, assim como o significado expressional está abaixo dela. Panofsky propõe que o significado possui três níveis e os distingue da seguinte forma:

I. Tema primário ou natural, subdividido em fatural e expressional. É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, como representativos de objetos naturais tais que seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos e pela percepção de algumas qualidades expressivas, como o caráter pesaroso de uma pose ou gesto, ou a atmosfera caseira e pacífica de um interior. O mundo das formas puras assim reconhecidas como portadoras de significados primários ou naturais pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos. Uma enumeração desses motivos constituiria uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte.

II. Tema secundário ou convencional: é apreendido pela percepção de que uma figura masculina com uma faca representa São Bartolomeu, que uma figura feminina com um pêssego na mão é a personificação da Veracidade, que um grupo de figuras, sentadas a uma mesa de jantar numa certa disposição e pose, representa a Última Ceia, ou que duas figuras combatendo entre si, numa dada posição, representam a Luta entre o Vício e a Virtude. Assim fazendo, ligamos os motivos e as combinações de motivos artísticos composições com assuntos e conceitos. Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens,

sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam de *invenzioni*; nós costumamos dar-lhes o nome de estórias e alegorias 1 . A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por "iconografia". [...]

III. Significado intrínseco ou conteúdo: é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra. Não é preciso dizer que estes princípios se manifestam, e, portanto, esclarecem, quer através dos "métodos de composição", quer da "significação iconográfica". (Panofsky, 2004, p. 50-52)

A necessidade de compreender tais níveis de significado ajuda a perceber os valores simbólicos que cada obra de arte possui e na tentativa de “descoberta e interpretação desses valores ‘simbólicos’ (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) [...] o objeto do que se poderia designar por ‘iconologia’” se apresenta em oposição a iconografia. Para o autor “iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo limitado e, como que ancilar, que nos informa quando e onde temas específicos” (Panofsky, 2004, p. 53). Assim,

A análise iconográfica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral. (Panofsky, 2004, p. 58)

Partindo do significado e do entendimento dos três níveis existente, dos valores simbólicos e da iconografia, Panofsky concebe a “iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar” (Panofsky, 2004, p. 54). Desse modo, a iconologia

é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica – a não ser que lidemos com obras de arte nas quais todo o campo do tema secundário ou convencional tenha sido eliminado e haja uma transição direta dos motivos para o conteúdo, como é o caso da pintura paisagística européia, da natureza morta e da pintura de gênero, sem falarmos da arte "não-objetiva". (Panofsky, 2004, p. 54)

A iconologia então é um método de interpretação que se concentra na compreensão geral, mais do que na análise detalhada. Para fazer uma interpretação iconológica correta, é importante entender bem as imagens, histórias e alegorias. Isso é similar à necessidade de identificar os motivos corretamente na análise iconográfica. No entanto, em algumas formas de arte, como paisagens, naturezas-mortas, pinturas de gênero e arte abstrata, não há temas

secundários ou convencionais, e os motivos se conectam diretamente ao conteúdo da obra. Contudo,

a interpretação iconológica requer algo mais que a familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias: Quando desejamos nos assenhorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos, como João 13: 21 se ajusta à iconografia da Última Ceia. (Panofsky, 2004, p. 62)

Na tentativa de interpretar uma obra de arte de forma iconológica, não basta conhecer conceitos ou temas específicos que vêm de textos. É preciso entender os princípios básicos que guiam a escolha e a apresentação dos motivos, além de como as imagens, histórias e alegorias são criadas e interpretadas. Para a pesquisadora Raquel Quinet Pifano, a iconologia de Panofsky é um método histórico, pois,

não forma classes e sim séries – o próprio Panofsky usou o termo classificação ao se referir à iconografia. A distinção entre classe e série encontra-se justamente no sentido que cada um dos termos assume: classe vincula-se à tipologia (e por isso o princípio corretivo da análise iconográfica é a história dos tipos), enquanto série refere-se à história. Somente o discurso histórico compreende em sua totalidade o sentido histórico da série. Os fatos artísticos não constituem uma classe, mas uma série porque possuem um nexo histórico. É exatamente neste ponto que a iconologia distingue-se da iconografia. Esta última apenas classifica a imagem visual, enquanto que a primeira investiga, compreende, ordena, enfim, por meio de um juízo, traz à luz seus nexos históricos. (Pifano, 2010, p. 6)

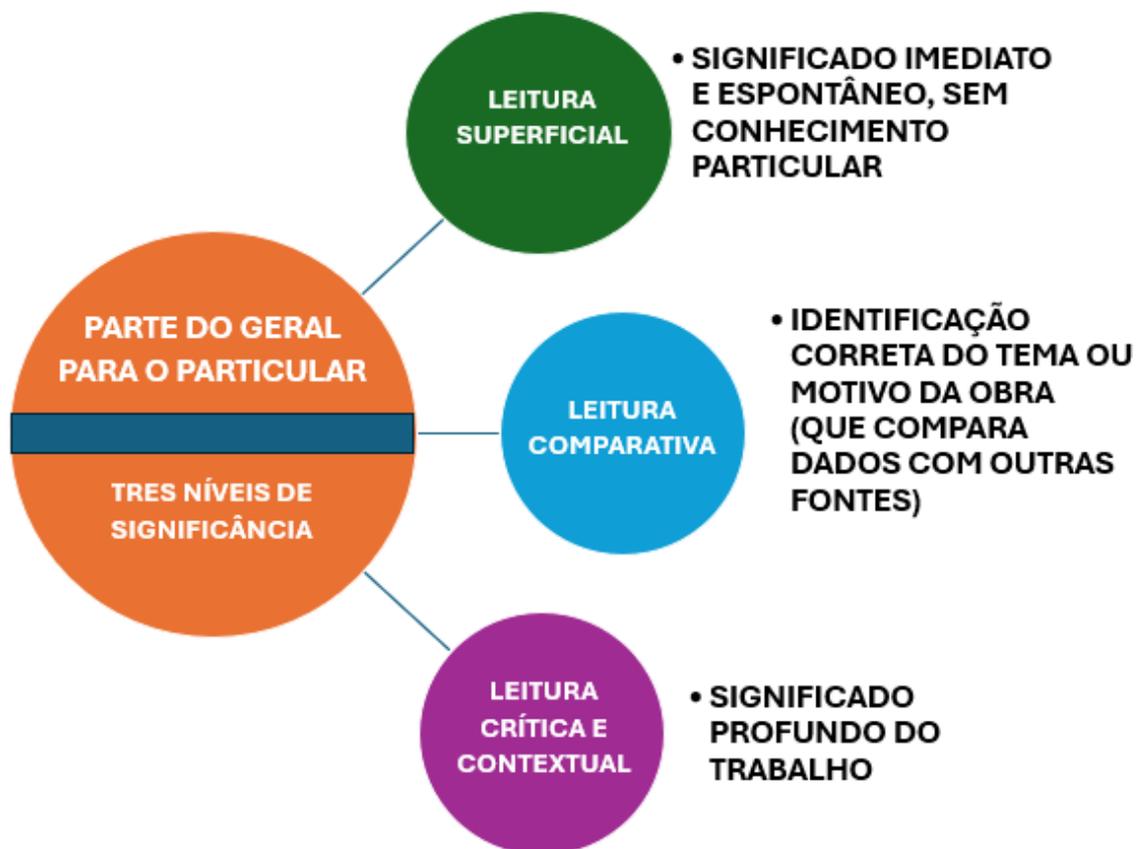
A proposta iconológica do teórico separa da iconografia a partir da interpretação, pois

A ‘leitura’ iconográfica da obra é uma análise, já a ‘leitura’ iconológica é uma interpretação. É importante nos atermos aos termos usado por Panofsky, porque eles em si nos explicam muito. A acepção da palavra ‘análise’ diz respeito à decomposição de um todo em suas partes constituintes, ou seja, decomposição dos seus elementos a fim de classificar cada um destes. Já a palavra interpretar implica um juízo; a análise classifica, a interpretação julga as imagens pictóricas, que antes de pictóricas ou visuais, são mentais. Panofsky procura, como um detetive, no contexto onde a obra e o artista se inserem, aqueles elementos que nutrem a imaginação do artista na elaboração de uma imagem e que ele traduz visualmente mesmo que inconscientemente. (Pifano, 2010, p. 5-6)

Nesse sentido, a diferença entre uma leitura iconográfica e uma leitura iconológica está no cerne de cada significado, pois a leitura iconográfica analisa a obra dividindo-a em partes e classificando os elementos visuais. Já a leitura iconológica interpreta o significado mais profundo das imagens, indo além da simples descrição. Enquanto a análise iconográfica foca em identificar e organizar os elementos visuais, a interpretação iconológica julga o significado das imagens com base no contexto cultural e pessoal do artista. Panofsky, como um detetive,

investiga o contexto da obra e do artista para entender os elementos que influenciam a criação artística, oferecendo uma visão mais completa e significativa da obra.

**Quadro 1.** Método Iconológico



Fonte: Autor, 2024.

O método iconológico Panofsky torna-se uma abordagem para interpretar obras de arte que se concentra em compreender o significado mais profundo e o contexto cultural das imagens. O quadro 1 apresenta como esse processo acontece, envolto de três etapas principais:

- **Leitura superficial:** A primeira etapa é a análise iconográfica, que envolve a identificação e descrição dos elementos visuais na obra, como figuras, objetos e símbolos. Traz o significado imediato e espontâneo, sem conhecimento particular.
- **Leitura comparativa:** Em seguida, a leitura que interpreta o significado das imagens e símbolos, considerando o contexto cultural, histórico e pessoal do artista. Isso envolve entender como os elementos visuais refletem ideias e valores da época. Identifica

corretamente o tema ou motivo da obra, também interpreta e compara dados com outras fontes.

- **Leitura crítica e contextual:** Finalmente, o método busca descobrir os princípios subjacentes que revelam as atitudes e crenças mais profundas de uma sociedade ou grupo, explorando como esses princípios influenciam a forma e o conteúdo da obra. Traz um significado profundo do trabalho.

Assim, o método iconológico de Panofsky oferece uma análise detalhada que vai além dos aspectos visuais, buscando uma compreensão mais ampla e significativa das obras de arte. Em outras palavras, Pifano argumenta que

Panofsky estabelece três níveis de interpretação de três diferentes temas da obra de arte: natural, convencional e o conteúdo. Diante deste temas distintos, o ato de interpretar também será distinto: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica respectivamente. Como tais estágios dependem de um equipamento subjetivo, e por isso mesmo é grande a possibilidade de erro, elas serão submetidas sempre a princípios corretivos: história do estilo, história dos tipos e história dos sintomas culturais, todos eles unidos por nexos históricos. A soma desses princípios corretivos é a tradição, é o que assegura a validade não só do método iconológico mas da disciplina História da Arte. O entendimento da tradição garante exatidão ao conhecimento da história da arte e faz desta uma disciplina humanística e não uma ciência. (Pifano, 2010, p. 9)

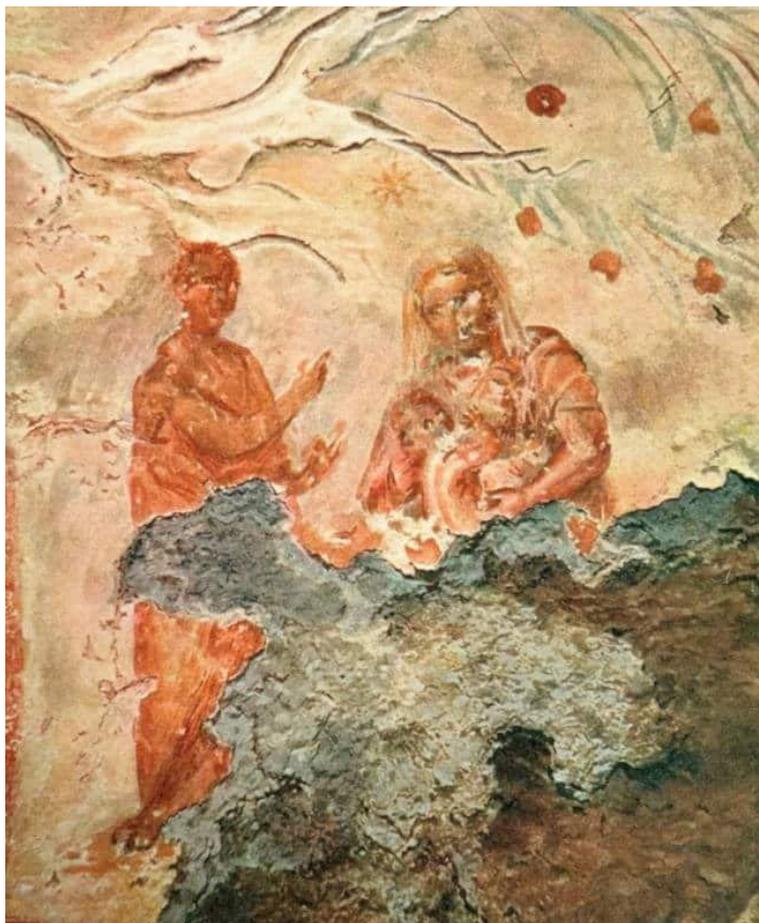
A proposta desse método é essencialmente um método histórico, pois investiga como as imagens se desenvolvem e mudam ao longo do tempo, buscando entender a tradição das imagens, que Panofsky define como "a soma total dos processos históricos" (Pifano, 2010, p. 10). Sua teoria "pensa a arte como algo que está a serviço de um aperfeiçoamento interior do indivíduo e da cultura. A arte cumpre um programa pedagógico de aperfeiçoamento de cada ser humano individualmente" há também uma "uma certa tensão entre a discussão dos autores individuais e a discussão dos estilos" (Pifano, 2010, p. 14-15). Contudo, para esta pesquisa a compreensão imagética da figura de São Benedito nos acervos de museu utilizará do método iconológico de Panofsky como ferramenta de método histórico.

## **1.2. CONFIGURAÇÃO DAS IMAGENS CRISTÃS**

O presente subcapítulo busca entender a relação que a Igreja possui com a construção das imagens cristãs, presente no arcabouço da tradição eclesiástica. A presença de imagens e ícones na Igreja Católica remonta ao cristianismo primitivo. Naquele período, as imagens eram usadas como uma forma de catequese para evangelizar os novos cristãos que não sabiam ler. Muitas dessas imagens foram pintadas nos túmulos das catacumbas, como é o caso da primeira conhecida representação de Maria com Jesus no colo (figura 1). Desse modo, o

cristianismo não possuía uma herança artística pré-definida, sua cultura artística era embasada no judaísmo (que evitava fazer a representação do divino), e por influência dos gregos e romanos começa a iniciar um processo de ornamentação e decoração dos espaços de culto, sendo que “a representação do sagrado foi o passo seguinte” (Alberigo, 1995, p. 147).

**Figura 1.** Arte paleocristã: Maria com o menino Jesus e o profeta. Presente na Catacumba de Priscila em Roma, atribuída ao final do século II ou início do século III.



**Fonte:** Locus Mariologicus, 2024.

Com a expansão do cristianismo no Império Romano, muitos artistas se converteram ao cristianismo, o que marcou o início das representações humanas de Cristo. Uma das primeiras pinturas conhecidas é a de Jesus como o "Bom Pastor", localizada na catacumba de São Calixto em Roma (figura 2). Nesse contexto, "no início do século VII, Leôncio de Neápolis desenvolveu toda uma teologia a favor e a respeito dos ícones". No entanto, no mesmo período, a representação de Jesus Cristo foi proibida, pois a "figura começava a aparecer em outros objetos sem qualquer relação com o culto" (Alberigo, 1995, p. 147). Outro historiador afirma, contudo, que os ícones religiosos exerciam grande influência. Em 626, por exemplo, “o

patriarca Sergio, acompanhado pelo senado, realizou uma procissão ao redor das muralhas, carregando as imagens de Cristo e da Virgem, e os invasores desviavam o olhar para evitar a visão da Theotokos invencível” (Besançon, 1997, p. 187). Nessas situações, a imagem era vista como um amuleto de força e proteção.

Com a popularização dos ícones, era possível encontrá-los em muitos lugares, como “quartos de dormir, entradas de lojas, mercados, livros, roupas, utensílios domésticos, joias, vasos, muralhas e sinetes” (Besançon, 1997, p. 187). Além disso, eram frequentemente levados em viagens para garantir proteção. A população acreditava que os ícones poderiam realizar milagres como falar, chorar, sangrar, atravessar o mar, voar e até aparecer em sonhos. Além disso, os padres acreditavam que, ao arranhar os ícones para coletar fragmentos e colocá-los em vasos sagrados, poderiam misturar essas "espécies eucarísticas" com a presença miraculosa do ícone, ampliando a presença Real. Essas crenças contribuíram para o aumento da crise iconoclasta.

Devido a esses problemas e a outros agravantes, a Iconoclastia se torna um tema importante no Império Bizantino. Quando o Imperador Leão III assumiu o trono em 717 d. C., ele já tinha um conhecimento considerável sobre o movimento iconoclasta e, no início de seu governo, não demonstrava “qualquer sinal de oposição em relação às imagens sagradas” (Alberigo, 1995, p. 148). No entanto, o Patriarca Germano, incomodado com “alguns fenômenos patológicos de adoração dos ícones” se opunha energicamente e cobrava uma posição do Imperador “que freasse os abusos”. Por conta disso, em 726 o Imperador promulga um decreto que “não proibia o uso de ícones nos locais de culto, mas procurava cercear sua proliferação fora desses locais”. Não satisfeito com o edito, que não resolvia problema algum, o Patriarca declara que “a questão era grave demais para ser tratada apenas no âmbito do conselho imperial; devia ser objeto de um concílio ecumênico.”. O então Papa da época Gregório II, fica preocupado com a situação que vem acontecendo em todo Império Bizantino e “coloca Roma fora da autoridade Imperial” declarando que “não mais reconhecia Leão como imperador” (Alberigo, 1995, p. 148-149).

A controvérsia sobre a Iconoclastia levou o monge oriental João Damasceno (figura 3), do Mosteiro de São Saba, a criar um discurso teológico contra o iconoclastismo, que foi enviado ao patriarca Germano em 729. Seus escritos formam uma teologia sobre os ícones que permanece relevante na história da igreja. São João Damasceno, nascido em 650, começou sua carreira como funcionário público antes de se tornar padre e, posteriormente, monge. Conhecido por sua sabedoria e inteligência, ele faleceu aos 100 anos. Durante sua vida, escreveu extensivamente sobre moral, doutrina e exegese bíblica. Em seu discurso contra o

iconoclastíssimo, ele argumentava que “a imagem reproduz o sensível, o exterior” (Spanneut, 2002, p. 361) e, portanto, a representação de Cristo era necessária, pois “em Cristo a humanidade é absorvida pelo divino”.

**Figura 2.** Arte paleocristã: Bom Pastor. Presente na catacumba de São Calixto em Roma, atribuído ao século III.

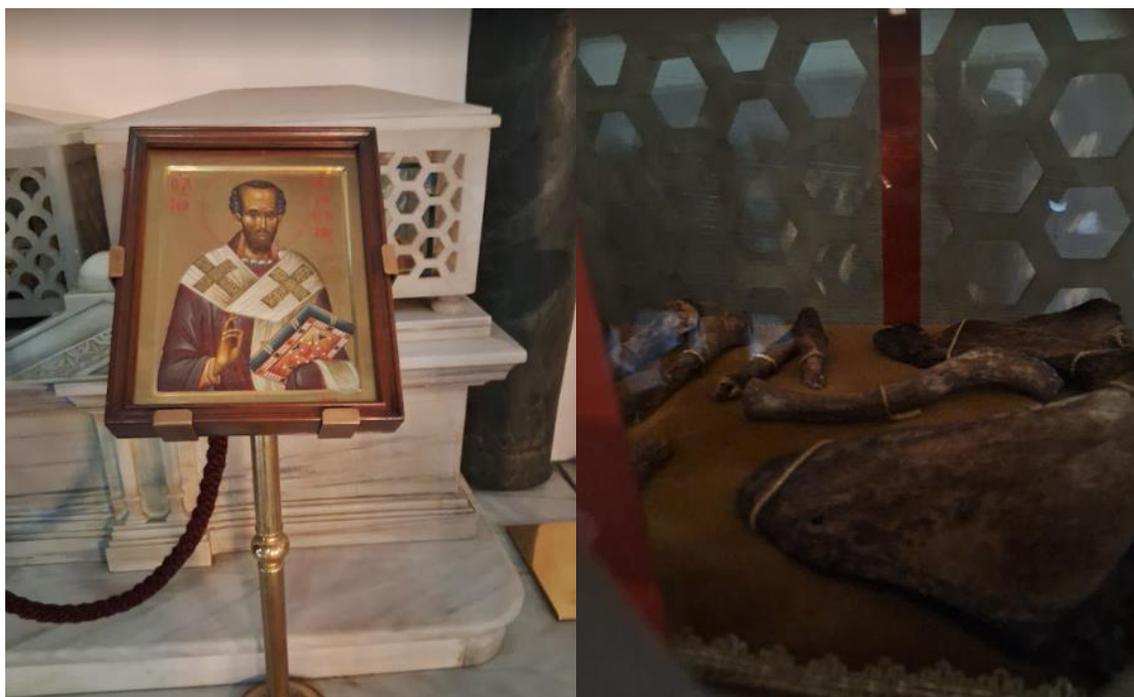


**Fonte:** CommonsWikimedia, 2024.

Assim, a reflexão de João Damasceno desenvolve uma doutrina sobre a imagem e a matéria, afirmando: “Eu não venero a matéria, mas o Criador da matéria, que se fez matéria por mim e que se dignou habitar na matéria e operar minha salvação por meio da matéria”. Ele também argumenta que “o ícone de Maria e dos santos, imitadores e familiares de Cristo, evoca sua relação com Deus, como uma memória”. Para João Damasceno, a imagem é para os ignorantes o que o livro é para os letrados. Por isso, ele se tornou conhecido como “defensor das imagens de Cristo, da Virgem e dos Santos” (Spanneut, 2002, p. 361).

O governante Constantino V ao assumir o Império deixado pelo seu pai Leão III, resolve por um decreto imperial convocar em 753 o sínodo de Hieria (perto da Calcedônia) para discutir o assunto sobre a iconoclastia. Tendo participado 338 bispos, o sínodo discute um “tratado teológico segundo o qual a veneração dos ícones não era idolatria, mas sim heresia” (Alberigo, 1995, p. 149), tais argumentos foram apresentados pelo próprio Imperador Constantino V. Somente os monges reagiram contra as decisões tomadas pelo sínodo de Hieria. Os demais patriarcados do Oriente, ao recusarem as decisões tomadas em Hieria, enviam em 767 um memorando ao Papa Estevão III para que pudesse interferir nessa questão. Em 769 o Papa convoca um pequeno sínodo em Latrão com a participação de 50 bispos, da Itália, do Estado franco e do Oriente para anatematizar o sínodo de Hieria e advertir que as decisões tomadas no sínodo não são representativas, afirmando assim “à ideia da representação do sagrado” (Alberigo, 1995, p. 151).

**Figura 3.** A imagem à direita é o ícone bizantino de São João da Damasceno, ao fundo, a urna com os restos mortais, localizada na Catedral do Espírito Santo de Istambul, Turquia. À direita, os restos mortais do Santo.



**Fonte:** Autor, 2024.

Após a morte do Imperador Constantino V seu filho Leão IV assume o trono, com uma postura mais laxista, onde a questão iconoclasta ganha uma reviravolta. Quando Leão IV morre em 780 seu filho mais novo Constantino VI assume o governo e a Imperatriz Irene encarrega-se totalmente da administração do Império. A Imperatriz era conhecida como anti-

iconoclasta e “num primeiro momento defendeu a liberdade absoluta em matéria de imagens” (Alberigo, 1995, p. 151). Depois de fazer inúmeras mudanças no bispado, trocando iconoclastas por iconófilos, principalmente na nomeação do patriarca Tarciso (um verdadeiro iconófilo), Irene envia em 784 uma carta ao Papa da época Adriano I, pedindo um Concílio para que pudesse ser resolvida toda a situação do problema da iconoclastia. Prontamente o Papa Adriano I concorda com a convocação do Concílio e envia dois correspondentes presbíteros.

O Concílio inicia-se em 786 na Igreja dos Santos Apóstolos de Constantinopla, sendo presidida pelo patriarca Tarciso, havia naquele momento um desconforto, pois muitos iconoclastas apareceram para o concílio. A Imperatriz sentindo-se muito desconfortável com a situação resolveu dispensar os participantes, somente no ano de 787 em Niceia, num lugar mais neutro os trabalhos são retomados com a participação de 350 bispos e os dois representantes do Papa. Houve sete sessões em Niceia, sendo a oitava feita em Constantinopla para promulgação dos resultados obtidos na sétima sessão. A principal decisão foi a total revogação do sínodo de Hieria e a aceitação de uma vez da “representabilidade do sagrado e a veneração dos ícones” (Alberigo, 1995, p. 152), tendo como matéria doutrinal fundante os discursos de João Damasceno.

O Segundo Concílio de Niceia define a respeito dos sagrados ícones e apresenta a seguinte afirmação:

definimos com todo rigor e cuidado que, à semelhança da figura da cruz preciosa e vivificante, assim os venerados e santos ícones, quer pintados, quer em mosaicos ou em qualquer outro material adequado, devem ser expostos nas santas igrejas de Deus, sobre os sagrados utensílios e paramentos, sobre as paredes e painéis, nas casas e nas ruas; tanto o ícone do Senhor Deus e Salvador nosso Jesus Cristo como da Senhora Imaculada nossa, a santa Deípara, dos venerados anjos e de todos os varões santos e justos (Denzinger, 2007, p.218)

A afirmação busca concluir que todas as figuras de cruz e ícones devem ser exibidas em igrejas, casas e ruas. Essas figuras podem ser feitas em pinturas ou mosaicos, desde que em materiais apropriados. O texto do Concílio deixa claro que qualquer imagem sagrada deve estar em locais de honra e jamais deve ser profanada. Portanto, é permitido, conforme o texto, representar Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora e os demais santos e anjos. Essas definições estabelecem claramente como as imagens sagradas devem ser utilizadas após sua promulgação.

Desse modo a veneração dos ícones acontece através da contemplação, pois todos os santos “são contemplados no ícone que os reproduz, tanto mais os que os contemplam são levados à recordação e ao desejo dos modelos originais e a tributar-lhes, beijando-os, respeito e veneração” (Denzinger, 2007, p.218).

A diferença entre veneração e adoração é claramente estabelecida no Concílio, que afirma: “a verdadeira adoração, própria de nossa fé, é reservada somente à natureza divina, mas a representação da cruz preciosa e vivificante é venerada” (Denzinger, 2007, p. 218). Assim, o fiel só pode adorar a representação da Cruz, que simboliza Jesus Cristo. A veneração dos ícones da Santa Mãe de Deus e dos Santos, portanto, é um verdadeiro memorial que deve conduzir à adoração de Jesus Cristo.

Outro argumento importante do Concílio é uma citação de Basílio Magno em sua obra *De Spiritu Sancto*, que trata da veneração das imagens sagradas. Ele afirma que “a honra prestada ao ícone passa para o modelo original”, conferindo ao ícone um papel de destaque na cultura e na fé cristã. Além disso, o Concílio estabelece a punição para aqueles que não demonstrarem verdadeiro zelo pela representação do sagrado, conforme indicado no seguinte trecho:

Aqueles, pois, que ousam pensar ou ensinar diversamente, ou seguindo os ímpios hereges, violar as tradições da Igreja, ou inventar novidades, ou repelir alguma coisa do que foi confiado a Igreja, como o <livro do> Evangelho, a imagem da cruz, um ícone pintado ou uma santa relíquia de um mártir; ou <que ousam> transformar com astúcia e engodo algo das legítimas tradições da Igreja universal ou usar para fins profanos os vasos sagrados ou os mosteiros santificados, nós decretamos que, se bispos ou clérigos, sejam despostos, se monges ou leigos, sejam excluídos da comunhão. (Denzinger, 2007, p.219)

O Concílio estabeleceu cânones fundamentais para a definição do culto de adoração e veneração de imagens, além de consolidar a doutrina teológica de João Damasceno, que ainda perdura. A partir desse momento, a Igreja passou a explorar amplamente a imagética de anjos, santos, Deus, Jesus, Maria e outros personagens bíblicos, tanto na ornamentação de templos religiosos quanto para a devoção popular. No entanto, surgiram problemas com a falta de uma imagem oficial, já que muitos artistas passaram a criar imagens sacras conforme seus próprios gostos. Isso levou à necessidade de estabelecer cânones artísticos para garantir uma representação adequada das figuras sagradas em ícones e esculturas.

A dimensão imagética é um meio de expressão teológica que utiliza da arte e em especial a arte figurativa. Para Chappin,

Entre os inúmeros exemplos que poderiam ser apresentados, tomamos aquele que, evidentemente, é o mais central, ou seja, a representação de Jesus Cristo, "imagem do Deus invisível" (Cl 1,15), ao longo da história. "A imagem de Cristo [...] apresenta uma rica e variada gama de representação que não tem igual entre todos os povos e civilizações da Terra. Todo teólogo deveria, pelo menos uma vez, contemplar (!) as imagens de Cristo da forma como foram representadas ao longo da história. O mesmo vale para quem estuda a história da Igreja. Naquela diversificação em sua historicidade podem ser lidas interpretações teológicas, e não apenas variações artísticas.



padrão visual que facilitasse a devoção e o culto, refletindo a riqueza teológica e simbólica da tradição cristã. Os principais cânones publicados foram “De picturis et imaginibus sacris”, 1570 (indicado na figura por B), foi Escrito pelo teólogo Joannes Molanus, traz as normas e a relação com a moral, educação e arte. Uma orientação a padres e artistas sobre a produção das imagens sacras; “Discorso intorno alle imagini sacre e profane”, 1582 (indicado por C) do Cardeal Gabrielle Palaeoti, o livro traz a definição do lugar sagrado e a importância das imagens sacras no espaço expositivo, além do papel do artista e a utilidade da produção artística; “De imaginibus sacris et profanis illustriss”, 1594 (indicado por A), escrito pelo Cardeal Gabrielis Palaeoti, o livro traz os decretos do concílio de Trento sobre a invocação dos santos, sua veneração, suas relíquias e imagens sagradas.

### 1.3. A REPRESENTAÇÃO DE CHARTIER

A proposta deste subcapítulo é apresentar o conceito de representação e aplicar esse conceito à figura de São Benedito. Assim, segundo Violin, 2021, a palestra “Poderes e limites da noção de representação”<sup>1</sup> realizada pelo Professor Roger Chartier, ajuda a entender que a abordagem da definição do conceito de representação parte do entendimento de duas definições presentes no dicionário de língua francesa publicado pela *Furetière* no ano de 1690. A primeira definição argumenta que representação seria a

imagem que remete à ideia e à memória os objetos ausentes, e que nos apresenta tais como são. Nesse primeiro sentido, a representação nos permite ver o “objeto ausente” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediadamente pela “pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por algumas marcas” – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar, no sentido político e jurídico, é também “ocupar o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade”. Dali surge a dupla definição dos representantes: “aquele que representa numa função pública, representa uma pessoa ausente que lá deveria estar”, e “aqueles que são chamados a uma sucessão estando no lugar da pessoa de quem têm o direito” (Chartier, 2011, p. 17).

A definição aplicada por Chartier encaixa-se perfeitamente no sentido da imagem de São Benedito, pois essa ideia de memória dos objetos ausentes é justamente caracterizada na concepção da representação do santo em gravura ou escultura. A partir dos elementos próprios que caracterizam o personagem do santo, como a vestimenta, a cor de pele, o cabelo e os símbolos que fazem parte da iconografia, aquela imagem presente nas igrejas remete a uma personalidade dotada de história, conceito e memória, que se aproxima da vida do fiel que a ela é devoto.

Ao serem colocadas em destaque dentro das igrejas, muitas vezes em locais mais elevados, ou seja, em altares criados justamente para colocar os objetos que se fazem memória, pode-se dizer que a imagem do santo estaria ocupando um lugar de poder, no imaginário da fé cristã. Pois aquele personagem foi capaz de, em vida, fazer algo extraordinário e após sua morte, tais atos foram reconhecidos pela instituição religiosa e adquiriu o status de santo canonizado para ser cultuado. Assim acontece com o exemplo que o próprio Chartier utiliza para aplicar o conceito:

---

1 Palestra do Professor Roger Chartier, “Pouvoirs et limites de la notion de représentation”, no dia 7 de maio de 2010, no Colloque franco-allemand “Représentation/ Darstellung”, realizado pelo Institut Historique Allemand de Paris.

Essa acepção da representação está enraizada no sentido antigo e material da “representação”, entendida como **a efígie** colocada no lugar do corpo do rei morto em seu leito funerário [...] Os dois corpos do rei, e cuja figura paroxística se encontra nos funerais dos reis ingleses e franceses entre os séculos XV e XVII. Nesse momento-chave se produz, efetivamente, uma inversão da presença do rei. Habitualmente, é seu corpo físico que é dado a ver aos seus súditos enquanto seu corpo místico e político, o que garante a continuidade dinástica e a unidade do reino, está invisível. Durante o funeral, no entanto, o corpo do rei morto é escondido na mortalha e no cadafalso, enquanto o seu corpo político, que nunca morre, se torna visível na imagem de madeira ou cera que o representa. Como indica Furetière, “quando se vai ver os príncipes mortos em seus leitos de morte, vê-se apenas sua representação, a efígie”. Assim, a distinção é radical entre o representado ausente e o objeto que faz ele presente e nos permite conhecê-lo. Postula-se, então, uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa (Chartier, 2011, p. 17).

A representação da efígie, nos funerais dos monarcas, para a construção dessa memória do líder e justamente o mesmo sentido que pode ser aplicado no objeto do santo que é colocado no altar. O fiel quando entra nas igrejas católicas, observa de imediato o altar ao fundo e busca reconhecer qual a imagem de santo que está nesse templo, após isso começa o processo de recordação da vida e obra daquele santo. Sendo identificado, o santo, o fiel com o devido respeito busca venerá-lo, isto é, prestar o culto de *dulia*. Essa representação do santo ajuda a compreender que “a distinção é radical entre o representado ausente e o objeto que faz ele presente e nos permite conhecê-lo. Postula-se, então, uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa” (Chartier, 2011, p. 17), no caso em questão da representação do santo, o objetivo da imagem é trazer essa representação do objeto presente que ajuda a reconhecer a memória que está contida nele.

A segunda definição apresentada pelo dicionário argumenta que

Representação, diz-se, no Palácio, como a “exibição de algo”, o que introduz a definição de “representar” como “comparecer pessoalmente e exibir as coisas”. A representação é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. É a coisa ou a pessoa mesma que constitui sua própria representação. O referente e sua imagem formam o corpo, são uma única coisa, aderem um ao outro: “Representação, diz-se às vezes das pessoas vivas. Diz-se de um semblante grave e majestoso: “Eis uma pessoa de bela representação” (Chartier, 2011, p. 17).

A ideia de representação definida por esse conceito não difere muito do anterior, porém é aplicado melhor ao nosso objeto de exemplo. O santo representa algo, que seja uma instituição, um modo de vida, uma divindade, ou a possibilidade de chegar ao céu. Contudo, essa representação traz uma imagem que remete a um valor de memória, ou seja, um certo peso de significado na religião que a reconhece. O lugar de destaque que tal representação ocupa também revela o lugar de poder, pois, representa uma memória viva de uma pessoa, que foi

reconhecida institucionalmente e que por de trás está uma certa autoridade institucional dos valores acerca do magistério, da tradição e das sagradas escrituras. Contudo, para Roger Chartier o conceito de representação não se esgota assim, ele propõe que a representação seria um “acúmulo de contribuições de vários autores” que de início apoia-se nos trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu e esclarece que

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. **As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.** O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: **produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas.** Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. **Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes** quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 1990, p. 17 apud Carvalho, 2005, p. 149) [grifo nosso]

Desse modo, chegamos no cerne da definição de representação entendida por Roger Chartier. Essa justificativa de que a representação seria sempre uma determinação dos interesses dos grupos que a forjam, tem um certo sentido se aplicarmos na figura do santo, pois, quando a instituição utiliza a representação do Santo Benedito, há um interesse por trás. Dessa forma, precisa-se levar em consideração o contexto da época. Quando o papa Pio VII canoniza São Benedito em 1807, a escravidão da população negra já teria se alastrado por toda a Europa e fazia cerca de 300 anos que os negros africanos estariam vivendo tal realidade. O processo de evangelização do continente africano já estaria bem adiantado e a Igreja, instituição no seu modus operante, precisava se aproximar dessa parcela da população, sendo assim, temos a canonização de um santo negro. Segundo a citação anterior, temos São Benedito como uma representação “determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” e as “estratégias e práticas” que tendente “impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”, além da luta de representação que “tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social”.

Nesse sentido Chartier ainda utiliza na reflexão intelectual de seus trabalhos a teoria desenvolvida por Bourdieu, que

constata como o mundo social foi percebido pelas grandes tradições intelectuais: de alguma maneira, as formulações teóricas de uns e outros são bastante condicionadas pela maneira pela qual **entendem cultura.** Segundo Bourdieu, uma primeira vertente remonta a Kant, entendendo cultura enquanto **exercício da liberdade criadora.**

Ressaltam-se aqui os **bens culturais como instrumentos de conhecimento e de construção de mundo**; o “**aspecto ativo**” dos sujeitos na criação do que Ernst Cassirer chama de “**formas simbólicas**” e Émile Durkheim de “**formas sociais**”. Criando um consenso sobre a ordem social, os “**sistemas simbólicos**” explicitam seu caráter estruturado, passível inclusive de uma análise como a lingüística (à Saussure). Dessa vertente Bourdieu salienta o trabalho de Durkheim, que teria percebido muito bem a **função social dos bens culturais, a saber, a de instaurar o “conformismo lógico”** (Bourdieu, 1998, p. 7-8 apud Carvalho, 2005, p. 146) [grifo nosso].

Nessa perspectiva, o primeiro passo seria entender o processo da cultura que se desenvolve com o “exercício de uma liberdade criadora”, de fato aqui apresenta um equívoco, se aplicássemos tal conceito numa comunidade de negros escravizados, observamos que essa comunidade não possui liberdade de criação. Isso é perceptível no culto das religiões africanas que muitos desses negros trazem ao Brasil por conta do tráfico negreiro. A comunidade, não tem liberdade de culto, muito menos teria a liberdade de criação. Dessa maneira, segundo tal definição, será que os negros escravizados, não poderiam ter acesso à cultura de fato?

Contudo, quando se inicia o processo de entendimento da definição de bens culturais é possível perceber que a comunidade negra é dotada de tais instrumentos de conhecimento e de construção de um mundo único e riquíssimo. Torna-se, necessário a aplicação das formas simbólicas, como meio de entendimento. Visto que o simbolismo que parte da cultura negra, adquire um novo significado, isto é, uma roupagem nova para ser de representado. Como exemplo, temos as religiões africanas que foram proibidas de serem cultuadas numa determinada época no Brasil e precisaram passar pelo chamado conformismo lógico.

Desse modo, poder-se-ia dizer que o resultado disso seria o processo de sincretismo religioso cultural, que se desenvolve a partir da utilização de uma função social que se converte na própria sobrevivência da cultura e da religiosidade negra. Como argumento pode-se trazer a dimensão da “representação coletiva” de uma sociedade e o exemplo da expansão e associação rápida do santo negro a cultura afro, justamente pela cor da pele da imagem. Mesmo que a etnia seja a mesma, estamos dentro de uma religião, que se torna dominante e impõe muito de uma cultura eurocêntrica no seu jeito e modo de ser. Tais elementos são perceptível quando a própria monarquia, na sua relação de padroado, oficializa o catolicismo como a religião oficial, assim sendo gerado o processo de apropriação religiosa pela comunidade negra. Voltando ao entendimento do

conceito de representações de Chartier começa a ser elaborado levando em conta suas determinações de classe e de posição social, o poder e a dominação, tendo muito pouco a ver com o “reduccionismo” culturalista [...], embora exista um certo

determinismo cultural em outras propostas formuladas individualmente por Chartier, as quais examinarei mais à diante. (Carvalho, 2005, p. 150).

Por esse ângulo, o sujeito precisa se ver representado diante da sociedade, o negro ao observar a imagem de representação de São Benedito no altar, vê-se representado toda sua cultura e modo de ser, pois, essa representação é capaz de transformar e desassociar todo aquele regime de escravidão, trazendo uma certa esperança da liberdade. É justamente nesses ambientes religiosos que acontece o contato íntimo, do sujeito consigo mesmo e o então escravizado possui uma esperança de sair daquela realidade. Em outras palavras

As representações permitem também avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros. Chartier segue de perto Bourdieu, citando-o quando menciona as determinações da produção: a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela) (Carvalho, 2005, p. 151).

A manutenção de poder a partir dessa representação simbólica é muito presente, pois o sujeito ao ver a imagem transcende aspectos humanos e aplica sua esperança naquele símbolo, sendo um resultado da fé. Esse contato mais íntimo com o objeto simbólico leva o fiel a também querer alcançar, uma dimensão simbólica que é resultado da representação diante de um sistema simbólico que segundo Chartier é considerado a partir de “todos os signos, atos e objetos como ‘formas simbólicas’”. O ‘mundo como representação’ construído nessa vertente tenderia a tornar-se unitário, sistêmico” (Chartier, 1990, p. 19-20 apud Carvalho, 2005, p. 147), esse sistema está presente no

entendimento de cultura proposto por Geertz apresenta-a como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis; ou seja, nessa perspectiva semiótica, cultura é “sistema simbólico”. Daí o distanciamento de Geertz em relação a Mauss, Weber e Bourdieu, autores importantes para Chartier; daí a exclusão da problemática das “lutas de representações” e uma tendência ao consensual. Diz Geertz: a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, p. 24. apud Carvalho, 2005, p. 147)

Uma característica muita presente no caso da representação seria a relação de poder, que mencionamos rapidamente anteriormente, mas segundo a

contribuição de Luis Marin para a teoria da representação é expressa nos seus livros sobre os lógicos de Port-Royal, **sobre os usos e abusos das imagens pictóricas no início da modernidade**, sobre as representações dos monarcas absolutistas. Daí um duplo entendimento das representações: tornar presente o ausente; e modos de **exibição da própria presença. As representações tornam presentes um objeto, conceito ou pessoa ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-los adequadamente**. Há uma distinção radical entre o representado ausente e a imagem que o representa. A efígie de mármore colocada no lugar do rei morto em seu leito funerário perpetuando uma presença imortal; a imagem do leão apresentada como símbolo do valor, ou do pelicano como símbolo do amor paternal – tais exemplos levantam questões como as das relações entre signo visível e o referente significado, bem como das compreensões e incompreensões do signo, caras aos lógicos de Port-Royal e ao próprio Chartier, que percebe aqui uma fresta para visualizar a pluralidade de apropriações das representações (Chartier, 2002, p. 165-166 apud Carvalho, 2005, p. 153). [grifo. nosso]

O signo de poder, nesse sentido, diz muito sobre a representação do objeto, e no caso de São Benedito é possível perceber essa realidade, aliás em toda representação iconográfica presente nas Igrejas. Essa dimensão busca trazer e evidenciar a percepção do signo que representa muito mais do que a própria vida, mais se pode dizer que representa a própria instituição, essa relação de poder é sentida inconscientemente, porém ela existe e está presente.

Um exemplo para identificar essa relação de signo de poder, seria perceber o local que as imagens sacras estão. Dessa forma, a imagem de algum santo foi colocada em algum lugar que não seja a de destaque? A resposta mais provável é a que não será possível encontrar imagens debaixo da mesa. Nesse sentido, quando as imagens sacras particulares quebram, será que o devoto descarta seu objeto sacro em lixo comum? Não. Portanto, o objeto feito de barro, ou de qualquer outro material presente na natureza, quando está representado algo adquire uma dimensão simbólica de poder, ou seja, o símbolo-objeto adquire poder. Assim como “modos de exibição da própria presença”, isto resulta e significa que “as representações tornam presentes um objeto, conceito ou pessoa ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-los adequadamente” (Chartier, 2002, p. 165-166 apud Carvalho, 2005, p. 153). De outro modo a relação da

força da representação pode tentar persuadir de um poder, mas pode também dar a perceber a distância entre os signos exibidos e a realidade que eles não podem dissimular. A pesquisa deve situar-se, segundo Chartier, na tensão entre a onipotência da representação e seus possíveis desmentidos (Chartier, 2002, p. 178 apud Carvalho, 2005, p. 154).

O caráter de onipotência da representação é muito perceptível nas figuras dos santos, pois, aquela imagem além de representar algo ou alguém, remete a realidade da presença

física, levando o sujeito a acreditar que está falando ou de fato está na presença daquela pessoa que o objeto está representado.

O capítulo apresentou elementos introdutórios cruciais para compreender conceitos fundamentais da historiografia cultural, como a Iconologia de Panofsky e a Representação de Chartier, que serão ferramentas para a análise de São Benedito. Adicionalmente, o capítulo abordou a trajetória e a importância das imagens na tradição cristã, oferecendo uma base sólida para a interpretação das representações iconográficas dos santos católicos.

## **CAPÍTULO II: A GÊNESE DO SANTO E SEU PODER**

Este capítulo busca explorar a hagiografia de São Benedito, incluindo a figura do santo, o processo de canonização, e as literaturas e pesquisas existentes sobre ele. O capítulo também examina a configuração da imagem negra em obras de artistas como Jean-Baptiste Debret (1816-1831) e Johann Moritz Rugendas (1827-1835), analisando a presença do negro na iconografia e a construção da imagem de São Benedito. Este é um capítulo essencial para compreender esses processos e a evolução da representação do santo na arte e na cultura brasileira.

### **2.1. SÃO BENEDITO E A FIGURA NEGRA**

Os santos se tornaram figuras mais acessíveis numa relação com transcendente e torna-se mais próximas da realidade humana do que uma relação como divino impessoal e distante. Essa proximidade levou à humanização do divino, substituindo a veneração das forças da natureza por uma nova relação entre o divino e o humano, mediada por figuras históricas concretas. A devoção popular usa o termo "santo" para se referir a personalidades presentes na igreja católica, que após aprovação canônica se tornam imagens de gesso ou ícones, transformando-se em objetos de veneração. Entretanto, na tradição bíblica, o santo é uma pessoa sagrada, dedicada a uma vida simples, temente a Deus, praticando caridade e vivendo de acordo com os ensinamentos de Cristo. A Igreja Católica reconhece essas pessoas através do processo de canonização, perpetuando sua memória em gravuras e imagens feitas de diversos materiais para assim serem objetos de devoção e veneração. Nesse sentido,

Os santos constituíram-se em figuras mais próximas da realidade dos homens, mais acessíveis do que um Deus impessoal e distante. A relação de maior proximidade com os santos acabou por traduzir uma vontade de antropomorfizar o cosmo, substituindo a veneração das forças da natureza por uma nova relação entre o divino e o humano, que passava agora pelo intermédio de personagens históricos e mais concretos (Vauchez, 1987, p. 16-18 apud Oliveira, 2008, p. 26)

Dessa maneira, um santo é uma figura que pode ser entendida de diferentes maneiras dependendo do contexto. Na realidade do cristianismo o santo é uma pessoa que foi canonizada pela Igreja, reconhecida oficialmente como tendo vivido uma vida de virtude exemplar e estando agora no céu, intercedendo por aqueles na Terra. São frequentemente venerados e representados em imagens, estátuas e ícones. Na realidade religiosa, popularmente,

um santo pode ser visto como alguém que não comete erros ou que é excepcionalmente bondoso e altruísta.

No caso em questão, a proposta deste subcapítulo é analisar documentos de fontes. O objetivo não é apresentar uma hagiografia detalhada da vida de São Benedito, mas sim explorar as fontes existentes que relatam sua vida e que se consolidaram como biografias oficiais. Existem inúmeros trabalhos acadêmicos e livros sobre a vida e obra de São Benedito, e a intenção é entender como essas fontes se relacionam entre si. A bula de canonização, por exemplo, é uma fonte rica de informações, e optou-se por transcrevê-la integralmente. Além disso, há a transcrição parcial e análise da obra "Flor Peregrina". São Benedito foi promovido e proposto como modelo de santidade, sendo o primeiro santo a passar por um processo de canonização após as diretrizes do Concílio de Trento.

Benedito, o Mouro, o Africano, o Negro, de Palermo e de San Filadelfio são nomes atribuídos a um personagem cristão cuja vida como frade franciscano se destacou pela simplicidade e devoção. Trabalhando no convento e buscando uma vida eremítica, ele testemunhou sua fé em Cristo. A historiografia eclesiástica apresenta uma visão que relaciona a fé com a experiência do sobrenatural, e compreender esses aspectos na vida de São Benedito envolve investigar e interpretar tais fatos significativos de sua história. A clássica referência do Frei Jaboatão ajuda a perceber que

Desde os princípios, e fundações destas capitánias, foi sempre em todas ellas tido em huã veneração, e servido com especial culto o glorioso Saõ Benedicto de Palermo ou de S. Fratello, geralmente de todos os Catholicos, e com particular e devoto obsequio da Gente da sua côr, ou seja, por affecto da natureza, ou por sympatia dos accidentes. Não há Cidade, Villa, Parochia ou lugar aonde esta Gente não tenha Igreja sua, consagrada á Senhora com titulo do Rozario, primeyro objeto e móvel das suas adorações, e que nestas taes Igrejas não dedique altar próprio ao seu Saõ Benedicto, com confraria e Irmandade sua. E não satisfeitos com estes expressivos de seo affecto, e devoção, ainda em os nossos conventos, em que os Domesticos e Escravos da caza levantaõ Altares e capelas ao Santo, como o hiremos vendo em seos lugares, com suas Irmandades e confrarias, para estas concorrem taõ bem muitos Irmaõs e Pretos de fora, não obstante terem nas suas Igrejas e nos mesmos lugares outras em que servem ao seo Santo (Jaboatão, 1859, p. 91-92).

Para compreender a vida de São Benedito, é fundamental situá-lo em seu contexto histórico e religioso. São Benedito foi membro da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, uma das várias ramificações da Ordem Franciscana que se desenvolveram ao longo dos séculos. A primeira comunidade religiosa conhecida como Ordem dos Frades Menores (OFM), fundada por São Francisco de Assis em 1209, é a principal e mais conhecida das ordens franciscanas, caracterizada pela simplicidade, pobreza e pregação. Em 1223, São Francisco aprovou a Regra da Ordem, que definia o modo de vida dos frades.

Após a morte de São Francisco, surgiram diferentes interpretações de sua Regra, levando à formação de novas ramificações. A Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv), surgida no início do século XIII, adotou uma interpretação mais flexível da Regra, destacando-se pela aceitação da vida comunitária e pelo uso de propriedades para sustento das atividades conventuais. Em 1255, o Papa Alexandre IV formalizou a separação dessas comunidades.

Outro grupo, a Ordem dos Frades Menores Observantes (OFS), surgiu em resposta ao relaxamento da Regra, buscando um retorno mais estrito às práticas originais de São Francisco. A divisão formal desse grupo também ocorreu em 1255.

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap), à qual São Benedito se uniu, foi fundada em 1528 por um grupo de frades que procurou uma reforma mais rigorosa da vida franciscana, com ênfase na austeridade, simplicidade e dedicação ao serviço dos pobres. Este movimento de reforma dentro dos Observantes recebeu aprovação formal do Papa Clemente VII em 1528. As reformas Capuchinha e Alcantarina, bem como os movimentos penitenciais e eremíticos, buscava incluir em seu modo de vida a Estrita Observância da Religião Seráfica, emergem como respostas a um desejo comum entre os franciscanos de retornar às origens e observar mais rigorosamente as regras fundacionais. Esses movimentos buscavam revitalizar o espírito original da Ordem de São Francisco de Assis, que enfatizava a simplicidade, a austeridade e a devoção pura. Cada uma dessas reformas procurava restaurar e reforçar a prática dos ideais franciscanos, enfrentando o relaxamento das observâncias que havia se acumulado ao longo do tempo e reafirmando o compromisso com o ideal de uma vida dedicada à pobreza e à espiritualidade.

Além das divisões dentro da Ordem Franciscana, surgiram outras ordens religiosas ligadas ao carisma franciscano, como a Terceira Ordem Regular (TOR) e a Terceira Ordem Secular (OFS).

São Benedito nasceu na Sicília, uma região que, na época, fazia parte do Reino de Aragão (hoje Itália). A Sicília, sendo uma ilha estratégica e alvo de disputas constantes, era um ponto de confluência para africanos escravizados e fugitivos das perseguições no Norte da África, o que contribuiu para a diversidade cultural e religiosa da região. Esse contexto histórico e cultural desempenhou um papel significativo na formação e na missão de São Benedito. Segundo o pesquisador Frei Alvaci Mendes da Luz, membro da OFM ajuda a entender que

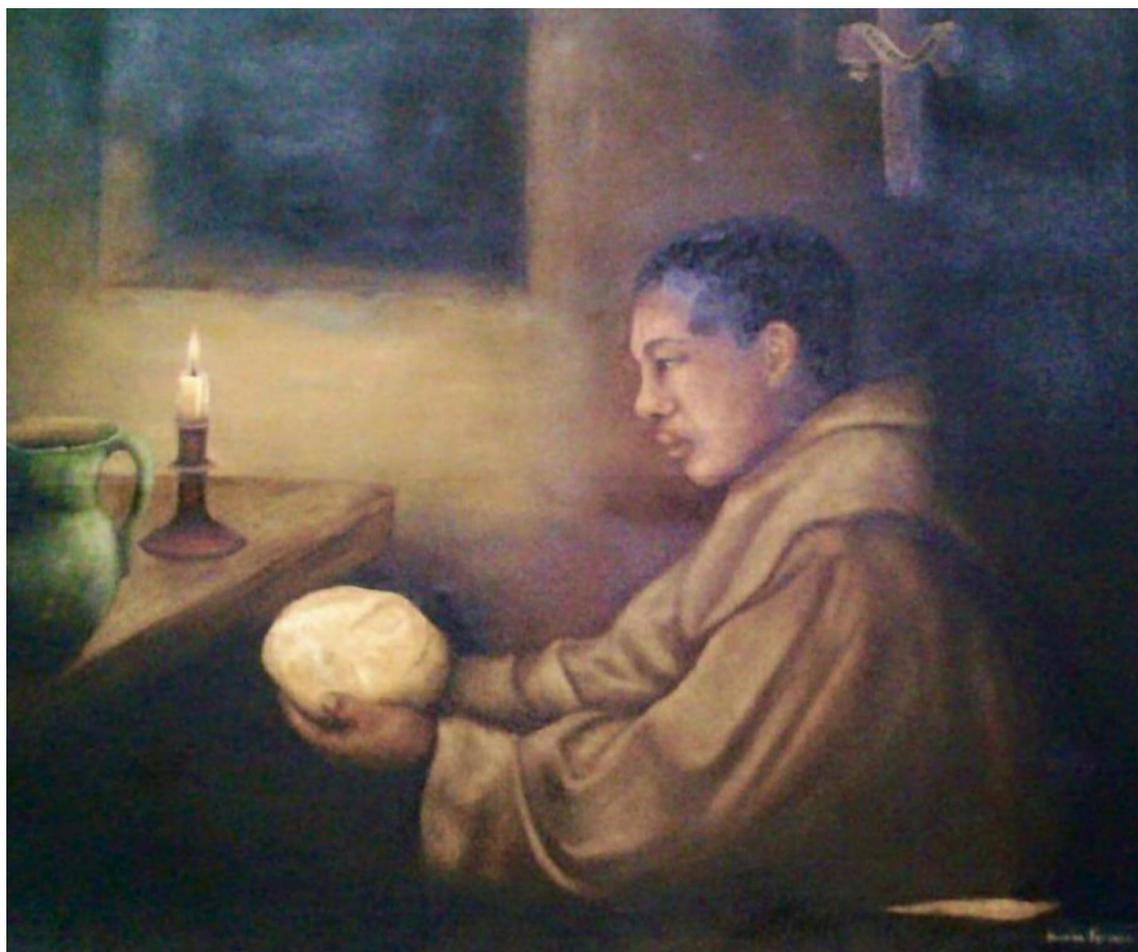
A Ordem dos Frades Menores, cujos membros ficaram popularmente conhecidos como franciscanos, nasceu na cidade de Assis, na região italiana da Úmbria, no ano de 1209. Fundada pelo jovem Francisco de Bernardone, foi aprovada e confirmada pelo Papa Inocêncio III. Em poucos anos, se espalhou por toda a Europa,

estabelecendo-se na Península Ibérica já nas primeiras décadas do século XIII, como é o caso de Portugal, onde, de acordo com Venâncio Willeke (1974, p. 15), a chegada dos primeiros frades se deu em 1217. Com o passar do tempo, sua presença também se consolidou na França, na Alemanha, na Hungria, na Inglaterra e em outros países daquele continente. Os primeiros filhos de São Francisco tinham como características a simplicidade e a pobreza, e, como propósitos, a itinerância e a missão.

No final do século XV, esse grupo de religiosos já era bastante conhecido e numeroso em terras portuguesas e espanholas. Além disso, seu santo lusitano mais popular, Santo Antônio de Lisboa, fora canonizado em 1232. Também seu fundador, Francisco, e até mesmo o rei francês Luís IX<sup>28</sup> já haviam sido elevados aos altares, em 1228 e 1297, respectivamente. A ordem adquiriu tamanha popularidade na Europa que seus frades podiam ser vistos dos castelos às ruas, das universidades aos territórios missionários da África, do Oriente Médio e do Novo Mundo (Luz, 2022, p. 46-47).

A Ordem dos Frades Menores (OFM), fundada por São Francisco de Assis em 1209, representou uma ruptura significativa na história eclesial ao introduzir um novo carisma de vida mendicante. Essa ordem marcou uma mudança radical ao rejeitar as práticas de luxo e riqueza que caracterizavam a Igreja medieval, promovendo em vez disso uma vida de pobreza, simplicidade e serviço.

**Figura 5.** Pintura de São Benedito presente no Convento Santa Maria de Jesus em Palermo.



**Fonte:** Parrocchia Santa Maria di Gesù - Catania/Facebook

Os franciscanos se dedicaram a uma vida de itinerância e assistência aos necessitados, estabelecendo um modelo de vida religiosa que buscava um contato mais autêntico e direto com a comunidade, longe das pomposas igrejas e do clero opulento. Com o tempo, algumas ordens foram se afastando do carisma original, tornando necessária

reformulações internas influenciadas por alguns de seus membros, que exigiam um “retorno às origens”, ou seja, uma vida mais pobre, de penitência e desapegada, como foi a de Francisco de Assis, na fundação do movimento. Esse fenômeno de modificações internas resultou, por exemplo, na “reforma capuchinha”, na Itália, aprovada em 1528, dando origem aos chamados frades capuchinhos; na Espanha, um outro movimento, em 1555, iniciado por Pedro de Alcântara (1499-1562), deu origem à “reforma alcantarina”; na ilha da Sicília, os frades viviam em uma única província reformada, de “estrita observância” – ou, como afirma Frei Apolinário da Conceição (1744, p. 1), a “Província Reformada da Sicília, da mais estreita observância da religião Seráfica”. A maioria desses grupos “reformadores” incentivava uma vida de pobreza e penitência (Luz, 2022, p. 49).

Nesta comunidade religiosa, com princípios reformistas e ligada ao carisma original, São Benedito (figura 5) decide ingressar e residir no convento de Santa Maria de Jesus, localizado na atual Palermo, na Sicília, Itália. Contudo, a hagiografia do santo começa com seu nome de batismo,

Benedetto Manasseri, [...], nasceu em San Fratello em 1526 e faleceu em Palermo em 04 de abril de 1589, ambas cidades da Sicília, na Itália. Filho primogênito de escravos convertidos ao catolicismo, Benedetto se tornou livre aos 18 anos de idade, iniciando sua jornada eremita com um grupo de seguidores de São Francisco de Assis, liderado por Jerônimo Lanza. Não há dados tão precisos quanto a este período que remete à vida eremita e à clausura de Benedetto. Pode-se determinar que entre seus 32 e 36 anos, ele se tornou frei ao ingressar na Ordem de São Francisco e passou a viver no Convento de Santa Maria de Jesus em Palermo, onde exerceu a função de cozinheiro, Frei Superior dos Noviços e Guardião deste convento, algo que chama atenção, pois Benedetto era analfabeto e negro (Oliveira, 2017, p. 369),

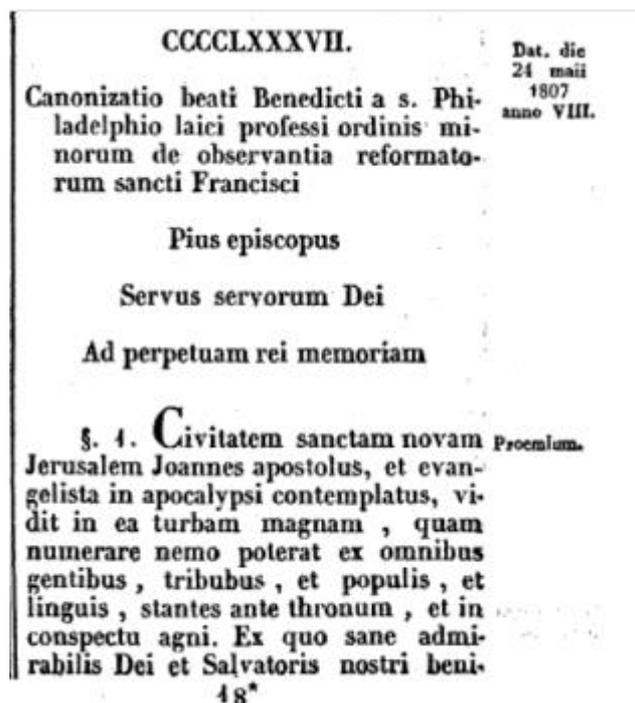
A divulgação devocional de São Benedito acontece por obra da Ordem Franciscana e após ser proclamado como o “santo padroeiro das populações negras” (Oliveira, 2017, p. 369) seu alcance vai da Europa, para África e América. Associado ao processo de conversão dos negros escravizados ao catolicismo a devoção torna-se popular, através do processo de inculturação e pela associação da cor de pele das imagens. A literatura hagiográfica sobre São Benedito é vasta, pois

entre as hagiografias do século XVIII dedicadas ao santo negro, duas se destacam. Uma é a do Padre José Pereira Baião (1690-1743), escrita em 1726 e intitulada História das prodigiosas vidas dos gloriosos santos Antônio e Benedito, maior honra e lustre da gente preta. A outra é de Frei Apolinário da Conceição (1692-1760), também cronista e franciscano, datada de 1744 e que tem como título Flor peregrina por preta ou nova maravilha da graça descoberta na prodigiosa vida do Beato Benedicto de S. Philadelphia.

Outras obras, algumas delas também encabeçadas por franciscanos, surgiram em língua espanhola no mesmo período. Giovanna Fiume (2009, p. 92) menciona algumas: Frei Antônio Vicente de la Cruz Morado publica, em Madri, entre 1744 e

1758, a obra *El negro más prodigioso. Vida del Beato Benito de San Philadelpho*; Frei Diogo de Alvarez, na cidade de Alcalá, em 1747, publica *Sombra ilustrada con la razón. Admirable vida de el Beato Benito de San Fradello, conocido por el Santo Negro de Palermo*; e Joseph J. Benegassi y Luxán, em 1750, também em Madri, publica a *Vida del portentoso negro San Benito de Palermo, descripta em seis cantos jocosos del reducisíssimo metro de seguidillas, con los argumentos em octavas.* (Luz, 2022, p. 34)

**Figura 6.** Bula em latim da publicação de canonização de São Benedito.



Fonte: Bullarii Romani, 1855.

Uma das primeiras biografias oficiais é o clássico livro “Flor Peregrina por Preta, ou Nova Maravilha da Graça: Descoberta na Prodigiosa Vida do B. Benedicto de S. Philelfio, Religioso Leigo da Província Reformada de Sicília”<sup>2</sup>, escrito por Frei Apolinário da Conceição e publicado em 1744. Dividido em 27 capítulos e 303 páginas, o livro foi elaborado com o intuito de propagar a vida e a obra do beato São Benedito, que, embora aclamado pelo povo, não havia sido canonizado oficialmente. Os principais capítulos são:

- Cap. I. Dos Nascimento, Linhagem, Parentesco, e Educação deste insigne Santo Preto.
- Cap. II. Da vocação de Benedicto de uma vida menos perfeita à perfeição, e trânsito ao Deserto. Das quatro Ermidas, donde foi morador; e como passou a viver em o convento de Santa Maria de Jesus da Cidade de Palermo da Provincia reformada de Sicília.
- Cap. III. Das espécies virtudes em que maravilhosamente resplandece este servo de Deos, e primeiramente de sua heroica humildade.

<sup>2</sup> Durante a pesquisa surgiu a necessidade de transcrever 30 páginas o livro para uma melhor compreensão das realidades do santo como fonte material, no qual está no anexo neste trabalho.

Cap. VII. Refere-se sua extremada pobreza, comprovada com singulares prodígios , e exemplos.

Cap. XIII. Da ardente caridade deste Varão Apostólico, em que foi admirável.

Cap. XVIII. Morte preciosa do Beato Benedicto, e suas circunstâncias.

Cap. XIX. Em que se manifesta a aprazível forma de seu defunto corpo; aparecimento à sua sobrinha, enterro; concurso, e sentimento do povo; e as trasladações de seu bem-dito cadáver.

Cap. XX. Exposição de alguns dos muitos milagres que obrou este Bem-aventurado depois de sua feliz morte.

Cap. XXIV. Culto imemorial, que sempre tem tido nosso Santo, como se verifica neste capítulo.

Cap. XXV. Aclamação de sua santidade; estendida pela Cristandade, e singular culto, que tem no Reino de Portugal, e seus domínios, e com muita especialidade no Brasil, o B. Benedicto.

Cap. XXVI. Expõem-se a sentença com que ficou declarado por imemorial o culto, sem ofensa das Bulas, e Restrições do Papa Urbano VIII. E antecedentemente se propõem algumas advertências.

Cap. XXVII. Dá-se notícia dos festejos, que na Lusitana Corte, e Villa de Santarém se celebrarão, com a chegada do Decreto da Beatificação, do que em vida, e nome foi bendito; e dos escritores, que celebram sua memória, o que tudo se conclui com a narrativa do mesmo decreto. (Conceição, 1744, p. 299)

Pesquisas recentes realizadas pela historiadora Joyce Farias de Oliveira, com o título *Niger, Sed Formosus: A Construção da Imagem de São Benedito*, e pelo pesquisador Frei Alvaci Mendes da Luz, com o título *Os Negros de São Benedito na Igreja do Convento de São Francisco (São Paulo, 1854-1901): Resistência e Protagonismo em um Território de Disputas*, têm contribuído significativamente para um melhor entendimento de fontes como *Flor Peregrina*. Essas investigações aprofundam a análise da construção e da representação de São Benedito, ampliando o contexto histórico e religioso da figura do santo. Segundo Brandão,

o ofício litúrgico de S. Benedito do próprio da Ordem Franciscana: *Benedictus ob corporis nigridinem, Sanctus Niger appellatus* – Benedito que pela sua cor preta foi chamado o santo preto. A família era descendente da África. Oriundos da Etiópia, os avos do santo eram tipos legítimos do africano daquela região. Benedito nasceu com a mesma cor. Uma piedade falsa quer atribuir ao nosso santo a cor morena quasi branca, como si não ficasse bem a glorificação nos altares da raça negra. Pretos foram santo Elesbão e Santa Efigênia, e muita gloria deram ao Senhor e à Igreja. A igreja não olha a cor nem a posição social ou a riqueza para canonizar os eleitos.

A vida maravilhosa e edificante de nosso glorioso S. Benedito é a prova de que Nosso Senhor é rico de sua graça aos pequeninos e humildes, aos corações puros. De somenos ou de nenhuma importância na santidade, são riquezas, honras, posições, idade e mais ainda a cor. Benedito, preto, filho de escravos, pobre, ei-lo nos altares! Um dos santos mais queridos entre os da ordem Seráfica, e em muitas nações do velho e sobretudo do Novo Mundo. Como Deus exalta os pequeninos! *Et exaltavit humiles!* (Brandão, 1949, p. 7).

Mesmo antes de sua canonização<sup>3</sup> (figura 6) formal, São Benedito foi reconhecido como santo pela aclamação popular devido aos sinais e milagres atribuídos a ele ainda em vida. No entanto, com as mudanças de época e as políticas da Contrarreforma, o processo de

---

<sup>3</sup> Em anexo está o texto original em latim da bula de canonização.

canonização de São Benedito passou a seguir as novas diretrizes estabelecidas pelo Concílio de Trento. Este processo tornou-se o primeiro a aderir às normas reformadas, marcando uma adaptação significativa nos procedimentos e critérios da Igreja para a canonização de santos. O texto integral traduzido da Bula de Canonização de São Benedito revela os seguintes detalhes:

Pio Bispo, servo dos servos de Deus, "ad perpetuum rei memoriam"

João Apostolo e evangelista, contemplando no apocalipse a Santa Cidade, a nova Jerusalém, viu aquela grande multidão de todas as gentes, povos e línguas que ninguém pode contar, ante o trono e na presença do Cordeiro. E nisto se revela a admirável benignidade de nosso Salvador, que desejando salvar a todos os homens, e querendo que todos alcancem a verdade, chama todos à fé, a ninguém rejeita, e sem exceção recebe a todos que a Ele vêm, pois é rico nos que o invocam. Eis porque, quando nasceu em Belém, ainda criança, quis ser revelado aos gentios e por eles adorado. Depois, tendo recebido o Eterno Pai como herança a todos os povos da terra, mandou aos apóstolos, fossem pregar o Evangelho a toda criatura e fez de Paulo por singular vocação o Doutor das gentes para que a oblação destes fosse aceita e santificada no Espírito Santo.

**Origem do Santo:** Entre essa inumerável multidão, escolheu Deus alguns que seriam exemplos nos povos, e os tornou ilustres com o peculiar brilho da santidade... A estes fez sentar no céu com os príncipes do seu povo, e os colocou em candelabros para iluminarem a todos que estão na casa e habitam na Jerusalém terrestre, para que a estes inflamem com seus exemplos afim de que possam trilhar o árduo caminho da virtude, e os ajudem com seu patrocínio.

Daquela mesma raça etíope de que nasceu o poderoso eunuco da Rainha da Candacia, que com insigne prodígio foi batizado pelo Apóstolo Felipe, como dizem os Atos dos Apóstolos, teve sua origem Bem-aventurado Benedito de S. Filadelfio em quem infundiu Deus as riquezas da sua bondade com tanta abundância, que cumulado de sublimes virtudes e carismas celestes, foi dado como exemplo admirável a todos.

Deus admiravelmente, resiste aos soberbos, dá porém, sua graça aos humildes, eleva os fracos do mundo para confundir os fortes.

Por isto elevou Benedito, nascido de humilde e pobre lugar, as alturas da perfeição. Rude e iletrado era ele. Teve a ciência dos Santos. Fugia de todos os modos ao seu alcance dos louvores dos homens, e, de tal modo foi adornado dos dons celestiais, que a fama da sua santidade correu povos e nações.

Distingue-se em sua vida pelas exímias virtudes e méritos, de modo que, cheio de inúmeros prodígios, brilhou com todos os sinais que revelam ser um eleito entre os Santos do Senhor, e ter recebido a recompensa eterna.

**Vida e costumes:** Na cidade de S. Filadelfio, na Sicília, no ano do Senhor de 1555 nasceu Benedito chamado pelo povo o mouro por causa da sua cor negra. Era de origem de etíopes como seus pais, católicos, que se distinguiram por uma singular piedade.

Eram servos de um rico senhor que lhes prometeu dar liberdade ao filho primogênito. Sendo Benedito o primogênito, nasceu livre. Fora educado santamente e com a boa índole que tinha, mostrou o que mais tarde seria. Aborrecia os brinquedos infantis e cultivava a piedade. De modo especial consagrou-se à Mãe de Deus. De acordo com a sua idade já começou a mortificar o corpo com flagelações e cilícios, e se deleitava na oração.

Por Divina Vontade fora chamado a solidão por Frei Jeronimo Lanza homem nobre e piedoso que havia já abraçado a regra de S. Francisco e proposto aos seus companheiros o quarto voto do jejum na quaresma e três dias de jejum por semana. Emitiu Benedito os votos da vida solitária, vendeu bois que possuía e seguiu sem demora.

No erma de Santa Doménica foi recebido sob a direção de Frei Jeronimo. Pelas faculdades apostólicas, ao terminar o Noviciado fez os votos. Neste estado de vida, em breve, superava a todos os seus irmãos pela disciplina.

Observava o jejum quotidiano, aliás rigoroso, e se abstinha de vinho e comia apenas o necessário para sustentar a vida.

Juntou as macerações do corpo, cruéis flagelações. Dormia pouco deitado no chão. Entregava-se à meditação das coisas divinas, e passava quase todos os dias e noites em oração.

Aos poucos a virtude deste grande eremita começou a ser conhecida, pois a santidade se revelava em prodígios e o obrigava a fugir de ermida em ermida para fugir ao convívio dos homens.

Viviam os eremitas em choupanas, ora nas grutas de Mancusa, ora nas montanhas, ora no sombrio monte de S. Peregrino perto do Palermo e em outros lugares afastados. Vinte e dois anos depois, no Convento no qual Benedito se dedicara, e no mesmo tempo e lugar, se estabeleceu um perfeito gênero de vida.

Pio V decretou que aqueles homens, livres do quarto voto do jejum da quaresma e do jejum semanal, fossem livremente para qualquer das Ordens apropriadas. Benedito pensou em se dar à Ordem dos capuchinhos, mas, como rogasse a Deus na Igreja Catedral de Palermo, que foi revelado que deveria ingressar na família dos Menores de S. Benedito.

**Vida e costumes:** Do Convento de Palermo, de Santa Maria de Jesus, entre os leigos, passou depois para o Convento de Santa Juliana e aí permaneceu três anos, Levou vida solitária como antes. Foi chamado de novo para o convento de Palermo e aí viveu o resto da sua vida. Embora fosse obrigado a ir várias vezes a cidade, Benedito não mudou o teor de vida. Pouco alimento na quaresma e dos mais pobres, muitas vezes simples pão. O ríspido cilício que uma vez usara, nunca mais o deixou. Pouco descanso para o corpo e muitas vezes no chão.

Muito operoso no trabalho. Cruéis açoites e outras macerações voluntárias da carne. Muita oração e meditação que nunca interrompia, ainda mesmo nos trabalhos.

**Observância da pobreza, obediência e pureza:** Severo guarda da pureza, modesto em todo corpo, a ninguém dava as mãos para oscular, sempre as tinha cobertas com a túnica para que não as vissem desnudadas. Assim guardou até o extremo flor da castidade virginal, e por todos era chamado o anjo em carne. Cultivou grandemente a pobreza evangélica e exortava os confrades com veemência a ela. Um saco de palha, uma cruz feita com carvão na parede juntamente com estampas de santos e uma outra da Virgem Maria, era todo o móvel da cela.

Recusava constantemente por sua vontade os presentes oferecidos, entregando-se todo à vontade dos seus superiores. Nunca alguma coisa de sua própria vontade fazia, agia, porém, segundo a vontade e parecer dos superiores, pronta e alegremente.

Na última doença recebeu de boa vontade os remédios por vontade dos superiores e médicos.

Além disso, manso, dócil, paciente e justo em tudo, nunca pôde ser perturbado pela doença, por outras adversidades ou pelas tentações que sofria do demônio, visto andar preparado na alma para todos os adventos da vida.

E para que pudesse ver a Deus, nele colocava toda sua esperança.

**A Caridade:** Dentre todas as virtudes brilhou grandemente em Benedito a eminente caridade para com Deus. Procurava contemplar as coisas celestes e fugir principalmente da mais leve ofensa a Deus. Fazia uso frequente e quase quotidiano dos sacramentos da Penitência e Eucaristia. Fazia longa preparação para os divinos manjares e mais longa ação de graças depois de te-los recebidos. Juntamente com esse ardor de piedade muitas vezes cercado de celeste fulgor iluminava todo o templo, e arrebatado em êxtase ficava por muito tempo imóvel. Daí a sua abrasada caridade para com o próximo e com veemência desejava a salvação eterna de todos, e isso pedia a Deus assíduas orações e com mau trato do corpo. Vinham muitos a Benedito para consultar, e ele, a todos ajudava fácil e prontamente, e aos doentes dava a cada um, remédios e conselhos oportunos.

Além disso, frequentemente visitava os encarcerados e doentes desempenhando para com os mesmos os trabalhos e ofícios de caridade, levando-lhes alguma coisa como auxílio, excitando-os a terem paciência e colocarem sua esperança em Deus.

O mesmo cuidado com os hóspedes, e cenobitas, principalmente com os seus, nos quais prestava todo gênero de serviço. A mesma caridade e mesma misericórdia para os pobres nos quais dava a refeição quando jejuava na abstinência. Quando superior do mosteiro de Palermo, nada lhe aborrecia tanto como o porteiro virar rosto a algum pobre.

**Sabedoria e Milagres:** A esta admirável perfeição e santidade de vida, juntaram-se-lhe dons celestiais, em que especialmente era singular a sabedoria dom de Deus, pelo qual o homem embora iletrado, discorria de modo conveniente sobre os grandes mistérios da fé, e conveniente interpretava os mais difíceis lugares dos sagrados Códigos no que era admirado por doutíssimo teólogo e os cenobitas que ouviam não julgavam que fosse ele, mas o Espírito Santo quem falara por ele. Algumas vezes conheceu perfeitamente as coisas mais ocultas do coração, muitas vezes predisse coisas futuras, também a sua morte concurso do povo aos funerais. Não somente nesse tempo o erro de Deus era eminente em virtude ou em prodígios ainda que morasse na solidão. Contudo, muito mais brilhou na doutrina de Francisco embora fosse irmão leigo. Muitos de repente livraram-se de gravíssimas e desesperadoras doenças pelo sinal da Cruz por ele feito, ou pela lâmpada de óleo no altar de Nossa Senhora, ou recomendando-se a ele nas orações a Deus. Não raramente aumentava os alimentos para subsídio dos pobres, e preparara a comida aos cenobitas e em tempo oportuno multiplicava os viveres.

**Humilde:** Por isso não é de admirar que homens de todas as Ordens, nobres, doutores, até mesmo seus companheiros e superiores, cenobitas, pedissem seu auxílio, rogassem-lhe conselhos e se recomendassem às suas preces, já que Benedito era estimadíssimo por todos. Desta maneira todos o julgavam inspirado pelo Divino Espírito.

Por isso a fama de sua santidade se divulgou e penetrou em Nápoles, Roma, Espanha e Portugal. Contudo, ele manso e humilde de coração, julgava de si muito modestamente. Julgava o menor de todos os mortais, e dizia-se o maior pecador. Procurava oportunidade para se dedicar aos outros. Mostrava quão molestos lhe eram os elogios dos homens. Evitava os louvores dos homens e preferia sempre os mais remotos e menos frequentados caminhos quando ia por obediência aos doentes ou às outras obras de caridade. Na verdade nada lhe era tão grato e tão agradável como prestar os mais vis e objetos serviços nos cenobitas. Os monges de Palermo o elegeram para seu superior.

**Prudência e obediência:** Na verdade, os superiores da província da Sicília achavam tantas as virtudes de Benedito especialmente sua prudência, que entre todos os outros varões que serviam, era o único que se devia escolher para superior no mosteiro de Palermo, onde a disciplina era mais dura, e mais devia ser confirmada.

Desculpou-se ele com a ignorância das letras e sua ínfima condição, e muitas outras coisas. Como nada disto valeu, ocupado sem obedecer, apresentou-se ao cargo pronto e calado. Correspondeu grandemente nos votos dos superiores.

Os cenobitas a ele confiados levou-os em pouco tempo a severa disciplina com o exemplo, calma e suavidade nas palavras na hora de corrigir a culpa.

**A Morte:** No fim de um triênio saiu da dignidade de superior de cenóbio e voltou à solidão desejando com mais veemência progredir nas virtudes por muitos anos.

Certo da próxima partida desta vida, por trinta dias suportou de boa mente alegre, as dores de uma gravíssima doença. Nada pedia por sua própria vontade e nada, entre aquelas coisas que lhe eram mandadas tomar, recusou. Durante esse tempo esforçava-se por contemplar as acerbadas dores de Cristo.

Reparando as forças com o pão do céu, com uma corda suspensa no pescoço, pediu perdão a cada um dos cenobitas companheiros, derramando lágrimas.

E tomado pelo ardor de fé e caridade, externava com palavras seu desejo de receber o sagrado corpo de Cristo ou viático. Recebido este, fora dos sentidos, com o rosto em brilhante esplendor exalava um suavíssimo odor.

Neste êxtase recebia com as mãos no peito o Crucifixo, o com os olhos fixos no céu, repetindo muitas vezes os suavíssimos nomes de Jesus e Maria e aquelas palavras do salmo "In manus tuas Domine commendo a spiritum meum", voou no céu e no amplexo do Senhor e único que amou na terra, aos 4 de abril de 1589, terça-feira da Páscoa, com 63 anos.

**O lugar de suas relíquias:** Ainda que poucos, como ele mesmo dissera, viemos ao seu enterro, contudo no dia seguinte como corresse entre o povo a notícia de sua morte, houve grande concurso de gente de toda a idade e condição e com tanta piedade, que alguém que quisesse as sagradas relíquias não podiam deixar que seu corpo fosse sepultado. Além disso, muitos pediram prodígios e benefícios a Deus por intercessão de Benedito. Os milagres aumentaram a fama da sua santidade e o fizeram crescer na opinião de todos não só em toda Europa, mas também nas regiões mais

afastadas, a até na própria América. Por isso aos 9 de maio de 1592 seu corpo tirado pelo Cardeal Mateus, como patrono da sagrada Ordem dos Menores de S. Francisco, foi posto numa capela. E então, coisas admirável e visível, o mesmo corpo que jaz por 3 anos no úmido sepulcro, de nenhum modo medicado, integro e incorrupto, exalava um suavíssimo odor que rescendia por muito tempo depois. Dois anos depois mandou o mesmo Cardeal Mateus, Arcebispo de Palermo, que se instituísse uma legítima inquirição sobre as virtudes de Benedito, e que terminou naquele mesmo ano. Como Deus quisesse atestar por outros tantos milagres a santidade de seu servo, e como o pedido de Felipe IV Rei da Espanha e da Sicília, também de todo o clero e povo de Palermo fosse apresentado, a Congregação dos Sagrados Ritos concedeu que os sagrados despojos fossem transportados à igreja e guardados num lugar de honra, a que fez aos 9 de outubro 5 anos depois (1611) Joanetino, Cardial por Auria, então Arcebispo de Palermo.

**Beatificação do Venerável Servo de, Deus:** Como aparecessem muitas outras demonstrações de honra e culto público, um processo foi feito pela autoridade ordinária no ano de 1620 sucessivamente por duas autoridades apostólicas, uma na cidade de Palermo no ano de 1625, outra no ano seguinte na cidade de S. Filadelfo nos quais estas coisas foram expostas, donde constaram os milagres e virtudes do Servo de Deus.

Durante esse tempo o falecido Urbano VII, nosso predecessor, editou novos decretos sobre a abertura da causa que foi interrompida até que no ano de 1713 foi dada esta faculdade pelo piedoso Clemente XI, também nosso predecessor. Assim os Palermitanos tendo cumprido os atos apostólicos, enquanto em Roma os mesmos eram apresentados a respeito do culto público, uma e duas vezes na Sagrada Congregação dos Ritos, no mês de maio do ano de 1743 anunciou o decreto: constar a respeito do culto prestado a Benedito, ou a respeito das exceções pelos decretos do Papa qual na verdade Benedito XIV, nosso predecessor de acordo com julgamento, deu consentimento.

Pouco depois permitiu a Sagrada família dos menores de S. Francisco e a todo o clero da Diocese de Palermo, e das cidades de S. Filadelfo, a recitação do ofício divino e a missa do comum dos confessores não Pontífices, com a oração própria já aprovada. Além disso Clemente XIII, nosso predecessor, permitiu que fossem recitados por todos as lições próprias do 2.º noturno.

**Processo de canonização:** Para que Benedito pela disposição cuidadosa da Igreja Romana pudesse ser admitido no número dos santos, foi instituído um exame das virtudes pela autoridade apostólica, e foram relatados os seus grandes feitos.

Tendo examinado tudo completamente a Sagrada Congregação dos Ritos se pronunciou claramente sobre as virtudes de Benedito. Este decreto Pio VI, nosso piedoso predecessor, pela autoridade apostólica, confirmou aos 16 de março de 1777. A questão a respeito dos milagres. Quatro foram os cardeais que tomaram a presidência. Os mesmos permitiram o culto público o que também permitido foi pela Sagr. Congr. dos Ritos. Entre esses cardeais, dois somente estiveram presentes na assembleia de Abril do ano de 1790, na qual foi tudo examinado cuidadosamente, e aprovado pelo sufrágio de todos os Cardeais, o mesmo Pio VI decretou a aprovação dos milagres.

**Milagres, alcançados por sua intercessão:** O primeiro milagre foi deste modo: Francisco Cetinio e Capito, menino de (9 anos) da cidade de S. Filadelfo, recebera um golpe na garganta, com as artérias perfuradas, tendo levado antes um golpe na boca, sem nenhuma esperança de salvação. Logo parem, que a relíquia de S. Benedito foi colocada na garganta ferida, imediatamente se cicatrizou a chaga e ficou curada, e a saúde restabelecida.

Felipe Scaglione da cidade de S. Filadelfo, de 14 anos de idade, padecera de uma enfermidade, não podia por si mesmo se mover do lugar, implorando o auxílio de S. Benedito logo ficou são imediatamente.

Levantou-se e desde então sempre andou desembaraçadamente.

**Opinião de Pio VI sobre a santidade do Bemavenutrado:** Tendo aprovado estes prodígios, os cardeais predecessores de toda a congregação dos ritos, afirmaram com grande unanimidade que Benedito poderia ser colocado entre os santos. E afinal o próprio Pio VI, predecessor já tendo enviado muitas preces a Deus, implorando auxílio do Espírito Santo, no dia 18 de setembro do mesmo ano, declarou que S.

Benedito poderia ser inserido no catálogo, dos santos e que devia ser executado o decreto da sua canonização, pois o mandou publicar.

**Preces para pedir o divino auxílio:** Porque pela disciplina da Santa Igreja Romana, no nosso secreto consistório a 23 de março passada pelo dileto filho Júlio Maria, do título de Santa Maria sobre Minerva, presbítero Cardeal pela Somália prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos foi feita convenientemente a relação de todos e os outros cardeais diziam ser do seu agrado que o B. Benedito fosse inscrito na lista santos. Depois, no dia 16 de abril próximo, convocamos o consistório público no qual é dileto filho Belizário de Cristaldo, advogado da nossa assembleia, que, tendo falado da excelência das virtudes, louvou a santidade de vida de S. Benedito.

Além disso, em outro consistório extraída e publicada a suma da vida, das virtudes e milagres de Benedito, e traduzida para que chegassem a deitar a sentença, todos quantos estavam presentes, os nossos veneráveis irmãos cardeais da S. R. E, patriarcas, arcebispos, dos quais muitos chamados da diocese vizinhas à Roma, unânimes em acordo, decretaram que Benedito devia ser inserido no catálogo dos santos. O sufrágio que cada um subscreveu foi corrigido e mandamos guardar no arquivo da Santa Igreja Romana.

**Canonização:** Afinal, tendo sido concluídos os ritos, o que o sagrado cânone prescreve, naquele dia, que foi o da SS. Trindade, com os nossos veneráveis irmãos, cardeais da S. C. R., também os patriarcas, arcebispos e bispos, preladados, cúria romana, oficiais, nossos familiares, clero secular e regular, pelo rito da solene súplica, esplendidamente, nos reunimos. Onde pelo nosso dileto filho Diogo, do título de Santo Agostinho, tendo sido nomeado presbítero o cardeal Caraccilo, uma e duas vezes procurador e na terceira para o decreto que pediu a canonização, cantadas as sagradas preces e as ladainhas, invocado o Espírito Creador, para que visitasse a nossa mente, e nos enchesse o coração de abundante graça, para a honra da SS. e Individua Trindade, para a exaltação da fé católica, para aumento da religião cristã, pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo, tendo sido patriarcas, arcebispos, bispos existentes na cidade, pronunciamos que, na verdade se deve definir que o S. Benedito de S. Filadelfo foi santo ilustre na glória dos milagres, muito acumulados de virtudes, juntamente com Francisco Caraciolo, Angela Merici, Coleta Boilet e Jacinta Mariscotti, inscrevemos no catálogo dos santos, e decretamos que deve ser venerado por todos os cristãos: estátuas e altares nos quais se ofereça o santo sacrifício a Deus, a sua memória deve ser venerada todos os anos no quarto dia do mês de abril entre os santos confessores, não pontífices: pela mesma autoridade aos fiéis refeitos pela sagrada Eucaristia ou Confissão, que todos os anos visitarem o tumulo onde descansa o seu corpo, durante 7 anos, abrandamos de qualquer maneira, pela misericórdia do Senhor, as penitências que ainda devem. Terminadas estas coisas, cantamos o hino de louvor e confissão e daremos ação de graças a Deus e celebramos o santo sacrifício no altar Mór com a comemoração do mesmo S. Benedito e dos quatro santos preditos; concedemos também indulgência plenária a todos os fiéis congregados nas solenidades na forma costumada da Igreja. Para que, na verdade nos venha a proteção de Benedito, é justo que com humildade demos graças a Deus, pedindo humildemente que, pela proteção e méritos de seu servo nos livre dos presentes angústias mortais e calamidades, e se digne encher-nos neste dia de sua celeste graça para que no futuro mereçamos a eterna glória.

**Expedição de cartas:** Quando no resto com o mesmo Cardeal procurador nos pedisse, que era de igual obediência, que sobre todas as enviadas, decretássemos as nossas cartas apostólicas valendo perpetuamente, anuímos a justíssimas preces, não só quisemos publicar e editar as nossas presentes cartas as quais estão sobre o mesmo teor decretamos tudo e confirmamos cada uma das enviadas e também de novo estabelecemos: Sejam enviadas delas ou com exemplos, também com impressos assinados pela mão de notário público e munido do sinal de alguma pessoa constituída na dignidade eclesiástica, haja principalmente aquela fé como si a nós mesmos presentes fossem apresentadas e mostradas.

**Sanção penal:** A nenhum homem é permitido infringir esta página de nosso decreto, da definição, adscrição, mandamento, estatutos, ou apor-se a ele com juízo temerário; si alguém o tentar caia sobre ele a indignação do Deus Onipotente, dos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo. Dado em Roma no ano da Encarnação do Senhor de 1807, 25 de maio, oitavo do nosso pontificado.

Assinaturas dos senhores cardeais  
 Eu Pio, Bispo da Igreja Católica  
 Eu L. Bispo do Porto e S. Rufina, Cardeal Antonello  
 Eu A. Bispo da Albania, Cardeal Volenti Gonzaga  
 Eu A. Bispo Prenestino, Cardeal Mateus  
 Eu Bispo da Toscana, Cardeal Ab Auria Samphly  
 Eu primeiro presbítero da F. S. R. E., titular de S. Lourenço em Lucina, Cardeal Carafa  
 Eu A. titular de S. Praxedes. Cardeal Presbítero Dugnani  
 Eu H. titular dos santos Nereu e Aquileu, Cardeal Presbítero Vicenti  
 Eu F. titular 8. M. trans-Tibre, Cardeal Presbítero Pignatelli  
 Eu A. titular dos santos João e Paulo, Cardeal Presbítero Ravella  
 Eu I. M. titular Santa Maria "Supra Minervam", Cardeal Presbítero de Somalia  
 Eu I. D. titular de Santo Augustinho, Cardeal Presbítero Caracciola  
 Eu M. titular de Santa Maria "in via", Cardeal Presbítero de Petro  
 Eu C. titular Santa "Suzana ad termas" Cardeal Presbítero Crivalli  
 Eu S. M. titular de Santo Anastacio, Cardeal Presbítero Saluara  
 Eu B. titular S. Silvestre "in Capite", Cardeal Presbítero Sacca  
 Eu I. Ph. titular de S. Aleixo, Cardeal Presbítero Gallerato Scutti  
 Eu L. titular de Santa Prudenciana, Cardeal Presbítero Lirea  
 Eu Ph. titular Santa Maria dos Anjos, Cardeal Presbítero Casasi  
 Eu H. titular de S. Pedro "ad Vineula", Cardeal Presbítero della Porta  
 Eu I. titular de S. Lourenço "in pane et perna", Cardeal Presbítero Wastraves  
 Eu A. de Santa Maria "in via Oactea" primeiro Cardeal Diacono "ab Auria"  
 Eu R. S. de Santa Maria "ad Markyres", Cardeal Diacono Braschisa de Honestis  
 Eu H. de Sabta Agata "ad Suburram", Cardeal Diacono Cassalei  
 Eu C. S. M. Adriano Cardeal Diacono Erskise (sem efeito) (Brandão, 1949, p. 83-94).

A bula revela sua trajetória desde a origem humilde na Sicília até a sua elevação à santidade. De pais etíopes, Benedito levou uma vida marcada por austeridade e profunda espiritualidade, destacando-se por sua sabedoria divina e uma série de milagres atribuídos a ele. Embora iletrado, sua dedicação à oração e a sua caridade para com os pobres e doentes chamaram a atenção e o levaram a fugir da notoriedade para viver em solidão. Após sua morte em 1589, sua fama de santidade se espalhou rapidamente, e numerosos milagres foram registrados em sua intercessão. O processo de beatificação e canonização, que culminou em sua oficialização como santo por Pio VI em 1807, destacou o reconhecimento dos milagres e virtudes de Benedito, estabelecendo-o como um modelo de santidade e devoção para os negros cristãos. O santo foi “capaz de criar um diálogo entre o sistema de pensamento do contexto em que se situa e a mensagem cristã” (Chappin, 1999, p. 47). Sendo uma ferramenta de devoção, pois, utiliza de dois modelos a translação e a inculturação. Nesse sentido,

A translação consiste em integrar alguns elementos tradicionais da cultura na prática eclesial, particularmente na liturgia e na catequese. Dessa maneira, pretender-se-ia justificar a presença, no contexto específico, de uma prática eclesial que faz remontar as próprias características e seus conteúdos peculiares a outro contexto que os gerou, mas que no decorrer dos séculos os transmitiu como que codificados. Para a teologia, mais diretamente, a supraculturalidade da revelação poderia favorecer esse procedimento.

A inculturação que deve ser diferenciada de "aculturação", "enculturação" e "transculturação" serve-se de uma hermenêutica em uma base bem diferente: a própria cultura e também a própria religião indígena são consideradas já como valores relevantes, capazes de enriquecer a interpretação da revelação, e permitir a descoberta

de novas dimensões. Os elementos de determinada cultura-sociedade viva (não se trata de arqueologia!) não são apenas meios de expressão para a mensagem evangélica, mas acabam constituindo-se também em princípio inspirador (Chappin, 1999, p. 47)

A figura de São Benedito Negro é um exemplo claro de como a translação e a inculturação podem ocorrer dentro da prática eclesial. A veneração de São Benedito Negro pode ser vista como um exemplo de translação, onde elementos culturais africanos foram integrados na prática católica. A presença de imagens de São Benedito com características africanas, como a pele negra, é uma forma de reconhecer e valorizar as raízes culturais dos fiéis. Essas representações ajudam a justificar e legitimar a presença da cultura africana dentro do contexto da prática religiosa católica. Além disso, a estratégia devocional a São Benedito é um processo de inculturação, a prática católica do santo inspira a comunidade africana. De outro modo, a veneração de um santo com características africanas não é apenas uma adaptação superficial, mas uma forma de enriquecer a prática e a interpretação da fé católica, reconhecendo e celebrando a diversidade cultural dentro da Igreja.

Assim, a translação e a inculturação ajudam a criar um espaço onde elementos culturais locais podem se integrar de maneira significativa na prática religiosa, enriquecendo a expressão da fé e promovendo um diálogo mais profundo entre diferentes culturas e tradições. Dessa forma,

Setores da igreja colonial perceberam que era preciso ampliar o “mercado hagiográfico” de forma a atender à demanda dos segmentos negros. O atendimento a estas expectativas configurar-se-ia numa nova frente do projeto de catequese para os franciscanos e seus descendentes. [...] santos negros no século XVIII, mereceram a atenção da igreja na ampliação do “mercado hagiográfico” para os chamados “homens de cor”. Foram eles: Santo Elesbão, Santa Efigênia, São Benedito e Santo Antônio de Categeró. (Oliveira, 2008, p. 27)

A rápida chegada desse processo no Brasil ocorre justamente porque

Os franciscanos, [...] espanhóis e portugueses, foram ao Novo Mundo com os descobridores: a participação da Ordem nas Américas remonta à primeira viagem de Colombo, com os padres Giovanni Perez e Antônio de Marchena, do Convento de La Rabida. Um grupo numeroso tinha acompanhado Perez em viagens sucessivas, entre 1493 e 1502; [...], enquanto os frades portugueses, embarcados em 1500 com Cabral, em Coimbra, tinham fundado, em 1516, a primeira igreja franciscana em Porto Seguro. [...] A América do Sul tornara-se a maior área de missão franciscana na época colonial: em algumas zonas eles tinham chegado primeiro e eram eventualmente os únicos missionários, e pelo seu número não temiam o confronto com nenhuma outra ordem religiosa (Fiume, 2009, p. 94).

Com a chegada dos franciscanos, inicia-se a concretização do projeto de conversão dos negros através das devoções. A partir da Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia, a necessidade de catequizar os negros escravizados torna-se uma responsabilidade do

proprietário de escravos e da Igreja. Esse processo de catequese, promovido pelos franciscanos, visava não apenas a introdução dos princípios cristãos, mas também a integração dos negros na estrutura eclesial colonial. Os carmelitas seguem no mesmo sentido pois,

apresentaram Santo Elesbão e Santa Efigênia, monarcas africanos e convertidos ao cristianismo no período da Antiguidade Cristã, com isso elevaram essas figuras ao bojo da tradição cristã, demonstrando o histórico de uma Etiópia Cristã que resultou em memoráveis prodígios da Fé: Elesbão e Efigênia. Vestidos como carmelitas, os santos pretos são o resultado do esforço e engenho desta ordem em conceber uma narrativa que interligasse essas duas figuras aos preceitos desta ordem e uma Etiópia protocristã (Oliveira, 2017, p. 171)

A devoção a Santo Elesbão e Santa Efigênia está presente em territórios específicos, como o litoral e as capitais, como Salvador e Bahia. A devoção negra que se alastra no território nacional antes da propagação de São Benedito é Nossa Senhora do Rosário, sendo propagada pelos Jesuítas. Sendo assim, o

projeto franciscano apresentou Santo Antônio de Noto e São Benedito, figuras da modernidade, pois viveram na Sicília durante o século XVI. O primeiro ingressou para a Ordem Terceira de São Francisco, era mouro e foi escravizado; o segundo ingressou para Ordem dos Frades Menores e era filho de ex-escravos convertidos ao catolicismo. Ambos gozaram de popularidade de santidade ainda em vida. Figuras interpretadas como bem-aventuradas, mesmo num contexto de escravidão. Além disso, durante o século em que viveram, outros pretos com alguma ligação com a filosofia franciscana também eram cogitados para se tornarem santidades. (Oliveira, 2017, p. 171)

A iniciativa de jesuítas, carmelitas e franciscanos na “divulgação do culto a estes santos, o que identificava uma maior preocupação da Igreja no pastoreio das ‘gentes de cor’ – maior contingente demográfico da América portuguesa.” O próprio “investimento nestes modelos era uma tentativa de tornar a santidade mais acessível para aquele segmento populacional” (Mott, 1993, p. 245 apud Oliveira, 2008, p. 27) e propagar a fé cristã. Com a ajuda dos franciscanos São Benedito torna-se

o mais popular, sua devoção foi registrada além da Europa, na África, Índia e, especialmente na América Latina foi imediatamente considerável acompanhando a expansão da colonização e do tráfico negreiro. De acordo com Dell’Aira, não há de fato uma estrita conexão, mas sim, um hiato considerável entre a vida na Sicília de Frei Benedito e sua fama latino-americana como o glorioso santo, concluindo que a figura emblemática de São Benedito é profundamente associativa no que se refere à conversão e aculturação de negros ao catolicismo. Neste caso, a cor foi o maior artifício de assimilação, todavia, a valorização do santo não conseguiu isentá-lo da inferioridade tida como inerente ao negro e o quanto a cor simbolicamente demonstrava isso. (Oliveira, 2017, p. 226)

O corpo de São Benedito foi conservado no convento e uma máscara foi criada para preservar os traços do santo, juntamente com a utilização de um hábito (figura 7). O corpo ficou exposto na igreja do convento onde ele viveu durante anos. Em meados de 2023, a região ao

redor do convento sofreu um grande incêndio florestal que se alastrou até a igreja, resultando na destruição das relíquias ainda existentes (figura 8). Após o incêndio, os restos mortais foram recuperados e passou-se por um processo de separação e identificação (figura 9).

Em julho de 2024, para comemorar os 500 anos do nascimento de São Benedito, a província franciscana da Sicília organizou uma cerimônia especial para entregar as relíquias do santo à comunidade (figura 10).

**Figura 7.** Altar tumulo de São Benedito na Igreja do Convento de Santa Maria de Jesus em Palermo antes do incêndio.



**Fonte:** Parrocchia Santa Maria di Gesù - Catania/Facebook, 2024.

**Figura 8.** À esquerda, imagem da capela após o incêndio, à direita, capela antes do incêndio.



**Fonte:** Parrocchia Santa Maria di Gesù - Catania/Facebook, 2024.

**Figura 9.** À esquerda, altar tumulo antes do incêndio, à direita, recuperação dos restos mortais após o incêndio.



**Fonte:** Parrocchia Santa Maria di Gesù - Catania/Facebook, 2024.

**Figura 10.** À esquerda, cartaz do evento da entrega da relíquia de São Benedito, à direita, os restos mortais e a procissão da comunidade que recebeu as relíquias em julho de 2024 na cidade de Palermo, Itália.



**Fonte:** Parrocchia Santa Maria di Gesù - Catania/Facebook, 2024.

## 2.2. A IMAGEM DO NEGRO SANTO

Este subcapítulo tem como objetivo explorar a figura da imagem negra tipicamente brasileira, analisar as primeiras representações de São Benedito e identificar os diferentes modelos de representação existentes. A figura do negro que foi traficada da África para o Brasil, possui um multiculturalismo que poder ser entendida a partir das ilustrações de Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas.

Na obra "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", de Debret, é possível perceber uma obra que evidencia o talento artístico do pintor e desenhista francês, revelando em imagens a vida urbana brasileira do início do século XIX e a vida na corte do Rio de Janeiro. Publicado inicialmente em Paris entre 1834 e 1839, o livro foi dividido em três volumes: o primeiro dedicado aos índios e à natureza, o segundo retratando o cotidiano de brancos e negros, com destaque para a vida dos escravos, e o terceiro focado na corte e nas elites, incluindo cenas do cotidiano e manifestações culturais. A maioria dos exemplares foi impressa com gravuras em preto e branco, embora alguns poucos exemplares coloridos tenham sido produzidos. Debret também incluiu imagens de São Paulo e províncias do sul, regiões que visitou nos últimos anos de sua estadia no Brasil.

O ciclo de ilustrações da população negra (figura 11) proposta pelo pintor está dividida entre sexo, uma parte ele retrata a figura feminina e na outra a figura masculina, representando as mais diversas nações negras presente no Brasil naquele momento. Debret destaca o formato do cabelo tanto masculino quanto feminino e o grafismo presente na pele.

No livro "Viagem Pitoresca Através do Brasil", de Rugendas, a proposta é uma rica documentação iconográfica produzida pelo pintor alemão durante sua passagem pelo Brasil entre 1827 e 1835. Esta obra destaca-se por capturar de maneira detalhada e vivida diversos aspectos da vida cotidiana, da natureza exuberante e das paisagens do Brasil na primeira metade do século XIX. Rugendas, com seu olhar atento e técnica apurada, retrata não apenas a beleza natural do país, mas também a diversidade cultural e social, oferecendo um valioso registro visual que complementa as narrativas históricas da época.

A figura do negro está retratada de forma mais detalhada, distinta e classificada por etnia, como por ele nomeado os *créoles* destina a representar mulher, homem, jovem e idoso. *Mozambiques*, retrata criança, jovens e adultos e destaca o grafismo presente no corpo. Além do mais retrata ainda etnias como *benguela*, *angola*, *congo*, *monjolo*, *cabinda*, *quiloa*, *mina* e *rebola*.

**Figura 11.** Ilustração da população negra brasileira presente no livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.



Fonte: Debret, 1978.

Figura 12. Ilustração da população negra brasileira presente no livro Viagem pitoresca através do Brasil.



Fonte: Rugendas, 1979.

Entender a configuração da imagem negra ajuda a construir o pensamento e a apropriação da imagem devocional, pois é necessário que a imagem "faça sentido na tradução do negro, permitindo que ele se aproprie dela e rearticule seu significado simbólico" (Oliveira, 2017, p. 174). Esse processo é fundamental para a integração e valorização cultural e religiosa, promovendo uma conexão mais profunda e pessoal com a devoção representada. Certamente é a partir desses traços que a figura de São Benedito será inspirada. Assim, no processo de entendimento da cor é necessário perceber que a representação visual possui significados culturais, históricos e simbólicos profundos. A cor, nesse caso, não é apenas um atributo físico, mas um elemento carregado de significado que reflete as relações de poder, identidade e resistência, pois,

O branco em suas magnificência e sabedoria estava incumbido de resgatar o negro das trevas, segundo este discurso. Apesar de serem filhos da noite, de acordo com o pensamento cristão em relação aos negros, a salvação era possível através do que parecia muito apropriado para esses "infelizes" no mundo dos brancos: a escravidão. Transformados em servos, tornavam-se mais mansos, lembrando que a servidão não apenas lhes caía bem, como estava traçada em seu destino, pois os negros nasceram para servir, algo predestinado no Antigo Testamento. Os negros eram amaldiçoados e para isto bastava olhar sua cor. (Oliveira, 2017, p. 176)

**Figura 13.** Detalhe dos anjos da escultura de Nossa Senhora do Museu de Arte Sacra de Santos.



**Fonte:** Oliveira, 2017.

Portanto, reconhecer e interpretar a cor dentro desse contexto contribui para uma compreensão mais ampla e rica da figura devocional e de seu impacto na sociedade. Por isso,

A questão da cor da pele preta, enquanto atributo de identificação, sugerindo a intenção do uso de imagens para persuadir um determinado público pela aparência do santo. Algo cogitado tanto no cristianismo africano e ressaltado pelo catolicismo negro. Fromont sugere essa interpretação ao analisar a sobrevivência dos preceitos de um cristianismo africano nas imagens de nó de pinho. Todavia, essa leitura aparece

com mais destaque no catolicismo negro, fundamentando a defesa da construção identitária pela cor da pele. (Oliveira, 2017, p. 172)

**Figura 14.** Vitral com a representação da população negra sendo batizada presente na Igreja de São Luiz Gonzaga localizada na Av. Paulista em São Paulo..



Fonte: Autor, 2024.

A identidade pela cor de pele é frequentemente percebida de forma automática, influenciando a maneira como indivíduos são categorizados e tratados na sociedade. No contexto do Brasil Colonial e Imperial, a cor de pele desempenhou um papel crucial na estruturação das classes sociais e na perpetuação das desigualdades. Contudo, no contexto da imagem de São Benedito, por exemplo, é essencial compreender como a cor preta foi historicamente interpretada e o que ela representa na iconografia religiosa (figura 13 e 14). Pois, o santo negro ajudou a definir

um novo conjunto de santidades, pelo menos, com uma marca muito significativa nas estratégias de catequese, a cor preta de suas peles. A negrura de seus corpos se torna a característica mais proeminente neste conjunto de santidades. Contudo, diferente da forma que se apresentava um santo preto pelas virtudes, a cor escura não soava como algo positivo, mas como algo que poderia ser tolerado e superado pelos exemplos de suas virtudes. Neste jogo retórico e suas variadas interpretações, o problema da imagem do negro no catolicismo se concentra especialmente num elemento, a cor preta. (Oliveira, 2017, p. 176)

Nesse sentido, a cor escura da população brasileira nesse contexto se torna a característica mais notável. No entanto, em vez de ser vista como algo positivo, a cor preta era tolerada e superada pelas virtudes dos santos. A “recepção do negro à produção artística dada pelo branco partia de uma reinterpretação [...], analisando a imaginária das devoções de irmandades de negros, considerou viável o emprego da cor na estatuária religiosa com a intenção de que os negros pudessem assemelhar-se ao seu santo” (Oliveira, 2017, p. 173-174). Assim,

As primeiras representações de São Benedito surgiram ainda no final do século XVI. Tanto Dell’Aira como Fiume concordam que uma imagem de madeira relativamente grosseira de Benedito tinha sido produzida antes ou depois de 1600 para o convento de Santa Maria de Jesus onde o frei passou boa parte de sua vida. A imagem de madeira é um meio busto do frade negro, vestido com hábito dos capuchinhos, representado com algumas feições de africanos subsaarianos, cabelos crespos, lábios grossos e nariz largo. Para Fiume, a imagem não parece ser estereotipada, pois não parece estar convencionada a algum cânone. A pesquisadora sugere que o artista produziu esta peça de forma autônoma e autêntica. (Oliveira, 2017, p. 213)

**Figura 15.** À esquerda, detalhe de São Benedito do da pintura de *Consegna del cordiglio a San Francesco*. Pietro Novelli. Pintura a óleo s/tela, 1635. À direita, *Meio Busto de São Benedito*. Anônimo. Madeira, séc. XVI.



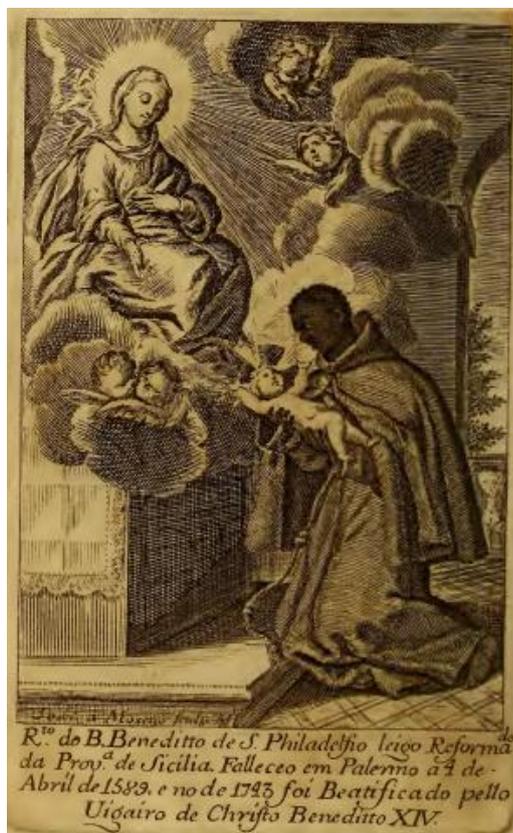
**Fonte:** Oliveira, 2017.

Então, as primeiras representações de São Benedito (figura 15) foram a pintura de “Consegna del cordiglio a San Francesco” de Pietro Novelli feito em pintura a óleo de 1635, que retrata um fragmento do Santo ajoelhado segurando a vela representando modelo de servidão e o Meio Busto de São Benedito, anônimo feito de Madeira atribuída ao século XVI. Contudo, somente

Foi com a publicação do parlemitano Pietro Tognoleto, um franciscano hagiógrafo, que começou a definir uma tradição iconográfica, lançando o primeiro modelo iconográfico de Benedito como santidade negra. De acordo com Dell’Aira, no ano de 1652 o frei negro foi instituído Beato Patrono de Palermo e assim Pietro Tognoleto elaborou uma hagiografia de Benedito. Quinze anos mais tarde, esse material foi compilado na publicação organizada por Domenico d’Anselmo sobre santidades franciscanas da Sicília (Oliveira, 2017, p. 217).

Com a inauguração dos modelos iconográficos e a popularização de imagens de santos negros, a representação visual no catolicismo brasileiro começou a incorporar características locais. Essas imagens não apenas reforçavam a identidade religiosa dos fiéis negros, mas também contribuía para a construção de uma nova percepção cultural e social, onde a cor da pele dos santos ganhava um significado importante dentro da espiritualidade e

**Figura 16.** Ilustração de São Benedito no Flor Peregrina.



**Fonte:** Conceição, 1744.

devoção cotidiana. O principal modelo a ser divulgado no Brasil foi a ilustração presente no livro “Flor peregrina” (figura 16).

Os modelos iconográficos de São Benedito existentes são três (figura 17), modelo italiano, modelo espanhol e modelo português.

**Figura 17.** Esquemas dos modelos iconográficos de São Benedito.

## Os Modelos de São Benedito



**Italiano**

São Benedito com o  
Menino Jesus



**Espanhol**

Milagre do sangue



**Português**

São Benedito das Flores

**Fonte:** Adaptado pelo autor de Oliveira, 2017.

No modelo italiano é representado pela imagem de São Benedito com o Menino Jesus no colo, pois destaca a visão do santo negro, especialmente valorizada em suas hagiografias. São Benedito é frequentemente retratado segurando o Menino Jesus deitado em um lenço, próximo ao coração, simbolizando a presença de Jesus durante a eucaristia e um êxtase temporário. Em muitos casos tal representação é associada a mesma representação de Santo Antônio de Pádua,

Com algumas diferenças, enquanto o santo português tem o Menino Jesus entre os braços ou sobre o Evangelho (livro). O santo preto carrega o Menino Jesus sobre um tecido. Mas em outros aspectos, o autor define Antônio como um santo branco intelectual, pois era um teólogo, enquanto Benedito, era negro e analfabeto. (Oliveira, 2017, p. 220)

A representação de Benedito assim, mostra que esse imaginário reflete a espiritualidade do catolicismo pós-tridentino, ligando eucaristia, sacrifício e experiências místicas. Comparado a Santo Antônio de Lisboa, um santo branco intelectual que segura o Menino Jesus nos braços ou sobre um livro, São Benedito, um santo negro e analfabeto, é retratado carregando o Menino Jesus em um tecido. O livro de Santo Antônio simboliza a

intelectualidade, enquanto o tecido de São Benedito, indica sua subalternidade por ser negro, evitando o contato físico direto entre o preto e o branco.

O modelo espanhol, conhecido como "Milagre do Sangue" apresenta uma iconografia intensa de São Benedito influenciada pela "Religião do Coração". Segundo Oliveira, esse modelo destaca o coração do santo jorrando sete gotas de sangue, representando as sete virtudes do catolicismo: caridade, temperança, humildade, castidade, diligência, paciência e bondade. No século XVIII, o franciscano Antônio Castellano associou a origem desse modelo a um episódio em que Benedito, durante uma procissão de Corpus Christi em Palermo, foi convidado pelo arcebispo a carregar a cruz. Em profunda contemplação, Benedito demonstrou um milagre onde seu coração se deslocou para seu rosto, exalando chamas divinas. Na iconografia, São Benedito é frequentemente retratado segurando um coração em sua mão direita, embora haja variações onde ele segura uma pequena trouxa de tecido ou um crucifixo, remetendo à sua função de cozinheiro e a analogias com Santo Isidoro, padroeiro de Sevilha.

Por fim, o modelo português apresenta atributos semelhantes ao espanhol, como o tecido na mão esquerda. Baseado em hagiografias italianas, na interpretação portuguesa do século XVII, São Benedito ganhou flores como um dos atributos mais populares. O modelo está associado à iconografia de Santa Isabel de Aragão, devido à similitude de suas narrativas milagrosas. Santa Isabel escondia moedas para doar aos pobres, que se transformavam em rosas quando interrogada. De forma similar, São Benedito escondia alimentos em seu hábito para oferecer aos pobres, e quando questionado por um frade superior, os alimentos se transformavam em flores. Segundo Oliveira,

Esse foi o primeiro modelo que circulou em Portugal e em suas colônias, principalmente no Brasil a partir do século XVII. Em termos gerais, as esculturas de Benedito trazem a roupa típica de um franciscano da Ordem dos Capuchos, no braço esquerdo ou na mão esquerda, o santo carrega um arranjo de flores (alguns casos podem ser pães) elementos que aludem à narrativa do milagre da transformação dos pães em flores (Oliveira, 2017, p. 226).

Sendo um dos primeiros modelos a ser difundido em Portugal e suas colônias, especialmente no Brasil, a partir do século XVII, diferentes apropriações da imagem do santo surgiram, mas mantiveram um contorno único de "santo servo" no plano celestial. Tal iconografia traz uma postura humilde e servil, pode-se destacar que Benedito representa o "negro manso", exemplificando a humildade e obediência dos negros na sociedade.

Os modelos apresentados servirão como um guia para compreender a influência desses estilos iconográficos nos acervos de museus no Brasil. Esse estudo permitirá a aplicação dos primeiros dois métodos iconológicos de Panofsky, aprofundando-se na análise conceitual

e explorando o impacto das representações no processo de catequização. Ao examinar como esses modelos foram adaptados e incorporados na arte religiosa brasileira, será possível entender melhor o papel das imagens na formação e disseminação da fé, bem como na construção de identidades culturais e religiosas ao longo do tempo.

## **CAPÍTULO III: OS ACERVOS MUSEOLÓGICOS DE SÃO BENEDITO**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o acervo iconográfico de São Benedito no Museu Afro Brasil. Para iniciar essa reflexão, é fundamental compreender o processo de criação e formação do acervo museológico, o que permitirá entender a origem e as finalidades das peças. Assim, será aplicado o terceiro passo do método iconológico, que consiste na leitura crítica das obras.

### **3.1. O MUSEU AFRO BRASIL**

A escolha do Museu Afro Brasil para a análise do acervo iconográfico de São Benedito foi feita com base em uma sugestão do orientador e após uma visita às instalações do museu. Este processo envolveu uma fase preparatória importante: antes da visita, foi realizada uma consulta via e-mail aos responsáveis técnicos do acervo, na qual foram solicitadas informações detalhadas sobre a catalogação e as peças relacionadas à figura de São Benedito. A coordenadora do museu na época, Andréa Andira, respondeu prontamente e forneceu uma lista abrangente do acervo relevante.

A decisão de escolher o Museu Afro Brasil não foi casual; o museu possui um acervo significativo e diversificado, com foco em representar a história e a cultura Afro Brasileira, incluindo a iconografia religiosa que abrange figuras como São Benedito. Com o material fornecido e após uma pesquisa preliminar, foi organizada algumas visitas de campo ao museu. Na segunda visita (figura 18), o fotógrafo Matheus Kurio foi convidado para registrar as peças, garantindo uma documentação visual precisa e de alta qualidade. O trabalho do fotógrafo foi essencial para a análise detalhada das obras, permitindo a observação minuciosa dos detalhes iconográficos e facilitando a aplicação do terceiro passo do método iconológico: a leitura crítica das obras.

O museu Afro Brasil segundo Silva foi inaugurado em 2004 e chamou a atenção da sociedade paulista e brasileira para as debilidades em torno da representação negra no âmbito das artes e das culturas produzidas no país. Desse modo,

a abertura desta instituição ao público representou, da perspectiva de sua gestão, a busca de um diálogo com expectadores pautado, entre outras possibilidades, no respeito à diversidade etnicorracial, na afirmação da identidade afrodiáspórica, no reconhecimento da participação de negros e negras como protagonistas nos processos

artísticos e culturais brasileiros, para além da condição de meros coadjuvantes. (Silva, 2013, p. 1)

EA criação do Museu Afro Brasil, uma instituição de grande relevância para a cultura Afrobrasileira, foi oficializada pelo Decreto Municipal nº 44.816, de 1º de junho de 2004, com o apoio da prefeita Marta Suplicy. O projeto foi idealizado e curado pelo artista plástico baiano Emanuel Araujo, cuja visão e dedicação foram essenciais para o desenvolvimento do museu. Em homenagem ao seu fundador, o museu passou a ser denominado "Museu Afro Brasil - Emanuel Araujo" após o falecimento de Araujo em setembro de 2022, reconhecendo assim a importância de sua contribuição para a preservação e promoção da cultura Afro Brasileira. O artista Emanuel Araújo

**Figura 18.** Pesquisa na Biblioteca Carolina Maria de Jesus no Museu Afro Brasil – Emanuel Araújo.



**Fonte:** Matheus Kurio, 2022.

formou-se na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, desenvolvendo-se na gravura e na escultura, atividades que lhe renderam reconhecimento e premiações em âmbito nacional e internacional. Amante das artes, tornou-se também colecionador, com a qual foi possível dar início ao acervo do Museu Afro Brasil. (Matos, 2012, p. 252)

Emanoel Araújo iniciou sua trajetória longe dos grandes centros urbanos brasileiros, nascendo em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, em 15 de novembro de 1940. Embora sua família pertencesse à classe média local, Araújo demonstrou desde cedo uma grande inquietude e precocidade. Decidiu migrar para Salvador, contra a vontade dos pais, para concluir seus estudos no ensino médio e buscar uma vida independente. Inicialmente, planejava ingressar na Universidade Federal da Bahia para estudar arquitetura, mas seu contato com galerias e museus despertou seu interesse pela Escola de Belas Artes.

Segundo Silva, (2013, p.6) durante seus primeiros anos em Salvador, Araújo se envolveu ativamente com o movimento estudantil e o Centro Popular de Cultura (CPC-UNE da UFBA), o que marcou seu despertar político. No entanto, o golpe militar de 1964, que instaurou uma ditadura de vinte anos, frustrou suas expectativas de mudança social. Apesar disso, Araújo continuou comprometido com sua formação acadêmica e sua produção artística, o que lhe permitiu expor suas obras em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, iniciando sua trajetória no cenário nacional das artes. Com sua fixação em São Paulo, teve a oportunidade de participar “ativamente da vida cultural do país. Araújo, [...] não se ateu à produção artística, e este perfil multifacetado lhe permitiu agregar conhecimento a fim de coordenar determinadas ações, tanto as que dizem respeito aos museus de arte, [...]quanto àqueles referentes a uma abordagem museológica específica” (Silva, 2013, p. 12-13).

A formação, o desenvolvimento e a gestão do Museu Afro Brasil representaram um grande desafio, uma vez que grande parte do acervo é fruto de um longo processo de colecionismo. Emanoel Araújo dedicou-se por décadas à aquisição de obras de arte e objetos que narram a história da presença negra no Brasil. O acervo do artista colecionador era tão significativo que lhe proporcionou diversas exposições tanto nacionais quanto internacionais,

Tal fato evidencia também aspectos do interesse de Araújo por colecionar objetos artísticos e culturais, que permitissem outras narrativas sobre a presença negra no Brasil. Suas preocupações transcendiam ao que poderia parecer uma postura diletante. Não é por acaso que deste acervo, anos mais tarde, saíram as 1.100 peças que representaram a coleção inaugural do Museu Afro Brasil. (Silva, 2013, p. 43)

Sua principal obra prima, foi

o Museu Afro Brasil que tem como sede o pavilhão Padre Manuel de Nóbrega, está localizado no Parque Ibirapuera no estado de São Paulo. O prédio de linguagem modernista projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer foi denominado a princípio de

Palácio das Nações, construído para as comemorações oficiais do IV Centenário da Cidade de São Paulo (Araújo, 2014, p. 5-6).

Com dimensões colossais,

o referido museu dispõe de cerca de 11.000 m<sup>2</sup>, dos quais 8.000 m<sup>2</sup> são destinados ao espaço expográfico. Neste ambiente o trabalho curatorial se traduz no empenho de constituir um mapeamento artístico, histórico e etnográfico no que concerne às experiências individuais e coletivas dos Afro Brasileiros. Além deste aspecto, a direção da entidade procura manter uma continuidade dialógica com o continente africano e sua diáspora, a exemplo de exposições que sucedem umas às outras, pesquisas, seminários e palestras voltadas para as abordagens de questões do afro atlântico. (Silva, 2013, p. 14)

Atualmente, o acervo do museu possui em seu acervo mais de 5 mil obras, “que incluem fotografias, obras de arte, documentos, peças etnológicas, entre outras representações e manifestações da diáspora africana e sua relação com a história do Brasil.” A curadoria e “o trabalho museográfico realizado por Emanuel [...] trata dos diferentes aspectos que caracterizam a trajetória do negro desde antes da sua chegada ao Brasil até os dias de hoje”. Com a multiplicidade do acervo, o espaço de expografia se divide em permanente e temporário. No espaço “permanente se divide em seis blocos temáticos distribuídos no pavimento superior, onde também podem ser encontrados o setor administrativo do museu, o auditório Ruth de Souza e a Biblioteca Carolina Maria de Jesus”, já no andar “térreo, existem duas salas de exposições permanentes, a loja destinada a papelaria, livros e publicações referentes ao tema retratado no museu e uma área de recepção e acomodação dos visitantes.” Há também “outros dois espaços [...] a Oficina de Artes, [...] e o espaço de intervalo entre os pilotis e a fachada recuada do pavimento térreo” (Araújo, 2014, p. 5-6). De outro modo,

a iniciativa para a implantação e criação do museu é, além de tudo, um modo de disseminar e promover a análise e a construção de uma postura crítica da sociedade perante a história e a cultura afrodescendente, dessa forma o museu atua não só como ferramenta de legitimação de uma cultura específica, mas exerce também um papel de conscientização de um povo em relação a sua própria identidade (Araújo, 2014, p. 5-6).

Com a “proposta de desconstruir o imaginário da população negra, associado à escravidão, reforçar a autoestima dessa população excluída ao longo da história nacional” o museu visa transformar tais estigmas num sentimento de igualdade, “pertencimento e estabelecer a inclusão social deste grupo e o respeito à cultura de matriz africana, [...] o papel do museu e a forma pela qual as exposições são produzidas” traz ao visitante “uma narrativa construída a partir de conceitos teóricos, valores e pressupostos e, por isso, necessita de um esforço reflexivo para que seja estabelecido não apenas o diálogo com” quem visita, “mas,

principalmente, para que se compreenda a proposta museológica por meio dos objetos” (Matos, 2012, p. 251). Assim,

O espaço expográfico, a rigor, está subdividido em seis módulos, os quais recebem as seguintes denominações: “África: Diversidades e Permanências”, “Trabalho e Escravidão”, “As Religiões Afro Brasileiras”, “O Sagrado e o Profano”, “História e Memória” e “Artes Plásticas: A Mão Afro Brasileira”. Todos se situam no mesmo pavimento do pavilhão e estão agregados de modo a fazer com que o público se sinta provocado acerca de várias convicções assentadas em ilações errôneas. Trata-se de exposições que procuram sintetizar visualmente o discurso que o museu engendra como contra ponto ao senso comum no tocante ao papel desempenhado por africanos e seus descendentes na formação do país. (Silva, 2013, p. 10)

Em outras palavras,

a proposta de experiência promovida pelo museu visa a integração do usuário com as obras e exposições que ali se encontram, por esta razão as visitas acompanhadas não são realizadas por guias que, de forma mecânica apresentariam as peças e os temas encontrados em cada setor, mas sim, por educadores como acompanhantes que favorecem a relação pedagógica entre a vivência proporcionada pelo museu e a experiência de ter contato com uma nova cultura em um espaço que, muitas vezes, é desconhecido do grande público. Assim, a visita pode ser iniciada ou pelas exposições transitórias ou pelo acervo permanente, que se localiza no pavimento superior e é dividido em seis blocos (SILVA, 2013), são eles:

- África, diversidade e permanências: que trata das culturas espalhadas pelo continente africano e que juntas no processo de intercâmbio cultural contribuíram para a construção da cultura brasileira.
- Trabalho e escravidão: que reúne o material referente à inserção do povo negro no regime de trabalho escravo em sua totalidade. Contextualiza geograficamente a atuação dos negros em território nacional, além de demonstrar as condições e práticas da mão de obra afrodescendente.
- As religiões Afro Brasileiras: bloco destinado às representações das religiões de origem africana que têm papel fundamental na caracterização e legitimação do negro brasileiro. Apresenta historicamente e socialmente as relações das religiões com o povo, não apenas afrodescendente, proporcionando uma reflexão quanto à intolerância religiosa.
- O sagrado e o profano: espaço destinado a mostrar as relações de troca entre o cristianismo e as religiões Afro Brasileiras. Proporciona uma visão de como a hibridação cultural afeta ambos os polos envolvidos na troca de experiências, pode ser visto como uma reflexão paralela à evocada no bloco anterior.
- História e memória: nesse momento a exposição se ocupa em apresentar as personalidades negras que desempenharam papel fundamental no processo de reconhecimento e valorização da cultura ao longo da história, permitindo uma nova interpretação da mesma.
- Artes plásticas, a mão Afro Brasileira: no último bloco temos o espaço dedicado às artes plásticas produzidas por artistas afrodescendentes ou que tenham em seu significado a temática proposta pelo museu, sendo seus artistas negros ou não. (Araújo, 2014, p. 7-8)

Segundo Araújo (2014, p. 7-8) o conteúdo exibido pelo projeto expografia traz o compromisso da instituição em refletir as mudanças e transformações que a sociedade enfrentou diante da população negra. O museu se dedica a acompanhar as dinâmicas de hibridação que marcaram a trajetória do povo negro na busca por inserção social. Além disso, demonstra um

empenho em conectar os diversos elementos que compõem a identidade da exposição como um todo, garantindo uma abordagem coesa e relevante das experiências Afrobrasileiras.

Diante da vastidão do acervo e das inúmeras narrativas que o museu se propõe, é possível perceber que “existe uma relação intrínseca entre museus e coleções. Araújo ao que parece, assumindo a condição de colecionador como atividade prioritária ou não, jamais aboliu a ideia de constituir um patrimônio que ressaltasse de modo contundente a presença negra na cultura brasileira”. Tal iniciativa “resultou na composição de um conjunto significativo que serviu para desencadear o processo de constituição de um acervo inicial, hoje disponível no Museu Afro Brasil, na forma que pareceu mais conveniente à curadoria”. Sendo grande parte das peças do acervo de propriedade particular do artista, a “solução encontrada, no que concerne à coleção, foi a adoção do regime de comodato que se caracteriza por um empréstimo de bens duráveis, havendo um tempo determinado para a restituição dos mesmos ao proprietário que os oferece” (Silva, 2013, p. 63-64). O museu é uma instituição pública, atualmente vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, passa a ser administrado pela Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura, que tinha Emanuel Araújo como responsável.

Após 20 anos de sua inauguração o museu torna-se um espaço de referência nacional e internacional, pois, “configura um exemplo singular na realidade dos espaços culturais destinados a representação do povo Afrobrasileiro no país, seja por sua implantação que possibilita um contato maior com o público” uma vez que o edifício “se encontra em um parque urbano de intensa vitalidade na maior cidade do país”. Dessa forma, o “espaço em questão se torna um bom objeto de estudo para a reflexão seguinte que se ocupa em analisar a dinâmica e os elementos que compõe um ambiente museológico que tem a responsabilidade de representar uma cultura híbrida com todas as suas particularidades e desafios” (Araújo, 2014, p. 7).

### 3.1.1. O ACERVO

O acervo em que esta pesquisa se concentrou está incluído na exposição permanente “O Sagrado e o Profano”, que é dedicada a ilustrar as interações entre o cristianismo e as religiões Afro-Brasileiras. A exposição aborda tanto elementos coloniais quanto imperiais, oferecendo uma perspectiva sobre como a hibridação cultural afeta ambas as partes envolvidas na troca de experiências, funcionando como uma reflexão crítica. Embora os santos católicos na cultura Afro-Brasileira muitas vezes sejam interpretados através da ótica da dominação, a figura de São Benedito apresenta uma exceção notável. Ao considerar a evolução da historiografia sobre as irmandades afrocatólicas (Rosário, Benedito, Santa Efigênia, Elesbão), observa-se uma mudança significativa, inicialmente vistas como simples instrumentos de controle social, essas associações passaram a ser analisadas de forma mais dialógica, reconhecendo os agenciamentos, resistências e o protagonismo da população negra dentro dessas estruturas religiosas. A disseminação de São Benedito visava claramente a catequização e o domínio da cultura negra, mas acabou sendo assimilada e reinterpretada pelas comunidades, resultando na criação de uma iconografia própria para o santo. Na Figura 19, é possível analisar uma parte significativa dessa exposição, cuja tônica central é a devoção popular a São Benedito. O projeto de expografia apresenta a temática dos milagres alcançados através da súplica ao santo negro. As diversas imagens revelam a importância desse mistério para a vida de fé da população negra. Além de São Benedito, outros santos também estão presentes na mesma ala, como Nossa Senhora Aparecida, Santo Elesbão, Santa Efigênia, Padre Cicero, destacando a riqueza e diversidade da religiosidade afro-brasileira.

**Figura 19.** Exposição permanente “O sagrado e Profano” do Museu Afro Brasil – Emanuel Araújo.



**Fonte:** Matheus Kurio, 2022.

Na Tabela 1, estão catalogadas 25 peças relacionadas a São Benedito no acervo do Museu Afro Brasil. A tabela inclui informações sobre o número de registro, autoria, título da obra, composição, dimensão e localização da peça. A maioria das obras é registrada como de autoria anônima, o que reflete a falta de reconhecimento dos artistas e sugere a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada. A categoria “local” está dividida em dois termos: "exposição", que indica que a peça está na exposição permanente e foi fotografada para esta pesquisa, e "reserva", que significa que a peça está na reserva técnica, podendo estar em manutenção ou restauro. Para facilitar a consulta, as peças foram numeradas de 1 a 25 e estão descritas na legenda.

**Tabela 1.** Acervo de imagens de São Benedito presente no Museu Afro Brasil.

	<b>Nº Registro</b>	<b>Autoria</b>	<b>Título</b>	<b>Composição</b>	<b>Dimensão (cm)</b>	<b>Local</b>
01	AMAB 1507	Anônimo	São Benedito	Gesso; Tecido; Tinta; Madeira	46,5 x 36,5 x 7,5	Exposição
02	MAB 0087	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	70 x 32 x 22	Exposição
03	MAB 0090	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	43 x 15,5 x 13	Exposição
04	MAB 0103	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	20,6 x 7 x 4,8	Exposição
05	MAB 0107	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	40 x 17,5 x 10,5	Exposição
06	MAB 0108	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	30 x 12 x 9	Exposição
07	MAB 0129	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; Madeira	68 x 24 x 22	Exposição
08	MAB 0132	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; Madeira	50 x 30 x 20	Exposição
09	MAB 0133	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; cerâmica	53 x 20 x 16	Exposição
10	MAB 0267	Anônimo	São Benedito das Flores	Madeira	24 x 6,7 x 6,5	Exposição
11	MAB 0296	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; Madeira	68,5 x 25 x 23	Exposição
12	MAB 0701	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; Madeira; metal	74 x 31 x 20	Exposição
13	MAB 1097	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	100 x 40 x 31	Exposição
14	MAB 1320	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	75 x 42,2 x 5,5	Exposição
15	MAB 1499	Francisco Roberto e José Rico	Oratória miniatura de São Benedito	Resina; Plástico; Tecido; Tinta; Madeira	13,1 x 9,9 x 3,3	Exposição
16	MAB 2991	Anônimo	São Benedito das Flores	Tinta; Madeira	38 x 14,5 x 12,5	Exposição
17	AMAB 1512	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	40 x 17,5 x 10,5	Reserva
18	MAB 0089	Anônimo	São Benedito	Madeira	21 x 7 x 4,5	Reserva
19	MAB 0099	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	14 x 5,3 x 5	Reserva
20	MAB 0101	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	19,5 x 6 x 6	Reserva
21	MAB 0102	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	48,5 x 20,5 x 10	Reserva
22	MAB 0104	Anônimo	São Benedito	Gesso; tinta;	22,5 x 7 x 6	Reserva
23	MAB 0106	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira	23 x 9,3 x 7,6	Reserva
24	MAB 0401	Anônimo	São Benedito	Tinta; Madeira; metal	22 x 8 x 5,5	Reserva
25	MAB 3203	Anônimo	São Benedito	Terracota; tinta;	74,5 x 29 x 23	Reserva

**Fonte:** Base documental do Museu Afro Brasil adaptado pelo autor, 2023.

Ao analisar as imagens presentes no acervo do museu, observa-se que as figuras 01, 02, 03, 04, 05, 06, 14 e 15 seguem o modelo italiano. As imagens 01, 04, 05, 06 e 15 são típicas de devoção pessoal, geralmente encontradas em oratórios particulares.

As figuras 07, 09, 11, 12, 13 e 16 seguem o modelo português, sendo caracterizadas pela devoção pública e frequentemente encontradas em capelas ou igrejas. As figuras 08 e 10 parecem seguir o modelo espanhol e também são associadas a espaços de devoção pública, como capelas ou igrejas.



01



02



03



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16

As imagens que apresentam o Menino Jesus no colo de São Benedito geralmente mostram o Menino separado por um pano, evitando o contato direto. Os trajés são característicos da ordem franciscana, variando entre o marrom e o preto. O cabelo encaracolado predomina, com algumas imagens exibindo a tonsura e outras não, mas mantendo os traços fenotípicos da população negra. Elementos decorativos, como florais dourados, remetem ao estilo barroco e indicam a época de criação das peças.

Os materiais utilizados na confecção das imagens são variados, incluindo madeira e gesso, com muitas peças apresentando a técnica de policromia. Esses aspectos refletem não

apenas a devoção, mas também a riqueza cultural e a diversidade estilística na representação de São Benedito ao longo do tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Violin (2021, p. 84) a figura de São Benedito, “aparece nas histórias populares brasileiras como o santo escravo, padroeiro dos cozinheiros. É considerado um dos principais padroeiros das populações negras no Brasil” (Gualbeto, 2007, p. 2) e torna-se relevante pois segundo a historiadora Joyce Faria de Oliveira em seu artigo “Negro, mas belo: São Benedito, o Santo Preto da Idade Moderna” para o XII encontro de história da arte da Unicamp, a escultura

Tratando-se de um santo preto, São Benedito surge como um novo modelo de negro cristão no pós-tridentino. Aqui, vigoram-se os princípios do Barroco, onde os conceitos estéticos e teológicos de uma Igreja reformada foram ainda mais aprimorados, instituindo uma cultura visual profundamente simbólica, persuasiva e arrebatadora para o público cristão. Com essas medidas, a representação do negro seria enfatizada a partir de um elemento muito contundente neste projeto de conversão, - a cor preta. (Oliveira, 2017, p. 368)

Na análise iconográfica, “as imagens do santo trazem a roupa típica de um franciscano [...] e sua pele alterna entre a negritude a tons amorenados, mas há diferentes atributos dependendo das regiões” (Oliveira, 2017, p. 370). As características presentes na imagética de São Benedito pode seguir os modelos italiano, espanhol e português.

As esculturas de São Benedito possuem para sua comunidade a dimensão de totens milagrosos, ou seja, objetos "santos" que remetem ao milagre. O poder que uma simples representação possui perante os fiéis é surpreendente e pode ser observado em outras imagens de santos. Muitas vezes, a fé leva o devoto a escrever cartas pedindo graças e milagres a São Benedito. Também é comum na cultura popular dos devotos colocar café para São Benedito, uma prática que demonstra a relação íntima e pessoal entre o santo e seus seguidores. Nesse sentido retornamos o conceito de representação na realidade de seu status que é o sentido de “representar” algo e adquire uma relação

entre “fazer presente alguma coisa”, e uma acepção [...] de [...] “exteriorizar alguma coisa, que existe, ou que você imagina”. Ligam-se, assim, duas séries de definições que supõem, a primeira, a ausência da pessoa ou coisa representada e, a segunda, sua exibição por ela mesma: “Representação: significa também autoridade, dignidade, caráter, ou recomendação da pessoa: e assim se diz, Fulano é um homem de representação em Madrid” (Chartier, 2011, p. 18).

Dessa maneira a autoridade aplicada por Chartier pode ser percebida nas representações imagéticas dos santos. Retomando o significado de representação argumentado por Chartier na

língua castelhana, o [...] sentido: “Representar: fazermos presente alguma coisa com palavras ou figuras que se fixam em nossa imaginação”. Daí, o significado jurídico do verbo (“Representar, é estar no lugar de outro, como se fosse o mesmo, para representá-lo em todas as suas ações e direitos”) e os sentidos teatrais das palavras vinculadas como “representar”: “Representação, a comédia ou tragédia”, ou “Representantes, os comediantes, porque um representa o rei, e o faz como se o mesmo estivesse presente; outro o galã, outro a dama, etc.” (Chartier, 2011, p. 18).

A representação de fé, caracterizada através das imagens dos Santos, especificamente a de São Benedito, seria essa figura que está fixada na imaginação do devoto. Nesse sentido a definição presente no dicionário o “Tesouro de la língua castelhana” de Covarrubias, publicado em 1611, resumiria aquilo que Chartier, busca desenvolver. Em outras palavras a representação do santo no ícone ou na escultura é o objeto sacro que faz “presente alguma coisa com palavras ou figuras que se fixam em nossa imaginação” e é a figura da representação de São Benedito que traz a ideia de aproximação, principalmente pela cor de pele.

São Benedito, venerado amplamente no Brasil, é uma figura central nas tradições religiosas afro-brasileiras. A representação iconográfica de São Benedito segue diversos modelos que refletem a interação entre o cristianismo e as culturas locais. A análise iconológica das imagens de São Benedito presente no museu Afro Brasil revela não apenas as características visuais e estilísticas, mas também o contexto sociocultural e religioso em que essas imagens foram criadas e são veneradas. Por exemplo, as imagens frequentemente mostram São Benedito segurando o Menino Jesus com um pano, um símbolo de pureza e separação sagrada. A iconografia de São Benedito mescla influências europeias e africanas simbolizando a resistência cultural e a espiritualidade sincrética das comunidades afro-brasileiras. Ao longo da dissertação a buscou-se aplicar o estudo iconológico de Panofsky, portanto, não apenas cataloga as representações visuais, mas também interpreta os significados profundos e as funções sociais dessas imagens na vida religiosa e cultural de seus devotos.

Nesse sentido, a pesquisa busca relacionar as teorias de dois importantes historiadores culturais, Erwin Panofsky e Roger Chartier, com a história eclesiástica através da representação imagética de São Benedito. Utilizando o método iconológico de Panofsky, que se aprofunda na interpretação das obras de arte além de sua aparência superficial, e a abordagem de Chartier, que enfatiza a leitura das práticas culturais no contexto histórico, esta análise oferece uma visão rica e multidimensional da figura de São Benedito. Além disso, a pesquisa

contribuiu para as comemorações dos 500 anos do nascimento do santo (figura 20), celebrando sua importância histórica e cultural, e reforçando seu papel na formação da identidade religiosa afro-brasileira.

**Figura 20.** Selo do Jubileu de 500 anos do nascimento de São Benedito.



**Fonte:** CONISB, 2024.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílio Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ARAÚJO, L. G. C. **O desafio da representação de uma cultura híbrida**. In: 4º Seminário Internacional de Museologia e Arquitetura De Museus, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

BESANÇON, Alain. **A Imagem Proibida: Uma História Intelectual da Iconoclastia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRANDÃO, Monsenhor Ascanio. **São Benedito: O santo Preto**. São Paulo: Industria Gráfica Siqueira, 1949.

**BULLARII ROMANI** continuatio summorum pontificum Clementis XIII, Clementis XIV, Pii VI, Pii VII, Leonis XII, Pii VIII, et Gregorii XVI, constitutiones, literas in forma brevis, epistolas ad principes viros et alios, atque alloquutiones complectens quas collegit usque ad pontificatum Pii VIII, XVII: continens pontificatus Leonis XII annum quartum ad sextum, Romanum, Romae: Rainaldi Segreti, 1855. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=kjZQaF481ooC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=benedict&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kjZQaF481ooC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=benedict&f=false)>. Acessado em: 10 abr. 2024.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.

CARVALHO, Francismar A. L. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41423>>. Acessado em: 10 jun. 2021.

CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

CHAPPIN, Marcel. **Introdução à História da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação.** Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://silio.tips/download/defesa-e-ilustracao-da-noao-de-representacao-1>>. Acessado em: 30 jun. 2021.

CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da. **Flor peregrina por preta ou nova maravilha da graça descoberta na prodigiosa vida de S. Benedicto de S. Philadelfio.** Lisboa: Offc. Pinheiriense, 1744.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1978.

DENZINGER, Hunermann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007.

FIUME, Giovanna. **Antônio etíope e Benedito, o mouro: o escravinho santo e o preto eremita.** In: Revista Afro-Ásia / CEAO-UFBA, n°40, pp.51-104, 2009.

GUALBERTO, Tiago. **São Benedito, mais uma aquisição.** Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasilico ou crônicas dos Frades Menores da Província do Brasil.** v. 2. Rio de Janeiro: Typografia de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859.

LUZ, Alvaci Mendes da. **Os negros de São Benedito na Igreja do Convento de São Francisco (São Paulo, 1854-1901): resistência e protagonismo em um território de disputas.** 2022. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

MATOS, I. A. P. de. **Arte e História: O museu Afro Brasil e o papel da Curadoria na construção da narrativa museal.** In: Encontro de História da Arte, 8., 2012. Anais de atas do VIII Encontro de História da Arte - História da Arte e Curadoria. Campinas: Unicamp, 2012. p. 251-256.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra: Santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet-Faperj, 2008.

OLIVEIRA, Joyce Farias de. **Negro, Mas Belo: São Benedito, o santo preto da idade moderna**. Encontro de História da Arte :os silêncios na História da Arte. Campinas, SP, n. 12, 2017. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/EHA%202017.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2021.

OLIVEIRA, Joyce Farias de. **Niger sed formosus: A construção da imagem de São Benedito**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Arte - EFLCH /UNIFESP, 2017.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao Estudo do Renascimento**. In: \_\_\_\_\_. Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PIFANO, Raquel Quinet. **História da Arte como História das Imagens: A Iconologia de Erwin Panofsky**. Fênix - Revista De História E Estudos Culturais. Juiz de Fora, MG, v. 7, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/285>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979.

SILVA, Nelson Fernando Inocencio da. **Museu afro Brasil no contexto da diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras**. 2013. 241 f., il. Tese (Doutorado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SPANNEUT, Michael. **Os Padres da Igreja (Século IV – VIII)**. São Paulo: Loyola, 2002.

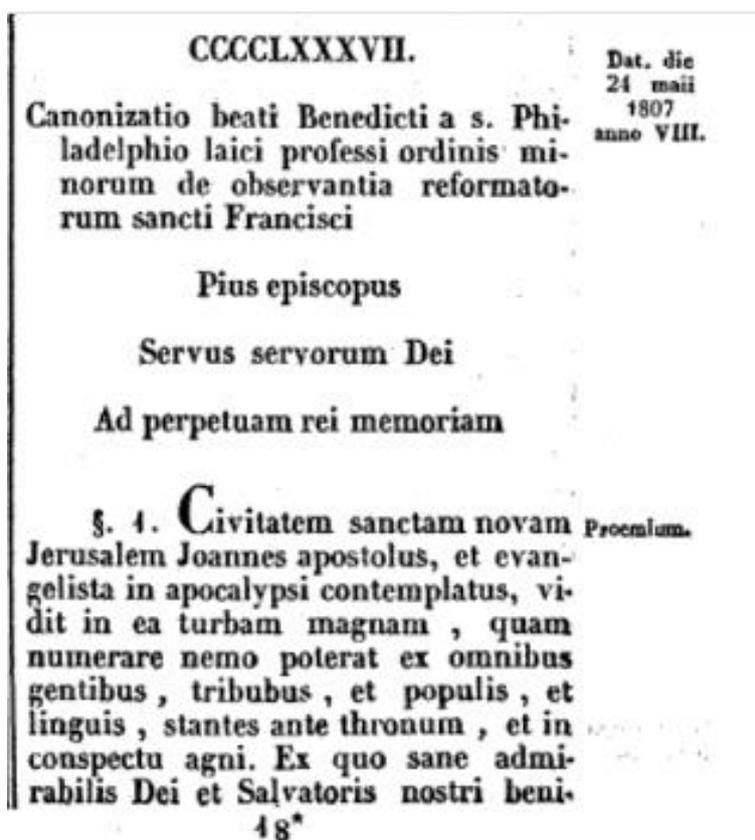
VIOLIN, Caio Felipe Gomes. **A representação imagética de São Benedito: uma análise a partir da teoria de Roger Chartier**. In: MONTEIRO, Charles; KNACK, Eduardo Roberto Jordão (Orgs.). Ensaio sobre teorias da cultura e da etnicidade. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

## ANEXOS

### BULA DE CANONIZAÇÃO DO BEATO BENEDITO DE S. FILAFELFIO.

Bullarii Romani continuatio summorum pontificum Clementis XIII, Clementis XIV, Pii VI, Pii VII, Leonis XII, Pii VIII, et Gregorii XVI, constitutiones, literas in forma brevis, epistolas ad príncipes viros et alios, atque alloquutiones complectens quas collegit usque ad pontificatum Pii VIII, XVII: continens pontificatus Leonis XII annum quartum ad sextum, Romanum, Romae: Rainaldi Segreti, 1855. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=kjZQaF481ooC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=benedict&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kjZQaF481ooC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=benedict&f=false)>. Acessado em: 10 abr. 2024.



guitas apparet maxime, qui, cum velit omnes homines salvos fieri, et ad agnitionem veritatis venire, ad fidem omnes vocat, neminem respuit, et cum personarum acceptor non sit, ex quavis gente ad se venientes excipit, dives in omnes, qui invocant illum. Propterea cum natus esset infans in Bethlehem, gentibus revelari, ab eisque adorari voluit: deinde cum aeterni Patris promissione gentes in haereditatem, et terminos terrae in possessionem suam esset habiturus; misit apostolos ad praedicandum evangelium omni creaturae, et Paulum singulari vocatione apostolum, doctoremque gentium constituit, ut fieret oblatio gentium accepta, et sanctificata in Spiritu Sancto.

De origine  
beati.

§. 2. Ex innumerabili vero illa justificatarum gentium plenitudine quosdam Deus elegit, et peculiari quodam sanctitatis fulgore illustres reddidit, quos cum principibus populi sui sedere facit in caelis, et tamquam super candelabrum collocat, ut luceant omnibus, qui in domo sunt, et qui in terrestri Jerusalem adhuc militant, eos exemplo suo ad arduum virtutis iter capessendum inflammant, adjuventque patrocinio. Ex eodem igitur Aethiopum genere, quo natus erat potens ille eunuchus Candacis reginae Aethiopum, quem insigni prodigio a Philippo apostolo aquis ablutum baptismatis acta perhibent apostolorum, originem traxit beatus Benedictus a s. Philadelphio, in quem divitias bonitatis suae tam copiose Dominus effudit, ut sublimibus virtutibus, caelestibusque charismatibus cumulatus in diebus sanctae conversationis suae admirationi omnibus fuerit et exemplo. Perspectum et in illo fuit mirum in modum, Deum superbis resistere, dare autem humilibus gratiam, infirmaque mundi eligere, ut confundat fortia. Benedictum siquidem humili, abjectoque natum loco, ad sublimissimum perfectionis et sanctitatis fastigium erexit: rudi, atque illiterato scientiam sanctorum dedit, quique aspectum, laudesque hominum diligentissime refugiebat, eum donis caelestibus sic decoravit, ut sanctitatis ejus fama in populos, et nationes manarit.

De forma ejus  
sanctitatis.

§. 3. Ut vero ejus vita eximiis virtutibus, meritisque praecelluit, ita obitus multis prodigiis, atque

omnibus illis indicis effulsit; quae cum sanctis Domini in caelis cooptatum, et aeternam mercedem recepisse liquido demonstraret. Factum inde est, ut ejus sanctitatem et gloriam miraculis eo intercedente patris, demonstrare omnibus dignatus erat Deus, ei cultus publicus brevi fuerit pluribus in locis delatus. Ut igitur benignus, et misericors Deus, qui facit mirabilia magna solus, magis ac magis in sanctis suis glorificetur, absoluto jam pridem examine de cultu publico ei praestito, de virtutum ejus splendore, deque miraculorum veritate, cum omnia ad constitutionum apostolicarum praescriptum de more processerint, Nos Catholicae Ecclesiae regimini licet immeriti miseratione tamen divina praepositi, in id potissimum studia, curasque omnes nostras conferentes, ut cultus divinus promoveatur, et pietas fidelium accrescat, de plenitudine apostolicae auctoritatis Nostrae h. Benedictum condignis venerationis honoribus decorare decrevimus, firma in Deum spe confisi, ut qui jam de sua est securus, de nostra sit salute sollicitus, divinam clementiam exorans, ut conveniant populi in unum, et cognoscant gentes, quia non est alius Deus praeter Deum nostrum.

§. 4. In oppido sancti Philadelphii Messanenensis dioecesis in Sicilia anno Domini circiter MDXXIV. natus est Benedictus, ob genus ejus, nigrumque colorem Maurus vulgo appellatus: parentes siquidem habuit origine Aethiopes, et divitis cujusdam servos, catholicos tamen, et singulari pietate spectabiles. Promiserat herus, se primam eorum prolem libertate donaturum. Quare cum Benedictus primogenitus ex iis natus sit, fuit ille quidem liber ab ortu: sancteque insuper educatus, atque ingenua indole praeditus; vix puerulus satis ostendit, qui, quantusque futurus esset in tempore. A puerorum ludis abhorrens id unum animo contendebat, ut pietatem coleret, Deiparae praesertim virginis cultui impense addictus. Ut vero per aetatem licuit, caelesti convivio saepe recreari, simul corpus jejuniis, ciliciis, flagellis afflictere coepit. Vicesimo circiter aetatis anno durius vitae genus amplexus est, atque in solitudinem divino instincta vocatus a Hieronymo Lanza viro nobili,

De vita et  
meritis ejusdem  
beati.

et pio, qui sancti Francisci institutis jam divinctus, facultate ab apostolica Sede obtenta, cum aliis ejusdem propositi sociis, quartum perpetui quadragesimalis cibi, et trium in hebdomada feriarum esurialium, vitaeque solitariae votum susceperat, eundem, venditis boum jugis, unde sibi victum parabat, pretioque in egenos collato, confestim sequutus est.

De professione  
votorum eremitarum ex  
facultate apostolica, et ab-  
sconditis quae  
tunc adhibita  
in eremo.

§. 5. In eremum sanctae Dominicae agri Coronae, quae a s. Philadelphii oppido quatuor, aut quinque millia passuum distabat, receptus sub disciplina ejusdem fr. Hieronymi, tyrocinio exacto, solemnia vota ex facultate apostolica nuncupavit. In eo vitae statu virtutes omnes eoque colere curavit, ut iis brevi cumulate instructus, ac caeteros omnes ejusdem disciplinae alumnos superasse visus sit. Quotidiana jejunia servabat, eaque adeo rigida, ut a vino semper abstinens, tantum panis, atque herbarum semel in die comederet, quo sustentare utique vitam, famem tamen depellere nunquam posset. Corporis macerationes cruentis flagellationibus, asperrimisque ciliciis adjunxit incredibiles: somnum brevem humi cubitans capiebat: divinarum rerum meditationi sic deditus erat, ut dies noctesque pene totas orando traderet. Horum eremitarum virtus cum paulatim innotescere caepisset, ac Benedicti imprimis, cujus sanctitatem Deus ipse pluribus prodigiis manifestabat, ex eremo in eremum una simul saepius commigrarunt, ut hominum frequentiam, congressusque defugerent; et modo Mancusae in cryptis asperrimis, modo in altissimo, horridoque s. Peregrini monte prope Panormum, modo aliis remotis in locis agrestia tuguriola extruxerunt. Ubique opinio virtutis, qua Benedictus eminebat, augebatur, neque solum apud externos, sed apud suos etiam, qui vita defuncto fr. Hieronymo Lanza, cum praecae caeteris dignum judicarent, quem in demortui praesidis locum sufficerent. Post vigintiduos annos, ex quo Benedictus eremo se addixerat, in eoque perfectissimum vitae genus ducere instituerat, fel. rec. Pius IV. praedecessor Noster edixit, ut pii illi viri, relicta solitudine, et quarto quadragesimalis cibi, et trium in hebdomada juniorum voto soluti, quamlibet ex

approbatis sacris familiis amplecterentur. Omnes extemplo paruerunt; et Benedictus quidem sacro cappuccinorum ordini dare nomen cogitabat; sed cum in templo cathedrali Panormi Deum oraret, ut quid sibi agendum esset ostenderet, ter caelesti lumine fuit dignatus, quo ad sacram minorum s. Francisci familiam se vocari plane intellexit.

§. 6. Igitur in coenobio Panormitano s. Mariae Jesu ejus ordinis inter laicos admissus, nec ita multo post in coenobium s. Annae Julianae ex obedientia profectus, tres ibi annos permansit, et absconditam, solitariamque vitam duxit, quae a pristina vitae ratione parum dissentiebat. Panormum revocatus ibidem reliquum omne vitae tempus exegit. Etsi autem Benedictus regulare institutum immutasset, et ex eremo in frequentem urbem venisset, sui tamen semper similis vitae institutum, quod ab initio susceperat, ad obitum usque servavit. Cibus scilicet perpetuo quadragesimalis, parcissimus, et ex vilioribus, persaepe simplex panis. Hispidum, quod semel induerat, cilicium nunquam detractum: perexigua corporis quies, et plerumque humi: multus, et operosus labor: rudis, ac trita tunica: corpus flagris, iisque saepe cruentis afflicto, aliaeque voluntariae carnis macerationes. Orationis, meditationisque perpetuum studium minime intermissum, etiamsi operibus vacaret, vel iter conficeret. Antiquae solitudinis studio captus, Dominicaeque passionis commentationi potissimum addictus, quantum in se erat convictum hominum refugiebat; sermo illi rarus, ac tantum de caelestibus rebus, de quibus eo charitatis ardore discerebat, ut in miros mentis excessus quandoque raperetur.

De instituto  
vitae eremiticae  
ab eo servato  
etiam in  
coenobio.

§. 7. Severus paritatis custos, toto corporis habitu in modestiam composito, nulli manus osculandas tradebat, imo etiam semper tunica contexta habebat, ne denudatae conspicerentur. Ita virginalem pudicitiae florem ad extremum usque servavit, unoque ore angelus in carne appellabatur. Paupertatem evangelicam summo opere coluit, ad eamque socios vehementer adhortabatur. Palearum sacculus, crux in pariete carbone delineata, una, aut altera Mariae virginis, et sanctorum chartacea imago,

De paupertate  
evangelica o-  
bedientia, et  
virginali pu-  
dicitia ad ex-  
tremum usque  
servata.

plausus quam moleste ferret, aperte ostendebat, et ut hominum laudes quoad posset vitaret, remotiores semper, minusque frequentes vias, cum ad aegrotos, aut ad alia charitatis opera exobediencia iret, seligebat. Verum nihil ei tam gratum, et jucundum fuit, quam ut omnia, et viliora quidem, atque abjectiora coenobii ministeria praestaret, etiam tum cum Panormitani coenobii moderator fuit constitutus.

De ejus prudentia, et obedientia.

§. 44. Nimirum Siculae minorum provinciae praepositi Benedicti virtutes, singularem in primis prudentiam tanti faciebant, ut ex tot aliis praestantibus viris eum unum seligendum duxerint, quem Panormitano coenobio praeficerent, ubi rigidior disciplina recens instituta magis ac magis erat confirmanda. Excusavit quidem ipse literarum ignorantiam, infimam sui conditionem, multaque alia, quae humilis de se opinio suggessit. At cum nihil profecisset, obedientiae praecepto urgente, tacitus, promptusque paruit. Praesidum votis plene, cumulateque respondit: coenobitasque sibi concreditos brevi post tempore, qua monitis, qua exemplis, qua lenitate, et sermonis suavitate in culpis etiam pro re, et tempore vindicandis, ad severiorem disciplinam deduxit.

De ejus obitu.

§. 42. Triennio exacto ex coenobii praefectura solitudini restitutus, vehementius etiam per plures annos in virtutibus progredi studuit; quoad de proximo ex hac vita excessu certior caelitus factus, gravissimi morbi molestias per triginta dies laeto libentique animo subiit, nihil unquam sua sponte postulavit, nihil ex iis, quae sumenda porrigebantur, recusavit. Interea vel precari, vel divina, et quidem multo magis acerbissimos Christi cruciatus contemplari, pro viribus enitebatur. Caelesti pane reficiendus, fune de collo suspenso, veniam a singulis quibusque coenobitis sociis petiit, lacrymasque profundens, et fidei charitatisque ardorem animo conceptum, verbis etiam efferens, sacrum Christi Corpus, ceu viaticum suscepit. Quo quidem suscepto, extra sensus abreptus miro vultus splendore emicuit, et suavissimum odorem efflavit. Ex hoc mentis excessu cum se recepisset, manibus in pectore ad Crucis speciem compositis, oculis vero in

caelum defixis, saepius repetens suavissima Jesu, et Mariae nomina, eaque psalmographi verba: « in manus tuas Domine commendo spiritum meum », ad sinum, complexumque Domini, quem unum in omni vitae tempore dileserat, advolavit, pridie nonas aprilis, millesimi quingentesimi octogesimi noni feria tertia solemni paschali, annos natus sexaginta tres.

§. 45. Quamquam vero pauci, ut ipsemet praedixerat, in ejus funus venerint, postridie tamen illius diei, cum obitus ejus fama in vulgus manasset, magnus hominum cujusque aetatis, et conditionis concursus in templum factus est, tantoque cum pietatis sensu, ut et sacras reliquias quisque vellet habere, et vis fieri potuerit, quin ejus corpus effoderetur. Porro beneficia, et prodigia, quae a Deo plurimi, Benedicto intercedente, impetrarunt, famam sanctitatis ejus, quae jampridem omnium animis alte insiderat, ita auferunt, ut non modo Europam universam, sed disjunctissimas quoque terras, et Americam ipsam peragraverit. Propterea anno MDXCII. nonis maiis corpus ejus e terra erutum, cardinali Matthaeo, sacrae minorum s. Francisci familiae patrono, veniam concedente, fuit in sacrario repositum. Mirum tunc quoque visum, corpus idem, quod per triennium in humido aliorum sepulcro nullo modo medicatum jacuerat, integrum tamen, incorruptumque perstare, et suavissimum odorem spirare, quem diu etiam postea spirasse compertum est. Duobus post annis idem cardinalis Matthaeus archiepiscopo Panormitano mandavit, ut de Benedicti virtutibus, ac miraculis inquisitionem legitime institueret, quam ad annum quidem perfecit. Cum sanctimoniam servi sui Deus aliis atque aliis prodigiis testari videretur, et preces Philippi II. Hispaniarum, et utriusque Siciliae regis, nec non universi cleri, et populi Panormitani Sedi apostolicae fuissent exhibitae, congregatio sacrorum Rituum concessit, ut sacrae ipsius exuviae in templum transferrentur, et in honorifico loculo e terra elevato conderentur, quod quinto nonas octobris anno MDCXI. cardinalis Joannettinus ab Auria tunc archiepiscopus Panormitanus praestitit.

Preces a regibus, clericis, et populo pro recta praestando honorifico loco praesentia mansuetudine servati Dei.

Beatificatio e-  
jusdem ven.  
sacri Dei.

§. 44. Cum plurimae aliae publici cultus, et honoris significationes accessissent, votivae tabellae ejus sepulcro appensae, imagines, et signa altaribus imposita, novus processus auctoritate ordinaria constructus fuit anno MDCXX. subinde duo auctoritate apostolica; alter Panormi anno MDCXXV.; alter in oppido s. Philadelphii anno proximo, in quos ea omnia fuerunt relata, unde servi Dei et virtutes, et miracula constarent. Interea fel. rec. Urbanus VII. praedecessor Noster super hisce causis nova decreta edidit, ex quorum sinistra interpretatione b. Benedicti causa intermissa fuit, donec anno demum MDCCXIII. eam resumendi facultas data est annuente piae mem. Clemente XI. Nostro pariter praedecessore. Ita apostolicis absolutis actis tum Panormi, tum in urbe de cultu publico ipsi exhibito, re semel, atque iterum in congregatione sacrorum Rituum expensa, tandem v. idus majas anno MDCCXLIII. decretum prodit: constare de cultu publico b. Benedicto praestito, sive de casu excepto a decretis s. m. Urbani pp. VIII., cui quidem iudicio rec. mem. Benedictus XIV. antecessor Noster proximis idibus assensum suum praebuit: qui etiam paulo post sacrae minorum s. Francisci familiae, et universo clero dioecesis Panormitanae, et oppidi sancti Philadelphii potestatem fecit recitandi ipsius beati officium, et missam de communi confessoris non pontificis, oratione tamen propria jam approbata. Porro ejusdem mem. Clemens XIII. praedecessor Noster iis omnibus lectiones secundi nocturni proprias recitandas indulsit.

Processum ad-  
hibitus ut in  
sanctorum nu-  
merum adscri-  
bi possent.

§. 45. Ut autem b. Benedictus ex provida Sanctae Romanae Ecclesiae dispositione in sanctorum numerum adscribi posset, virtutum ejus disquisitio rite iustituta fuit ex tabulis ordinaria, et apostolica auctoritate jam digestis, in quas ejus et sanctissima gesta fuerant relata. Re mature perpensa, congregatio sacrorum Rituum pronunciavit, singulares, et plane heroicas b. Benedicti virtutes extitisse: quod decretum piae mem. Pius VI. proxime decessor Noster apostolica auctoritate confirmavit xvii. kalendas aprilis MDCCCLXXVII. Quaestio supererat de miraculis. Quatuor fuerant cardinalium, qui sacris Ri-

tibus praesunt, iudicio commissa; quae b. Benedicto suffragante divinitus edita ferebantur post cultum publicum a sacrorum Rituum congregatione ipsi permissum. Ex his quatuor duo tantum (neque vero res plura postulabat) in comitiis generalibus pridie nonas aprilis anno MDCCXC. accurate perpensa, et unanimi cardinalium suffragio probata, idem Pius VI. praedecessor in miraculorum numero reponenda esse decrevit.

§. 46. Primum miraculum fuit hujusmodi: Franciscus Centinius et Capitius novem annorum puer ab oppido s. Philadelphii ictu glandis ab ignea ballista explosae tam grave vulnus in gutture acceperat, ut aspera arteria perforata, vel potius penitus discissa, vulneris ipsius hiatu spiritum duceret, quin ulla spes salutis affulgeet: ubi autem b. Benedicti reliquia saucio gutturi admota est, statim vulnere obducta cicatrix, atque integra valetudo restituta. Alterum: Philippus Scaglioneus ex oppido s. Philadelphii, ab ortu ad decimum quartum aetatis annum ea pedis utriusque infirmitate laborabat, ut neque per se ipse staret, neque loco moveretur, multoque minus pedibus ire ullo modo posset, at vix dum beati Benedicti opem imploraverat, cum religiosum ordinis s. Francisci sibi adstantem aspexit, simul suadentem, ut surgeret, et graderetur, utpote jam sanus. Statim ille Benedictum, quem invocaverat, cum esse ratus, dicto audiens erexit sese, et exinde expedite semper ambulavit.

Miracula pa-  
trata sub ejus  
inscritione.

§. 47. His prodigiis approbatis, cuncti ejusdem congregationis sacrorum Rituum cardinales laudato praedecessori Pio VI. summo consensu affirmarunt, b. Benedictum sanctis viris adscribi posse: ac demum idem ipse Pius VI. praedecessor, pluribus jam ante precibus ad Deum fuis, Sanctique Spiritus ope implorata, xviii. kalendas septembris ejusdem anni b. Benedictum in sanctorum album referri posse declaravit, decretumque canonizationis ejus quaecumque faciendae expediri, et publicari jussit. Cum igitur antiquis, repetitisque plurimorum votis novae enixae accessissent preces, quas singuli quique Siculorum civium ordines, maxime vero sacra minorum s. Francisci universa familia Nobis exhibendas cura-

Opinio Pii VI  
de sanctitate  
beati.

runt, atque omnia essent absoluta, quae in congregatione sacrorum Rituum peragi debuissent, congruum quoque Nobis videbatur, ut ultimam denique sententiam super beati viri canonizatione ferremus.

*Formam indicat ad divinam operam implendam.*

§. 48. Quamobrem ex Sanctae Romanae Ecclesiae disciplina in consistorio Nostro secreto die xxiii. martii proxime elapsi a dilecto filio Julio Maria tituli sanctae Mariae supra Minervam presbytero cardinali de Somalia nuncupato sacrorum Rituum congregationis praefecto praemissorum omnium relatione apposite facta, cum reliqui cardinales sibi placere dixissent, ut b. Benedictus sanctorum fastis adscriberetur, publicum deinde consistorium die xvi. proxime superioris aprilis convocavimus, in quo dilectus filius Bellisarius Cristaldi consistorialis aulae Nostrae advocatus diserta oratione virtutum excellentiam, vitaeque sanctitatem b. Benedicti laudavit. Praeterea in alio consistorio semipublico die viii. hujus mensis coram Nobis habito, cum prius omnibus suffragaturis summa vitae, virtutum, et miraculorum b. Benedicti ex actis sacrae Rituum congregationis exacte deprompta, typisque publicata, fuisset tradita, ut ad sententiam dicendam parati accederent, omnes quotquot adfuerunt, venerabiles fratres Nostri S. R. E. cardinales, patriarcha, archiepiscopi, et episcopi, quorum plurimi ex vicinioribus diocesisibus a Nobis acciti Romam conveniant, unanimi consensu b. Benedictum in sanctorum numerum referendum esse censuerunt. Quorum omnium suffragia, quibus singuli subscripserunt, colligi, et in Sanctae Romanae Ecclesiae tabulario custodiri mandavimus; instrumenta etiam super his omnibus confici jussimus. Deo autem maximas gratias egimus, quod servum suum per ministerium Nostrium honorificari velle dignaretur, diemque canonizationis indiximus, omnesque interim adhortati sumus, ut ad coelestem Spiritus Sancti gratiam Nobis impetrandam suas preces Nostri adderent, elemosynisque, et jejniis perseveranter insisterent, ut in tanta re, et tam arduo negotio auctor honorum omnium Deus, Pater luminum adesset Nobis, dirigeretque consilia Nostra.

§. 49. Demum omnibus rite expletis, quae sacri canones, et ecclesiastica consuetudo praescribunt, hac die, quae fuit dies dominica sanctissimae Trinitatis, cum venerabilibus fratribus Nostri S. R. E. cardinalibus, nec non patriarcha, archiepiscopis, et episcopis, Romanaeque curiae praelatis, officialibus, et familiaribus Nostri, clero saeculari, et regulari, rita solemnibus supplicationibus, ad Vaticanam beatissimi Petri apostolorum principis basilicam splendide ornatam convenimus, ubi dilecto filio Nostro Innico Didaco tituli sancti Augustini S. R. E. presbytero cardinali Caracciolo nuncupato procuratore semel, iterum, ac tertio pro canonizationis decreto supplicante, sacris precibus, et litanis decantatis, et creatore Spiritu invocato, ut mentem Nostram visitaret, pectusque superna gratia impleret, ad honorem sanctissimae, et individuae Trinitatis, ad exaltationem fidei catholicae, ad Christianae religionis augmentum, auctoritate Domini Nostri Jesu Christi, beatorum apostolorum Petri et Pauli, ac Nostra, divina ope saepius implorata, ac de praedictorum S. R. E. cardinalium, patriarchae, archiepiscoporum, et episcoporum in urbe existentium consilia et sententia, beatum Benedictum a s. Philadelphia omnium virtutum genere cumulatissimum, et miraculorum gloria illustrem, vere sanctum esse definiendo pronunciamus, et una cum Francisco Caracciolo, Angela Merici, Coleta Boilet, et Hyacintha Mariscotti sanctorum canonum inseruimus, eumque ab omnibus Christifidelibus honorandum colendumque esse decrevimus: statuentes, ut ubique ecclesiae, et altaria, in quibus sacrificia Deo offerantur, in ejus honorem aedificari possint, in ejusque memoria singulis annis die quarta mensis aprilis inter sanctos confessores non pontifices recolli debeat: eademque auctoritate omnibus Christifidelibus vere poenitentibus, et confessis, ac sacra communione relectis, qui quotannis eodem die festo sepulcrum, in quo corpus ejus requiescit, visitaverint, septem annos, et totidem quadragenas de injunctis eis, aut alias quomodolibet debitis poenitentis misericorditer in Domino relaxavimus. His pera-

ctis, hymnum laudis, et confessionis pro gratiarum actione Deo decantavimus, et in ara maxima missae sacrificium celebravimus, cum commemoratione ejusdem sancti Benedicti, et praedictorum quatuor sanctorum; plenariam quoque indulgentiam omnibus Christifidelibus ad tantae solemnitatis celebritatem congregatis in forma Ecclesiae consueta concessimus. Quoniam vero sancti Benedicti praesidium Nobis coelitus comparatum videmus, aequum est, ut cum humilitate gratias Deo agamus, suppliciter obsecrantes, ut servi sui meritis et intercessione a praesentibus hujus mortalis vitae angustiis, et calamitatibus Nos liberare, et in hoc saeculo caelesti gratia sua implere dignetur, qua in futuro aeternam sanctorum felicitatem adipisci mereamur.

Expeditis litterarum, et fides habenda transumptis.

§. 20. Caeterum cum idem cardinalis procurator, quo par erat obsequio, a Nobis petisset, ut super praemissis omnibus apostolicas Nostras litteras perpetuo valituras decerneremus, Nos justissimis precibus annuentes, praesentes Nostras litteras edi, et publicari voluimus, et decrevimus, quarum tenore omnia et singula praemissa confirmamus, atque iterum statuimus: mandantes ut eorum transumptis sive exemplis etiam impressis, manu publici notarii subscriptis, et sigillo alicujus personae in dignitate ecclesiastica constitutae munitis, eadem ubique fides habeatur, quae ipsis praesentibus haberetur, si forent exhibitae vel ostensae.

Sanctio poenalis.

§. 21. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam Nostrae definitionis, decreti, adscriptionis, mandati, statuti, relaxationis, et voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire; si quis autem hoc attentare praesumpserit, indignationem omnipotentis Dei, ac beatorum Petri, et Pauli apostolorum ejus se noverit incursurum.

Datum Romae apud sanctum Petrum anno incarnationis Dominicae millesimo octingentesimo septimo, nono kalendas junii, pontificatus Nostri anno octavo.

✠ Ego Pius Catholicae Ecclesiae episcopus.



✠ Ego L. episcopus Portuensis et s. Rufinae card. Antonellus major poenitentiarius. Nomen eadē narium praesentium canonisationi

✠ Ego A. episcopus Albanen. card. Valenti Gonzaga.

✠ Ego A. episcopus Praenestinus card. Matthaeus.

✠ Ego J. episcopus Tusculanus card. ab Auria Pamphily.

✠ Ego F. S. R. E. tit. s. Laurentii in Lucina prior presb. card. Carafa.

✠ Ego A. tit. s. Praxedis presb. card. Dugnani.

✠ Ego H. tit. ss. Nerei et Achillei presb. card. Vincenti.

✠ Ego F. tituli s. M. Transtiberim presb. card. Pignatelli.

✠ Ego A. tituli ss. Joannis et Pauli presb. card. Roverella.

✠ Ego J. M. tit. s. Mariae supra Minervam presb. card. de Somalia.

✠ Ego I. D. tit. s. Augustini presb. card. Caracciolo.

✠ Ego M. tituli s. Mariae in Via presbyter card. de Petro.

✠ Ego C. tit. s. Susannae ad thermas presb. card. Crivelli.

✠ Ego F. M. tit. s. Anastasiae presb. card. Saluzzo.



✠ Ego B. tit. s. Silvestri in Ca-  
pito presb. card. Pacca.

✠

✠ Ego J. Ph. tit. s. Alexii presb.  
card. Gallerati Scotti.

✠ Ego L. tit. s. Podentianae  
presb. card. Litta,

✠ Ego Ph. tituli s. Mariae An-  
gelorum presb. card. Casoni.

✠

✠

✠ Ego H. tit. s. Petri ad Vincu-  
la presb. card. della Porta.

✠ Ego J. tituli s. Thomae in Pa-  
rione presb. card. Gabrielli.

✠ Ego V. tit. s. Laurentii in  
Pane, et Perna presb. card. Mastrozzi

✠

✠

✠

✠

✠

✠

✠ Ego P. F. tit. s. Bartholomaei  
in Insula presb. card. Galleffi.

✠

✠

✠

✠

✠

✠

✠

✠

✠ Ego A. sanctae Mariae in Via-  
Lata prior diaconorum cardinalis ab  
Auria.

✠ Ego R. s. Mariae ad Marty-  
res diaconus card. Braschius de Ho-  
nestis.

✠ Ego Ph. s. Eustachii diaconus card.  
Carandini.

✠

✠ Ego H. sanctae Agathae ad  
Suburram diaconus card. Consalvi

✠

✠

✠

✠

✠ Ego C. s. M. in Porticu diaconus  
card. Erskine.

✠ Ego A. s. Adriani diaconus card.  
Gazzolin

✠

✠

✠

✠

✠

A. card. pro-Datararius. R. card.  
Braschius de Honestis.

VISA

De curia J. Manassei

F. Lavizzarius

Loco ✠ plumbi.

Registrata in secretaria Brevium.



## TRANSCRIÇÃO PARCIAL DO LIVRO “FLOR PEREGRINA”

Considerações a respeito da transcrição parcial: o livro Flor Peregrina é uma obra essencial para compreender a vida e obra de São Benedito, tornando-se uma fonte extremamente importante. No entanto, foi necessário realizar a transcrição de partes da obra para entender algumas situações relacionadas ao santo. Devido à paleografia em português arcaico encontrada, a transcrição foi dificultada, com a utilização de símbolos como “\_\_\_” para palavras ou letras ilegíveis. Assim, foram transcritas trinta páginas, mantendo-se o texto idêntico ao original, preservando a pontuação, as repetições de letras e os modos antigos de escrita. O livro possui o seguinte índice:

Dos capítulos

Desta história do Santo Preto de Palermo

Cap. I. Dos Nascimento, Linhaje, Parentesco, e Educação deste insigne Santo Preto. Pag. 1

Cap. II. Da vocação de Benedicto de huma vida menos perfeita à perfeição, e trânsito ao Dezerto. Das quatro Ermidas, donde foy morador; e como passou a viver em o convento de Santa Maria de Jesus da Cidade de Palermo da Provincia reformada de Sicilia. Pag. 14

Cap. III. Das especiaes virtudes em que maravilhosamente resplandeceo este servo de Deos, e primeiramente de sua heroyca humildade. Pag. 35

Cap. IV. Da rara, e invencivel paciencia do servo de Deos. Pag. 45

Cap. V. Das muitas austeridades e penitentes rigores do servo de Deos. Pag. 59

Cap. VI. De sua Angelica pureza. Pag. 62

Cap. VII. Refere-se sua extremada pobreza, comprovada com singulares prodigios , e exemplos. 72

Cap. VIII. Da elevada contemplação do servo de Deos, e Maravilhosos Excasis e Raptos, que gozava. Pag. 82

Cap. IX. Singular aspecto, e devoção, que teve d Rainha dos Anjos, e favores especiaes, que recebo de sua mão. Pag. 94

Cap. X. De as vivas fés, e firme esperança em Deos. Pag. 101.

Cap. XI. Dos raros, e milagrosos sucessos, que comprovao no servo de Deos a excellencia destas duas virtudes. Pag. 111.

Cap. XII. Em que se finaliza o assumpto do antecedente Capitulo. Pag. 120.

Cap. XIII. Da ardente caridade deste Varão Apostolico, em que foy admirável. Pag. 131.

Cap. XIV. De sua obediência, e Resignação perfeita. Pag. 145.

- Cap. XV. Da celestial sabedoria, e sciencia infusa do servo de Deos. Pag. 153.
- Cap. XVI. Penetra os segredos do coração, lendo os pensamentos mais occultos. Pag. 160.
- Cap. XVII. Em que se trata de suas profecias. Pag. 172.
- Cap. XVIII. Morte preciosa do Beato Benedicto, e suas circunstâncias. Pag. 185.
- Cap. XIX. Em que se manifesta a aprazível forma de seu defunto corpo; aparecimento à sua sobrinha, enterro; concurso, e sentimento do povo; e as trasladações de seu bemdito cadáver. Pag. 196.
- Cap. XX. Exposição de alguns dos muntos milagres que obrou este Bemaventurado depois de sua feliz morte. Pag. 207.
- Cap. XXI. Continua-se a exposição de outros singulares prodígios, e de como appareceo a hum enfermo o Beato Benedicto. Pag. 222.
- Cap. XXII. Ressurreição de alguns mortos, Imperio sobre os malignos espíritos, e singular beneficio com que corresponde aos obséquios de hum seu cordial devoto, este Bemaventurado. Pag. 232.
- Cap. XXIII. De alguns dos muntos, e singulares benefícios com que tem retribuído Deos aos devotos Portuguezes à munta devoção, que tem a este servo seu. Pag. 237.
- Cap. XXIV. Culto imemorial, que sempre tem tido nosso Santo, como se verifica neste capitulo. Pag. 249.
- Cap. XXV. Acclamação de sua santidade; estendida pela Christandade, e singular culto, que tem no Reyno de Portugal, e seus domínios, e com muita especialidade no Brasil, o B. Benedicto. Pag. 258.
- Cap. XXVI. Expoem-se a sentença com que ficou declarado por imemorial o culto, sem ofenla das Bullas, e Restrições do Papa Urbano VIII. E antecedentemente se propõem algumas adverdencias. Pag. 273.
- Cap. XXVII. Da-se noticia dos festejos, que na Lusitana Corte, e Villa de Santarem se celebrarão, com a chegada do Decreto da Beatificação, do que em vida, e nome foy bemdito; e dos escritores, que celebrão sua memoria, o que tudo se conclue com a narrativa do mesmo decreto. Pag. 280.

Página 1

Flor Perigrina por preta, ou nova maravilha da graça, descoberta na prodigiosa vida do beato Benedicto de S. Philadelphio, religioso leigo da Provincia Reformada de Sicilia, das da mais estreita Obsevancia da Religião Serafica.

## Capítulo I.

Do nascimento, Linhage, Parentesco, e educação deste Santo Preto.

1 Flores branca, e de outro qualquer gênero de cores galantemente vestidas nascem em as quatro partes do Universo, porem

### Página 2

De cor propriamente negra, nem por milagre em todo o Mundo se achará huma só, nem costuma, nem póde produzila naturalmente a Terra, segundo a solida, e fundada razão que dá em seu florido livro das planta o euridito Cardano, dizendo, que a cor verdadeiramente negra se iregina de matéria muito espe \_\_\_\_\_, que as flores se produzem do summo mais delixcado, e subtil das plantas, dalli procede, que não as pode aver puramente negras. Porém o que em seus campos, e Hortas o difficulta, e em seu curto poder, limitada virtude da natureza não pode, há produzido com sua milagrosa força, e efficacia em o Jardim da Igreja a Divina Graça, que em a fecundidade não conhece limites, adornando-o com huma flor tão singular, e peregrina, como m todo o rigor negra, qual foy nosso Bem-aventurado Benedicto, formoseando com ella o terreal Paraizo da Serafica Regilião, e Descalcés, em quem a variedade de tantas flores pomposamente campeã, e conservando-a com seu sobrenatural rocio, e depois de cento, cincoenta, e quatro anos, toda-via cheirosa, fresca, e bem parecida.

2 Desta mystica flor pois, tão rara, porque negra (tancha que não a desdoura, antes a ilustra) tão estimável, e bem vista desde seu principio

### Página 3

Pertendo mostrar no nosso idioma mais extença noticia de suas virtudes, duração, e milagresm da que no mesmo se acha manifesto, pois não he bem, que falte a nação tão emprenhada em suas glorias, quaes desde poucos anos depois de transplantada no Celestial Paraizo, lhe tributa continuamente em reverentes obséquios, saber do que tanto ama, e venera, o que senão podia narrar na breve memoria, que de sua vida se acha nas Cronicas da Provinvia intitulada de Portugal, e referida por Bayam em hum Tratadom que deu a luz a sua devoção, e por mim em a 1. Parte dos Pequenos na Terra, e Grandes no Ceo.

3 Pequeno em Terra foy sem contorvercia nosso incomparável Varão, cujo nome posto que em Portuguez he Bento, com o de Benedicto o nomearey sempre, pos sempre com este nome o invocarão os Portuguezes, e não acho qual seja o motivo, de que ao Principe dos Patriarcas, e ao S. Negro de Palermo, escrevendo se o nome ambos em latim, Benedictus, em Italiano Benedetto, e em Castella Benito, haja em Portugal a diferença, quando a não há em o nome, e

só sim em havelo tido hum muito antecedentemente, que o outro, de chamarem ao primitivo, Bento, e ao nosso Bento, Benedicto, e so o que insiro desta distincão he que assim

Página 4

Como estes dois Santos erão tão distintos nas cores, tivessem tambem em algum modo distintivo em o nome, ou porque (e este a meu ver ferá o principal motivo no nome Benedicto) achou a devoção Portugueza mayor attractivo para amarem a este grande do Ceo.

4Foy Pequeno em a terra, pois nasceo de Pays tão humiles, e pobres, que ainda a mesma liberdade querem alguns Authores lhes faltase, affirmando, que erão cativos, assim o lemos no 4. Tom. Dolegend. Franc. A pag. 61, alegando seu A. ao P. Fr. Pedro de Palermo, da Prov. Reforma de Siciklia na VIda, que defusamente escreveo deste Bemaventurado o P. Fr. Diogo Equile em a Gerarchia Franciscana; o P. Fr. Filippe Escallola Conventual em a Manifestação 3. a fol. 155. O P. Daça na 4. part. Das Chron. De nossa Ordem no cap. 16. Do Liv. 4. e o P. Arturo no Martyrol. Francisc. Em o dia 25. De janeiro S. 4. só especificação ser cativa a Mãy. E a ser assim, seguindo Benedicto a condição de sua Mãy, era escravo, assim como era negro, e nisto estava fixo o citado P. Chronista Daça, posto que mal informado, quando disse, que seu Amo depois de haver-servido alguns annos, de Benedicto, lhe deu carta de Alforria, e liberdade. Tambem o faz cativo em a inventada ide de que se valeu Lopez

Página 5

Veja Carpio, com outro nome supposto dito Doutor Mirademescua em sua Comedia, que anda impressa, e varias vezes representada, com titul de El Negro de mejor Amo, em a qual, debaixo do nome de Rolambuco, Turco, pinta a nosso Bemaventurado escravo de D. Pedro Porto Carrero, por espadachim valente, de grandes brios, nobreza, e galhardia; e por remate o encerra tudo em aquelle verso (del Cielo assombro, y de la tierra espanto) com o demais, q no discurso della se contem; que nada tem da verdade da pura historia; sendo não mais, que hum engenhozo aggregado, e concerto de poeticas inventivas, e historicos desconcertos.

5 O contrario, porém, a respeito do cativeiro de nosso Beato, acho noutros AA. Pois ainda, quando sua Mãy fora cativa, precedendo o que refere o mesmo A. do citado Leg. Franc. E o Doutor Mataplanes, com os que citão, se infere claramente, que nasceo liberto; e vem a ser, que os Pays de Benedicto, desde o principio de seu casamento, porpuzerão de ovservar perpetua castidade naquelle estado, para que não nacestem tambem escravos teus filhos. E pontualmente assim o executarão até o tempo, em que de tudo isto inteirado seu Amo Vicente Manasseri, e pesando-lhe de huma tal resolução, que havião feito lho estranhou

#### Página 6

E por fim lhes prometeu de baixo do seguro de sua palavra, de que o primeiro filho, que may desse à luz o fazia franco, e livre. Consta também de varias pessoas, que jurarão em seus processos, affirmando, que era livre, e não escravos; mas como o havia de ser, se a May de nosso Santo nunca o foy assim o affirma na Vida de Benedicto a pag. 4. o citado Mataplanes, e o qualifica o P. Soledade no Liv. 3. á a 5. part. Das Chron. Da Prov. De Portugal, donde em o num. 679. Expressamente diz, que este Bemaventurado, era livre, e não escravo; e que nem sua Mãe teve em algum tempo essa fortuna, ainda que seu Pay o havia sido em vida do Senhor, que o deixou forro; e conclue, e esta he a mais abona prova (contra o que erradamente expozerão tantos AA. Seguindo tal vez ao primeiro, que padeceu esta equivocação) que isto consta dos processos, que por ordem do Reverendissimo Fr. Benigno de Genva compilou o P. Fr. Antonio de Rondazo, custodio da Provincia Reformada de Sicilia, em que viveo, e acabou Benedicto.

6 Da Etiopia, conquista de Portugal, vierão a parar seus Avós, cujos nomes se ignorão, em a Villa de S. Philadelphio, vulgarmente chamada de S. Fradelo, em o Reyno de Sicilia, lugar, que foy algum tempo jurisdição, e senhorio

#### Página 7

Da nobilíssima Familia Lança; posto em a Diocesis do Arcebispado da Cidade de Messina, em o Valdemone; hum dos três valles, que compõem aquelella tão fermoza, e afamada Ilha do Mediterraneo; e que antes se nomeava Castell de S. Philadelpho; e foy antiga habitação da Nação Longobarda; cuja lingoagem ainda ao presente fallão seus moradores. Nesta pequena, e limitada Villa nascerão Christovão Monasteri, e sua Esposa Diana Larção, ditos Pays de nosso Benedicto, em cuja Villa derão à luz do mundo; a qual se até ali só era celebre por se havarem nella occultamente transladado os sagrados corpos dos três gloriosos Martyres; Alphio, Philadelphio, e Cirino; agora se vê em grande maneira ennobrecida por haver dado tão aclamado Varão: pois muitos mais illustrão as Cidades os filhos virtuosos, e exemplares, do que as homão os grandes, e soberbos edificios, que as compoem. Sendo também assim, que nem adquirem alguma cousa demais para si os que em Cidades grandes, e preclaras, nem deixão de ser claros, e grandes os que nascem em pequenas, e desconhecidas Aldeas. Esta pois foy a afamada Patria de Benedicto Santo, esta forão suas estremadas riquezas, e haver nascida em tão pequeno,

#### Página 8

E humilde lugar, e de Pays de tão obscura linhage, e de tão extremada pobreza, e ambos negros, e hum delles algum tempo escravo.

7 Porem como a verdadeira nobreza, e riqueza são as do animo; as quaes só se adquirem com o custozo cabedal das virtudes; e com a nobre vasselagem, e Senhorio das paixões; em a mão está que muito mais se ennobrecerão, e derão a conhecer a nosso servo de Deos suas virtudes heroycas, do que poderão havelo ennobrecido, e dado a conhecer ao mundo os braçoens, e timbres mais illustres, e as mais ricas, e abundantes fazendas, e cabedaes, que herdace de seus Avós, e Pays. O que de seus Pays abundantemente herdou, e não só com inexplicavel recato guardou, senão que tambem andou sempre santamente ambiciozo, \_\_\_ deligente cuidado augmentando, foy o indefectivel thezouro da Piedade, e Christãas virtudes riquissima porção, e nobre cabedal, que deixou em testamento a seus filhos, Nosso Serafico p. S. Francisco.

8 Sua Mãe Diana (verdadeira Estrella, Divina, que pario esta resplandecente luz, que illistrou com brilhantes rayos de Santidade a Patria, a Serafica Religião, e Reforma, e ainda todo o mundo) foy franca, e livre, como acima

#### Página 9

Fica manifesto; de bons; e santos costumes, aprazivel, modesta, e discreta; muito inclinada a socorrer os pobres, e muito mais afeiçoada a frequentar os Santos Sacramentos da Penitencia, e Eucharistia. Virtudes todas em huma Negra vem singulares. Seu Pay, Christovão; ainda que escravo, e sugeito, livremente, e com fervor incrível exercirava-se em oração; em que gastava grandes espassos, dos que outros chamão perdidos da noyte, e do dia, e em as obras de caridade com o proximo: a quem deixou raros exemplos, e honradas memorias de suas piedosas entranhas. E taes convinha, que fossem os Progenitores de Benedicto religiosos, e pios; e tal filho, e de tão grande santidade, merecerão taes Pays; para que fosse o fruto, qual a arvore; e a colheita, qual a terra, que o produzio.

9 Produzio-se pois de tronco tão humilde, rama tão generosa, e sublime; que deu saborosissimo fructo à terra, e ao Ceo, no anno da reparação do mundo 1524. O tirou da pia do S. Bautismo e a Igreja Mayor de São Philadelphio, Guilherme Pantemoli, parente de Vicente Manasferi; e quizerão seus Pays, que se chamasse Benedicto. Pronostico deliz do abundante rocio de benções DIvina, que a mão cheyas

#### Página 10

Avia de chover sobre sua alma bemaventurada o soberano Senhor; louvor, que mereceu depois de sua morte o grande Patriarca dos Monges, Bente, da eloquente bocca de S. Gregorio o

Magno. Não he explicável com palavras a alegria, e consolação, que por seu nascimento tiverão, não tão somente seus Pays, porém também os conhecidos do bairro, e do mesmo lugar, observando-lhe, ainda que Negro, também organizado, e disposto, tão manso, agradável, e gracioso, e sentia qualquer pessoa, que o tomava em seus braços, hum grandissimo gozo, e contentamento, por mais triste, e affligido, que estivesse, reparando, que em abundancia sahão de seus engrasçado rosto não fey que alegres rayos de celestial respandor, que suavemente os impelia, e esforçava a far-lhe mil affectuosissimos osculos; e a dizer com toda a verdade o que si mesma dizia a Sagrada Esposa em os Divinos Cantares: Negro he, ´prés he fermoço.

10 Tiverão depois Christovão, e Diana outros tres filhos; hum Varão, que nomearão Marcos; e as outras duas femeas; Balthazara a primeira, e a segunda Fradela. Cazou esta ultima com hum escravo Christão, Negro também, chamado Antonio Nastasi; e dos dois, morando na Villa de Militelo, a donde vivia de

#### Página 11

Afeto seu Amo Vicente Nastasi, nasceo Violanta Nastasi, e Carela; que vestio com o tempo o habito de nossa Terceira Ordem, debaixo da obediencia dos Padres Menores Reformados. E pela particular devoção, e carinho; que teve nosso Fr. Benedicto, seu Tio (que prevenio em espitio, e com profetica voz, lhe predisse á ditoza Serva de Deos, que avia de ser) se poz nome de Benedocta, alias Benta. E sahio tão verdadeira a profecia, que havendo vivido por espasso de setenta annos cogrande, e commum opinião de santidade; morreo depois na Cidade de Palermo a 8. de março de 1648 deixando taes memorias de suas virtudes, e obras, que estão para formarse já com authoridade Apostolica o Processo de sua admiravel vida, e milagres.

11 Havendo-se feito esta breve memoria do parentesco do Menino Benedicto, voltemos para o mesmo Infante. Nada de singular, ou portento se sabe em seu nascimento, commo de outros em suas historias se refere; porque nem a todos os que hão de viver, e morrer singularmente virtuosos, marca, e sinal com algum particular prodigio o Ceo, desde o seu oriente. Nenhum milhagre também se diz obrára neste mundo o Precursor do Verbo Encarnado, Bautista (tendo assim, que de outros Santos

#### Página 12

Quase innumeraveis se lem ) e nem por isto deixou de ser elle, grande em a prezença do Senhor. Rezervado está isto aos secretos, e altos juizos de Deos, que assim o dispoem quando quer, e aos que quer para com os homens desde seu principio declara-los grandes em a terra. Providencia he do Eterno, e summo Factor, a fr ptrbilgiar hum filho, dando-lhe Pays piedozos,

da Christã bondade, que com o bom sangue lhe comuniquem seus louvaveis costumes, e com o bom exemplo lhe sirvão como de espelho para a imitação. Taes forão os de Benedicto, devotos, pios, e muito tementes de Deos, como taes, criarão-no muito devoto, e muito pio; comunicando-lhe ainda com o leite, que por alimento lhe participava sua Mãe, o temor santo de Deos; e quando a idade o promenteu, ensinando-lhe a ave Maria, e os principios de nossa Santa Fé Catholica; fazendo-lhe frequentar as Igrejas, e os Santos Sacramentos; jejuar a meudo, e exercitar em todas as obras de bom Christão; embebendo-lhe em particular em o animo hum affectuozo, e devoto carinho a Virgem, commua Mãe, e Senhora Nossa. Bem he verdade, que ajudou muito a isto seu bom natural, inclinado, facil, e prompto a aprender, e exercitar doutrinas tão louvaveis e sãtas, e bem se conhecia em suavidade do

Página 13

Fructo, nada insicionado de humor nocivo, e da docura da fonte a pureza do minaral nativo.

12 Ao mesmo passo, que se foy adiantando em annos, se adiantou tambem em as virtudes; em as quaes muito excedeu, e foy incomparavelmente mayor o adiantamento, que com o tempo levou seus PAys em a perfeição, e santidade da vida, como claramente se verá em o discurso della. Nunca se vio em seu porrtem e gesto cousa alguma, que cheirase á meninice, ou pueriles livindades; nem se lhe conheceu rastro de inclinação a jogos, e divertimentos, que a inconstancia daquella idade com ruidozas travesuras trás consigo; antes muita mansidão, e compostura em o trato; muito fervor, e constancia nos exercicios espirituaes; e sobre tudo deu-se a conhecer, desde aquelles poucos annos, por muito dado á Oração; accompanando tudo isto com hum proceder muito attento, e amavel; e odorifera virtudes, que depois havia de abrir para o jardim ameno do Senhor ; tanto, que roubava as atencõens dos que o vião, inferindo todos ao mesmo tempo, que tantos preludios em poucos annos, preegoiro costuma ser de grandes virtudes.

Página 14

Capitulo II.

Da vocação de benedicto de huma vida menos perfeita à perfeição, e transito ao Dezerto. Das quatro Ermidas, donde foy morador; e como passou a viver em o Convento de S. Maria de Jesus da Cidade de Palermo da Provincia Reformada de Sicilia.

13 Proposição infalivel da eterna verdade foy, e sempre será a que escrevendo a seus Corinthios, publicou a todo o mundo o Apostolo S. Paulo; ser costume muito ordinario de Deos, para

obstentação de sua mayor gloria e de seu immenso poder, valer-se às vezes fr instrumentos baixos, desprezíveis, e incompatíveis; sublimando-os a grandes alturas de espirito; para confusão e abatimento da soberba, e altives de huns; e para exemplo, e alento de outros em o caminho da perfeição. Varios são os meyo, que dispoem, e para conduzir a este fim, escolhe; e conforme a seu divino agrado, e são diferentes as traças, de que para este effeito se vale ornadas em sua altissima idea. Huma dellas e não a menos ordinaria, he a de chamalos das Cidades

#### Páginas 15

Aos Desertos. Cidades de retiro para as almas, que hão de povoar a celeste Jerusalem; Escolas Silenciarias de uteis desenganos, e de tacitas doutrinas, com as quaes se instrue o entendimento, e se alenta o conhecimento do Creador, e berços rusticos, a donde com o leite de sanquinolentas austeridades, e penitencias (regalos das mezas da soledade) se crião espiritos elevadamente grandes; que transplantados, fervem depois de prodigiosos vultos, para formozear o soberano Trono da Gloria do Senhor; como o fazem agora hum Paulo, hum Antonio, Arseni, Macario, e outros muitos. Devendo-se pois dar conta do modo, e do que uzou Deos em chamar a este seu Servo à soledade, e Dezerto, será preciso correr primeiro, e principiar de humas noticias, que fazem todas ao caio, e historia, que vamos referindo.

14 Em o anno de 1545. Em a Comarca de Caronia, no Reyno de Sicilia, em huma poccção, ou feudo nomeado Santa Domingas, duas legoas da patria do Servo de Deos, a donde se acha situada huma Igreja do titulo da dita Santa. Vivia em grande asperesa de vida, juntamente com outros companheiros, sequazes de suas gloriosas pizadas o P. Fr. Jeronymo Lança, do nosto instituto Serafico, Ermitão de estranha, e para perfeição; natural de hum lugar chamado São.

#### Página 16

São Marcos, de linhage muito nobre, e parente muito chegado por pare de Mãy do Emminentissimo Cardeal Rebiba. Este Varão admiravel, havendo sido em o seculo homem doutissimo, Laureado de Doutor em as Leys, de bens da fortuna bem accomodado, e dotado enfim da natureza, de huma compleição firme, e robusta, e de hum animo esforçado, e valeroso; em o melhor da idade renovou com seu raro exemplo (movido de interno impulso, e divina inspiração daquelle eterno espirito, que he pay da Puridade) a maravilha, que obrou antes o glorioso Santo Elezario; pois já cazado, determinouse de concerto com sua Esposa, a mesma noyte das bodas observar perpetua castidade.

15 Encerrouse pois ella em hum Mosteiro de Freiras: e foise ao Dezerto já referido; a donde à imitação dos antigos Padres, vivendo escondido entre penhscos, e covas, emcompanhia dos brutos, com os demais, que debaixo de sua disciplina, e governo alli se ajuntarão; maltratado da inclemencia dos ares, e muito mais do rigor das voluntarias, quando sanguinolentas mortificações do proprio corpo (martyrio mais penoso, porque he mais dilatado) fez da já dita serra de Sicilia, huma nova, e ditosa Thebaida do Egypto. E com authoridade do Summo Pontifice Julio III. Em virtude de Breve Apostólico,

Página 17

Professavão todos a Regra de N. Serafico Padre S. Francisco com quarto voto de vida Eremetica, e jejum tres dias na semana. Tinha tambem potestade o dito Padre Fr. Jeronymo de receber Noviços, e professa-los a seu tempo.

16 Crescido já em idade nosso devoto Benedicto, exercitou-se primeiro em guardar, e pastorear o gado do Amo de seu Pay, Vicente Manasseri, em tanta innocencia, candura de sua condição alegre, já pelo apreciavel de seu proceder virtuoso: entre o carinho, e respeito, era de todos muito estimado, e querido. E tambem ordenadas experimentavão nelle seus graves costumes com a doçura do trato, e serenidade do rosto, que pasmavão de ver venvida com madureza tão intempestiva aquella indiscreta idade. Abonava-se mais isto, vendo arrayar em Benedicto muito antecipadamente a luz de suas virtudes: não podendo occult ar-se seus resplandores aos olhos dos demais Zagaleijos, e Pastores daquela Commarca, que com admiração o observavão tão humilde, e honesto, tão devoto, e prompto àcouzas fagradas, pois nunca por occupado que estiveste em seu exercicio pastoril, punha em esquecimento, nem já mais atrazava suas costumadas

Página 18

Orações, e rezas: não lhe esrovando os trabalhos do corpo os devotos deicansos da alma: e só rezando-lhe, que as noytes, e os dias lhe fahistem tão curtos para seus espirituaes empregos.

17 Dezoito annos teria, quando por aliviar as obrigações de seus Pays, e para carregar a robuste de seu corpo com o pezo de mais trabalho exercicio, se applicou á cultura do campo, e recolhimento do trigo, tutentando-se do que com suor de seu rosto, com o trabalho de dois boyzinhos, que havia comprado, cultivando a terra, ganhava: e aprendendo de sua generosidade a ser liberal, socorria tambem agradecido com os frutos de sua fadiga as necessidades alheyas. Nunca foy visto por algum adverso acontecimento, que lhe ocorria perturbado, ou impaciente: nem o ouviraõ quantos o tratárão, e conhecerão sendo mancebo, jurar, maldizer, ou mentir,

murmurar, ou dizer palavra deshonesta, ou viciosa. Antes entre as outras excellentes irtudes, que resplandecia mais a de sua invencivel paciencia em as tribulações, e a de ser muito comedido, e aprazivel com todos em os mesmos sucessos, que costumavão commover e enfado aos demais Pastores. Rara vez fallava,

Página 19

Senão era de Deos. Com a Oração Mental, ou Vocal prevenia sempre materia em que se mantivesse a chama do amor Divino, que dentro em seu peito ardia: e vacava tão intensa, e continuamente a estes exercicios, que em todas suas acçoens, movimentos, e palavras bem se conhecia em cujo acatamento estava, não dando lugar, nem hum instante à negligencia, o ao ocio, de que era capital inimigo.

18. Não careceu este seu modo de viver tão innocente, e já deveras, acomettendo o varias vezes já por si, ou por meyo de outras pessoas, das quaes sahio sempre victoriozo. Cercava a encarnada roza de sua virginal pureza codescalcez, trabalhos, e jejuns: com crueis disciplinas, asperos cilicios, e penofas vigalias, como com hum muro de punçantes abrolhos, para conserva-la mais pura, mais fragrante, e fresca. Com estes santos exercicios se dispumha e com a simples resignação aguardava a luz, que havia de guialo, como pobrezinho cego ao claro conhecimento da acertada eleição do estado, que

Havia de tomar, para servir com mayor perfeição a Deos nesta vida, e chegar depois a goza-lo no eterno descanso. E vendando-se os olhos, cativando o proprio juizo, poz

Páginas 20

Em a Divina mão todo o seu alvedrio; ainda que não deixava em tanto de bater com ardentes rogos ás celestiaes pórtas, para que lhe abrissem o caminho proporcionado, e suave, para chear aquelle fim, que não póde sahir acertado, senão se consulta ao Ceo, que piedozo tal vez se vale de humas conjecturas, q não paressem do caso, e são muito de proposito.

19 estava pois hum dia (cumpridos já vinte, e hum annos de sua idade) fatigado, e rendido do trabalho, e do ardor do Sol, juntamente com outros Segadores não conhecidos; e que acaso havião chegado áquelle sitio, descamsamdo, e refrigerando-se hum pouco á fresca sombra de huma arvore; trazendo occupada sua alma, como sempre em á tenção amorosa da divina presença. Os outros, que nenhuma noticia então tinham da bondade de Benedicto, levados como rapazes, sem freyo algum, que os tivessem á mão, da indiscreta licença, e licencioza indiscrição de villãos jogos o escarnecião muy deveras, e o picavão com chanças, e motes brulescos; dando-

lhe para elles motivos mais que bastantes o azevexado de sua cor, e o absorto, e extatico de seus enganados pensamentos. Alegrava-se muito das zombarias que lhe fazião, e improprios, que

Página 21

Que em o rosto lhe lançavão, o paciente Mancebo. E daquelle interno gozo, que sua alma sentia, resultavão-lhe muy alegres reflexos em a agradavel cara; nem fazia mais, que com grande serenidade modestamente rir-se; dando a entender, e manifestando em o aprazivel do rizo o interior regozijo, que sentia sua alma daquelle seu desprezo, que aos outros servia de passatempo. Sinal muito evidente de sua grade mansidão, e humildade; duas azas com q pulsamos sempre todos os movimentos de seu coração, nunca sahião daquelle composto, e inalteravel animo.

20 Mas aquelle Deos, que não deixa á escuras a virtude escondida de seus Servos, descobrio por outra bocca o que callava a sua; sobrando por mayor honra, em gloria deste illustre Mancebo , que naquela occasião \_\_\_ por alli o affamado Ermitão Fr. Jeronymo Lança, que desde sua Ermida a humas deligencias se chegava á Villa de S. Fradelo, [nome que vulgarmente dão a esta Villa, e assim mesmo com este appellidão ao nosso Santo, sendo que o verdadeiro he S. Philadelphio, como consta da sentença, e processos para a sua Canonização; porem como fique isto advertido aqui com o nome vulgar, discorrey nas mais vezes, que houver de nomear esta sua Patria

Página 22

e reparando em Benedicto aquelle tão calado sofrimento; convetendo-se aos que tão descaradamente o injuriavão, não menos que por divina inspiração, lhes annunciou sua futura santidade com estas palavras: Irmãos, não escarneções deste Negro, que daqui a poucos annos o sabereis pela fama quem he. Deixando a todos muito admirados a seguridade deste claro persagio, pelo conhecido, que era universalmente a virtude deste Santo Varão.

21 Sentio-se ferido com estas palavras em o intimo de sua alma o Santo moço, e dahi ao diante muitos repetidos impulsos em o secreto de seu coração o indusião a deixar o seculo; ouvia em seu interior, como gritaria de muitas partes, que davão vozes a bem diversos caminhos; porem não descobria o que havia de tomar, nem acertava a qual sagrado de Religião devia escolher. Levantando pois ao Ceo seu espirito, invocava frequentemente o soberano Auxilio, pedindo ao Senhor lhe declarasse a Senda mais segura, por donde correrião, para acha-lo mais depressa seus passos. Recebeu esta Oração pura, e fervoraza em seu regalado ceyo a misericordia Divina;

e claramente fallando-lhe por bocca do já expressado Ermitão, ser sua vontade, que vendidos os dois boyzinhos, seguisse a vida Eremitica em a soledade, e Dezerto.

Página 23

Foy tão obediente a esta vocação Divina, que sem demora a executou, deixando Pays, Irmãos, Patria, e fazenda, e tudo quanto por appeticivel, e amavel pertende o coração humano, e voando com azas de candida pomba a fazer ninho em ás aridas pedras, e em obscuro de solitarias covas; como quem bem sabia, que semelhanes vozes do Ceo não pedem esperas, nem peresoza tardança.

22 Com incrível gosto receberão em sua companhia os bons Ermitaens de S. Domingas o moço Benedicto, e a poucos dias experimentada sua amavel familiaridade, e seus innocentes costumes, e muito mais suas heroycas virtudes, consentirão todos, que o Veneravel P. Fr. Jeronymo seu Fundador lhe vestiste o habito de Frade Ermitão de S. Francisco, e deste principio a seu Noviciado, como com os demis se a costumava. Logo, que chegou a seus Pays esta feliz noticia, tão longe estiverão de empugnam-no, ou contradizer-lhe sua vontade, que antes para que se comprisie a Divina em seu filho, lhe derão sua benção muito contentes, esperando na misericordia de Deos, havia de ser para mayor honra, e gloria sua.

23 Instruido o fervoroso Noviço Benedicto, pelo P. Fr. Jeronymo seu Padre, e Director, em a Regra Constituições, e costumes santos

Página 24

Daquella Religiosa, e solitaria commuidade; applicou-se a ellas com tanto cuidado, e affecto, que em breve dias podia ser já Mestre, o que apenas havia principiado a ser discipulo. Para lavrar o panal da perfeição de sua alma, colhiia como sollicita abelha o mais doce das flores das virtudes, que mais fragrancia exhalavão em seus companheiros; com que veyo a ser o exemplo, e admiração de todos aquelles insignes Varoensm sobre-sahindo na asperera de vida, e a pobreza, abstinencia, jejunsm Oração, e de mais exercicios entre tão admiraveis sugeitos, de sortem que parecia já de robustos membros sua virtude, quando se poz menina a chupar o leite da disciplina Eremitica. Completo o tempo de seu Noviciado, professou em mãos do mesmo P. Fr. Jeronymo seu Prelado com summo agradecimento, e jubilo de sua alma, dando infinitas graças a Deos, por havr-lhe feito favor de recebe-lo em a fagrada Não da Religião, para buscar o sguro porto, e evitar com ella hum mar tão cego, como he o mundo, seus perigos, e tempestades.

24 Vendo-se já em tão alto estado, sagradamente ligado com os suaves vinculos dos solemens votos, nosso Professo, se apartou sua consideração de maneira, que tirando fogo em a

Página 25

Vontadem principio a arder em novos dezejos da Religiosa perfeição, morte do homem sensível e vida do espiritual, a qual anhelando, e discorrendo já modos, já caminhos, já empregos, em que poder mais agradar a seu Deos; alentou-se (ou digamos) adiantou-se \_\_\_ nella, que foy hum vivo prodigio daquele ditozo seculo; não menos, que hum assombro daquelas bemaventuradas selvas. Ajuntou rigores, aumentou penitencias; descoberta sempre a cabeça, por mais intenso, que fosse o Sol, e ásperos os ventos, e descalço por abrolhos, e nevesm costume, que observou até à morte. Hum pedaço de pão duro, e de-rála, e algumas vezes humas pucas ervas, e limitada porção de agua era seu ordinário alimento, e isto huma só vez ao dia, sendo os jejuns, as disciplinas, e cilícios seu mais quotidiano sustento. Andou por quatro anos contínuos á imitação do glorioso São Paulo primeiro Ermitão, tão somente cuberto de huma áspera túnica, que teceu com suas mãos de folhas de palma; ainda que conhecendo, que não lhe permitião este excesso as inclemências dos ares daquele sessa, levou-a sempre depois debaixo do habito, duramente sua vida. Em fim querreava sua caridade servente, que não achava lemite com a própria carne; por preserva-la assim

Página 26

de alguma corruptível mancha; e tratava com incrível aspereza, por ensinalla a ser escrava do espirito, e para gozar nesta mortal vida da Celestial, e Angelica, passava em continuas vigílias, e em claros dias de contemplação quase todas as noytes, concedendo a necessidade do corpo hum brevíssimo descanso sobre a dura terra; e pro não usurpar-lhe hum instante de tepo a negligencia, ou o ócio, ocupava-se ás vezes em fazer bassouras, e cestos, não dando gênero algum de alivio, ou tregoa a sus martirizados membros.

25 Não se ponderão aqui individualmente cada huma de suas especiaes virtudes, nem o alto gráo, ao qual subio, proque em os seguintes Capitulos se tratará de todas, as que esplandecerão neste Celestial Varão, que forão tantas, e taes (como se verá) que não as pode esconder aquelle oculto, e retirado Dezerto. Extendeu-se sua soberana luz pelos povos circumvezinhos; e divulgando-se por toda aquella Comarca a fama de sua santidade, passou a tanto o conceito, e a opinião, que formarão dela, que cada qual que o podia ver, ou falar-lhe, se tinha por ditozo. Acreditou-a também o Senhor com prodigiosos sucessos, como o da cura repentina, que por sua devoras Oraçoens obrou em huma das pernas de Fradelo Scallone,

Página 27

Que de muito tempo a tinha inchada, e delorida, ficando livre daquele penozo e envelhecido achaque, com só encomendar-se a este seu servo; não havendo antes sido poderoso remédio algum, para que se abrandasse aquella dureza, que lhe cauzava tanta penalidade, e tormento. E co outro be admiravel, que se conta de hum cabasinho de uvas, digno de toda a ponderação, respeito a adominavel piedade de alguns; que este nomme merece o que se exercita com a liberdade do alheyo. Trouxe hum dia certa pessoa de esmolla algumas uvas áquela religiosa Commuidade, e solitaria Familia dentro de hum cabasinho. Recebeu-as o Servo de Deos, que por Divina disposição se achava á porta, e apartando dellas huns poucos de cachos, deu ao portador os demais, dizendo-lhe: que agradecia tão somente aquelles, que erão da sua vinha, porem, que levasse os que erão da albeya, que não convinha admitilos; e posto que lho disse com aprasivel agrado, ficou o homem aturdido, e palmado; e depois como testemunha de tal maravilha, estendeu sua fama entre muitas pessoas, publicando a santidade de Benedicto por muito singular, e portentosa.

26 Era já tão geram em os moradores daquela Comarca a devoção, que tinham ao Servo de Deos, e tão frequente o concurso à Veneravel

Página 28

Ermida, que cuzava grande inquietação ao retiro, e silencio daquela COmmuidade, e não achamdo meyo congruente para evitalo; de commum consentimento a deixarão todos, e se passarao a outra mais solitaria do Rio Platani, perto da Villa de Refaudal. Nesta terra não parando unca seu curso o caudelozo Rio de virtudes do incomparavel Benedicto, devirtio suas aguas, e as fecundou, e fez florecer, e frutificar com obras de justiça, e piedade em tal maneira, que não podendo em outra forma empedir a frequencia do Povo, que avisitalo acudia, virão-se necessitados a occultamente escaparem dellas; e fazer alto. E escolher par sua habitação os horriveis penhascos, e profunda covas de outra soledade chamada Mancusa, em a Comarca de Partenico, não muito distante da terra de Carini, lugar muy povoado, distante cinco legos da Cidade de Palermo; sitio muito aspero, intractavel, e exposto aos rigorozos frios, destemperados ares, e á ferocidade dos lobos, e de outros animaes, que em grande multidão alli se crião muito ferozes; ainda, que muito adquado aquietação, e socego da alma, para levantala, como em hombros da contemplação, aescada singular do Ceo.

27 Aqui fundou depois hum Convento, e outros edificios este bemdito Negro; e começando

Página 29

A derramar, como em a demais partes, a suavissima fragancia de sua santidade, em particular com a occasião, que tinha de acudir á terra de Carini pela esmolla acostumada; veneravão-no aquelles povo como Anjo do Ceo, achando nelle os pobres Pays, seu desafogo os afflictos, seu remedio os enfermosm seu soccorro os necessitados; e sendo por ultimo o consolo espirital, e temporal de todos. Augmentou-se tambem muito mais esta singular devoção à vista das milagrosas saudes, que Deos obrou por sua intercessão, e meritos, e entre ellas foy muito portentosa a que com só o saudavel final da Santa Cruz, que com sua bemdita mão fez, instantaneamente alcançou ceta mulher de hum irremediavel, e prolixo Cancro, que tinha em o peito. Com que se fez tão celebre aquella desconhecida Ermida; e acudia tão numeroso concurso avizitar ao servo de Deos, que lhes foy preciso a todos o mudar de sitio.

28 Foy o que elegerão a afamada montanha do Peregrino , escolhendo em sua elevada altura distancia de meya legoa de lua falda, na volta que dá para o Norte ( em aquelle tempo muito povoado de ancinhas de grande antiguidade , e eftatura ) mais perto a celebrar Gruta , que foy muito antes ditosa estancia, feliz morada , e glorioso Sepulcro , que conservou quasi cinco seculos em

Página 30

os em seu centro escondido o preciozissimo thesouro do corpo da heróica penitête, Virgê, e Anacoreta Santa Rofalia , natural, e principal Patrona da Cidade de Palermo , que esta situada na sobredita distancia deste monte. Junto à bemaventurada Espelunca fabricarão huma pequena Igreja, collocando nella a imagem desta prodigiosa Virgem ; habitando em varias covas , que a rodeaõ ; e o Servo Deos huma, que fica defronte da santa Ermida para a parte Occidental do monte, em cujas ruínas, ainda dura a memoria, que escuresse o tempo em a dos homens -, ate que a piedade do Excelentissimo D. Joaõ de Lacerda, Duque de Medina-Celi , Vice-Rey entaõ do Reyno de Sicília ( que o foy oito annos, desde o de 1556. ) lhes edificou hum Convento perto della, pela grande devoção que tinha a este Santo Varaõ ; attento a hum Breve Pontifício, que lhes ordenava, não vivessem mais separados, como até aquelle tempo haviaõ feito , senaõ unidos todos hum mesmo lugar.

29 Não ha sido fácil ajustar os annos , que em cada huma destas quatro Ermidas moraraõ ; o certo he, que desta ultima passou Fr. Benedicto ao Convento de N. Senhora da Daina em a terra de Marinéo fundado debaixo da mesma Regra ; e que depois de hum anno, e nove...





**PUCRS** | ESCOLA DE HUMANIDADES



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)